CRISTIANE RAMOS VIANNA JOÃO

TERRA DO SAL

PROJETO DE UM MUSEU DO SAL EM PRAIA SECA
ARARUAMA - RJ

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais, da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre.

ORIENTADORA: Profª. Drª. Luciana Quillet Heymann

RIO DE JANEIRO

2012

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

João, Cristiane Ramos Vianna
Terra do sal : projeto de um Museu do Sal em Praia Seca, Araruama-RJ / Cristiane Ramos Vianna João. – 2012.
134 f.

Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.
Orientadora: Luciana Quillet Heymann.
Inclui bibliografia.

1. Museus – Projetos e construção – Praia Seca (Araruama, RJ). 2. Salinas – Praia Seca (Araruama, RJ). 3. Projetos culturais. 4. História oral. I. Heymann, Luciana Quillet. II. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 069

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

CRISTIANE RAMOS VIANNA JOÃO

TERRA DO SAL: PROJETO DE UM MUSEU DO SAL EM PRAIA SECA, ARARUAMA, RJ.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

Data da defesa: 29/03/2012

Aprovada em:

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Luciana Quillet Heymann

Orientador (a)

Paulo Roberto Ribeiro Fontes

Myrian Sepúlveda dos Santos

DEDICATÓRIA

O meu trabalho é dedicado à minha mãe Marina, aos meus irmãos Carlos Alberto e Ary Márcio e ao meu marido Sergio.

É dedicado especialmente ao meu filho Joé, meu maior patrimônio.

AGRADECIMENTOS

À professora Luciana Quillett Heymann, professora querida, que me orientou com paciência, atenção e valiosas críticas.

À todos os meus professores do curso de mestrado, pelas aulas tão enriquecedoras.

À professora Myrian Sepúlveda dos Santos e ao professor Paulo Fontes, membros da banca de qualificação, que muito contribuíram para a condução deste trabalho.

À professora Deusana Machado que me aceitou como aluna externa no curso de mestrado da UNIRIO e pelas aulas tão especiais.

Aos meus colegas do curso, especialmente Lenora Schwaitzer, sempre prestativa.

À Vera Tostes, Beatriz Caldeira e Luis Antonelli, meus superiores no Museu Histórico Nacional, obrigada pelo apoio e compreensão.

Aos meus amigos do Museu Histórico Nacional que muito me apoiaram nos 2 anos de mestrado, especialmente Liane Maia, Vera Lima, Vivian Greco, Maurício Marinho, Marcela Bacha, Priscila Morett, Mayara Oliveira, Rafael Zamorano, por toda a ajuda recebida.

À amiga Aline Montenegro, grande incentivadora deste projeto, antes mesmo dele começar.

Um agradecimento especial aos entrevistados Tostão, Luiz Guilherme, seu Laurindo, seu Carlinhos, Menésia Moreira. E ao seu Waldir Luiz, que me forneceu muitas informações.

À Neila Antunes, seu Aldir Antunes e Dea Reveles, por me cederem informações e fotografias para este trabalho.

Ao João Luiz Barboza e João Christóvão que gentilmente cederam seus estudos para minha pesquisa.

Agradeço a todos que cuidaram do meu filho para que eu pudesse levar o estudo adiante e a todos os meus amigos que torceram por mim.

Finalmente agradeço à minha família pelo amor, incentivo, apoio e compreensão.

A Deus, acima de tudo.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo propor a criação de um Museu do Sal na localidade de Praia Seca, Araruama- RJ. O museu tem como objetivo pesquisar e comunicar as memórias sobre os saberes e fazeres da atividade salineira e a história da formação da localidade de Praia Seca. Pretende compartilhar com os princípios da Nova Museologia quanto ao seu plano de integração ao meio-ambiente e à participação ativa da comunidade de Praia Seca. O acervo a ser constituído contará principalmente com depoimentos de diferentes atores participantes da história da atividade salineira de Praia Seca, utilizando a metodologia da história oral. Pretendemos que o Museu do Sal seja um "lugar de memória" e que a relação dele com a cidade contribua para a valorização das memórias e a escrita da história local assim como o desenvolvimento e dinamismo do lugar.

Palavras-chaves: Sal; Museu; Memória; Praia Seca; Araruama.

Abstract

The present thesis proposes the creation of a Museum of the Salt at the location of Praia Seca, City of Araruama, Rio de Janeiro. The Museum aims to search and communicate the memories about the knowledge and expertises of the salt-making activity and the history of the formation of the Praia Seca locale. Intends to encompass the principles of the New Museology regarding its integration plan to the environment and the active participation of the community of Praia Seca. The acquis will mainly be formed by testimonials from different actors who participate in the history of the salt-making activity at Praia Seca, using the oral history as methodology. Our goal is the Museum of the Salt become a "place of memory", besides its relationship with the city come to contribute to the appreciation of the memories and the writing of the local history as well as the development and dynamism of that locale.

Keywords: Salt; Museum; Memory; Praia Seca; Araruama.

SUMÁRIO

I. Introdução_____ 10

1. Capítulo I: Praia Seca ontem e hoje- Um retrato das salinas_____ 20

1.1 Um pouco da história de Araruama_____ 20

1.2 Formação das salinas de Praia Seca até os dias de hoje_____ 26

1.3 As entidades de apoio e desenvolvimento salineiro_____ 37

2. Capítulo II: O Museu do Sal:eixos narrativos_____ 43

2.1 Sobre os primeiros tempos_____ 44

2.2 A formação social de Praia Seca através da atividade salineira_____ 46

2.3 Sobre o trabalho nas salinas_____ 54

2.4 Como se constrói uma salina?_____ 58

2.5 O funcionamento da salina_____ 62

2.6 Os saberes e fazeres salineiros_____ 65

2.6.1 O operador de água_____ 65

2.6.2 O contratante_____ 66

2.6.3 Os operários_____ 67

2.6.4 O técnico dos moinhos_____ 69

2.7 Agora, outros tempos_____ 72

3. Capítulo III: O Projeto do Museu do Sal_____ 75

3.1 O Museu do Sal_____75

3.2 Implantação do Museu do Sal: Plano Museológico_____ 79

3.2.1 Definição_____ 79

3.2.2 Missão_____ 80

3.2.3 Justificativa_____ 80

3.2.4 Objetivos_____ 81

3.2.5 Objetivos Específicos_____ 82

3.2.6 Implantação física_____ 83

3.2.7 Acervo_____ 85

3.2.8 Exposições e eixos narrativos_____ 86

3.2.9 Demais atividades_____ 87

3.2.10 Parcerias_____ 88

Considerações Finais_____ 90
Referências bibliográficas_____ 92
ANEXO I – Entrevista concedida à autora pelo senhor Herminio Fernandes de Carvalho_____ 98
ANEXO II – Entrevista concedida à autora pelo senhor José Carlos de Oliveira_____ 124

INTRODUÇÃO

> Inutilmente, magnânimo Kublai, tentarei descrever a cidade de Zaíra dos altos bastiões. Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada [...] mas sei que seria o mesmo que dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado; o fio esticado do lampião à balaustrada em frente e os festões que empavesavam o percurso do cortejo nupcial da rainha; a altura daquela balaustrada e o salto do adúltero que foge de madrugada; a inclinação de um canal que escoa a água das chuvas e o passo majestoso de um gato que se introduz numa janela; a linha de tiro da canhoneira que surge inesperadamente atrás do cabo e a bomba que destrói o canal; os rasgos nas redes de pesca e os três velhos remendando as redes que, sentados no molhe, contam pela milésima vez a história da canhoneira do usurpador, que dizem ser o filho ilegítimo da rainha, abandonado de cueiro ali sobre o molhe. [...] A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. (CALVINO, 1990, p. 14).

O trecho da obra de Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*, nos ajuda a refletir sobre o patrimônio das cidades. Partilhando do olhar de Marco Polo sobre Zaíra, podemos inferir que a cidade não é feita apenas de paisagens e edificações, mas, primordialmente, das experiências humanas a elas relacionadas. Nessa perspectiva, a preservação do patrimônio pode não fazer sentido se for centrada apenas em seu caráter material, principalmente quando o que está em jogo são as memórias dessas experiências humanas passadas, como a história contada pela milésima vez por pescadores de Zaíra. A proposta de criação de um museu em Praia Seca nasceu inspirada por essas reflexões.

Meu objetivo, com essa dissertação, é apresentar o projeto do Museu do Sal, esboçando as suas linhas mestras e definindo alguns dos eixos temáticos que deverão funcionar como linhas de pesquisa do futuro museu. Além de investir em uma narrativa histórica, que ilumine a trajetória da localidade e da atividade salineira, pretende-se articular vestígios tangíveis e lembranças de diferentes vivências locais na constituição de um lugar de memória e de história no município de Araruama.

Lugar predominantemente turístico, Praia Seca é dotada de uma grande beleza natural, plena de potencialidades, mas que ainda é pouco conhecida e aproveitada. As salinas são marcantes na paisagem, pelos seus imensos espelhos de água salgada, pelos moinhos de vento e seus armazéns de sal.

Com a vinda de portugueses, principalmente das cidades de Aveiro e Figueira da Foz, no fim do século XIX e início do século XX, e, posteriormente, com a chegada de migrantes de outras partes do Brasil, a exemplo de Campos dos Goytacazes e Espírito Santo, este setor se desenvolveu muito na região. As famílias portuguesas fixaram-se na terra e as salinas passaram de geração em geração, assim como a tradição, os saberes e fazeres dos salineiros, uma vez que a atividade é totalmente pautada na produção artesanal.

A produção do sal já foi a principal atividade econômica do município de Araruama e um dos fatores mais importantes no desenvolvimento da região, com maior ou menor expansão ao sabor das crises e conjunturas. Pode-se afirmar que este setor vivia em plena expansão, até meados da década de 1970, quando teve início um processo gradual de decadência na produção artesanal do sal. Nesse período, muitas salinas viraram loteamento, com a consequente migração da mão de obra para a construção civil.

Sou arquiteta e trabalho no Museu Histórico Nacional/IBRAM, na área de Dinâmica Cultural, onde desenvolvo projetos museográficos de exposições de curta e longa duração e

de exposições itinerantes. Pessoalmente, meu interesse na preservação das salinas e do patrimônio salineiro justifica-se na medida em que sou integrante dessa comunidade, com parentes ligados à atividade salineira. Sendo uma profissional da área da cultura, procurei no Mestrado Profissional do CPDOC/FGV o conhecimento teórico e o contato com diferentes metodologias voltadas para o campo da memória, de maneira a reunir melhores condições de levar adiante meu intento preservacionista. O projeto de criação do Museu do Sal se constitui no primeiro passo para a concretização da ideia.

Em primeiro lugar, é importante dizer que minha preocupação em preservar a paisagem das salinas, bem como seu patrimônio cultural, vai ao encontro de uma demanda da própria comunidade. Há diversas iniciativas, oriundas de diferentes atores sociais, que se mobilizam para divulgar às futuras gerações aspectos dos saberes e fazeres ligados à atividade salineira. [1] Acreditamos que essas iniciativas indicam o desejo da comunidade local de exercer seu direito à memória (Cf.: CHAGAS, BEZERRA, BENCHETRIT, 2008, p. 9). Nesse sentido, a criação de um museu pretende funcionar como uma proposta com potencial para catalisar os esforços de diferentes grupos e entidades, e como um espaço dinâmico de troca de experiências e expectativas.

Para formular a proposta do Museu do Sal lançaremos mão de bibliografia sobre a história da formação do município de Araruama e das salinas, e de depoimentos de membros da comunidade que, somados aos acervos documentais, constituem fontes importantes para contar a história das diferentes correntes migratórias que contribuíram para o desenvolvimento da economia salineira, a história da produção do sal e da própria constituição de Praia Seca.

[1]São exemplos ações educativas levadas a cabo por escolas da região, por empresas que investem em estudos sobre as salinas e sua biodiversidade e iniciativas de salineiros, realizando projetos educacionais em suas próprias salinas, divulgando os saberes ligados à produção do sal, como é o caso de Hermínio Fernandes de Carvalho.

Segundo Heymann (2007) “a relação entre memória e identidade é um tema clássico nas ciências sociais, já que os grupos se constituem, também, em função de uma memória comum”. Quais as representações dos herdeiros da tradição salineira com relação a essa atividade hoje? O que projetam como futuro para as salinas? Para compreendermos como o universo das salinas está presente na memória e no imaginário das pessoas envolvidas, realizamos algumas entrevistas com moradores da localidade de Praia Seca. Esse material não apenas nos ajudou a identificar os temas recorrentes com relação ao passado e ao presente da atividade salineira, orientando o projeto do Museu do Sal, mas também constitui o início do acervo de história oral a ser produzido, armazenado e disponibilizado no museu.

Ouvindo histórias para construir um museu

A escolha dos entrevistados foi realizada com base em um levantamento prévio das pessoas envolvidas em diferentes níveis da atividade salineira. Foram ouvidas pessoas com perfil diferenciado, para tentarmos fazer um panorama mais abrangente das memórias do sal em Araruama. Realizamos quatro entrevistas gravadas e outras, de caráter mais informal, que tinham como objetivo nos ajudar no mapeamento dos diferentes grupos e personagens a serem ouvidos.

As entrevistas e conversas foram merecedoras de nossa atenção e credibilidade, embora muitas vezes o entrevistado misturasse o hoje com o ontem, o tempo vivido por seus antecessores com a sua própria trajetória. Sabemos que a memória se constitui por meio de processos dinâmicos, recorrendo tanto a vivências pessoais como a testemunhos de terceiros, sendo elaborada constantemente e de acordo com as condições de sua própria enunciação. As entrevistas que realizamos até agora deixaram claro o interesse no registro dessas memórias

para o entendimento dos fatos passados e, sobretudo, das representações que orientam o "estar no mundo" dessa população. Todas as entrevistas gravadas foram transcritas.

Começamos com Hermínio Fernandes de Carvalho. Mais conhecido como Tostão, tem 62 anos e é dono de salina. Nossa escolha por ele para iniciarmos nosso projeto justifica-se por se tratar de uma pessoa com vivência em várias fases da história da atividade salineira. É descendente de português salineiro, como três outros entrevistados, tendo começado sua vida profissional aos oito anos na salina de seu pai, um ex- prefeito do município. Formou-se em Estatística e voltou a trabalhar na salina, depois de ter passado por empresas privadas no Rio de Janeiro. Hoje ele é um salineiro atuante, proprietário da salina Vigilante, uma das poucas preservadas em Praia Seca. Além disso, trata-se de um amigo de família, que poderia mediar os contatos para as outras entrevistas que travamos ao longo desta pesquisa. O fato de possuir uma salina preservada, onde estão sendo desenvolvidos estudos com profissionais do Instituto Estadual do Ambiente – INEA e da Petrobrás, acerca dos estromatólitos,[2] e de ele próprio desenvolver atividades de visitação à salina com as escolas locais também reforçaram a escolha do entrevistado. Seu depoimento foi usado em todos os capítulos.

O segundo entrevistado foi o senhor Laurindo Saraiva. Neto de português, morador de Praia Seca, nascido e criado nessa localidade, pode ser considerado um representante da classe operária. Trabalhou nas salinas dos 8 aos 56 anos, passando por todas as etapas da produção de sal. Começou a trabalhar junto com seus irmãos na salina onde seu pai trabalhava. Com ele aprendeu os saberes e fazeres da profissão, tornando-se, tempos depois,

2 Estromatólitos são considerados a mais antiga evidência macroscópia de vida na Terra. São estruturas muito raras construídas pela ação de bactérias. Sua composição pode variar, mas na Restinga de Massambaba são encontrados estromatólitos compostos por dolomita, um carbonato de cálicio e magnésio. Existem três ocorrências de dolomitas no tempo recente: na Lagoa Vermelha (Restinga de Massambaba), em Sabkha, Abu Dhabi e em Coorong, Austrália. Seu estudo pode favorecer entendimentos da evolução da vida e têm ainda uma importância adicional, porque rochas similares a estromatólitos constituem os reservatórios de petróleo na camada do pré-sal. Fonte: www.caminhosgeologicos.rj.gov.br.

contratante da salina da família Carvalho.[3] Com o seu pai aprendeu também a construir salinas. Na entrevista, seu Laurindo fala com orgulho sobre esse conhecimento, deixando claro que poucos sabem como uma salina é feita e como é interessante o seu funcionamento. Ele também é pescador. A pescaria, junto com o sal, são referências locais. O depoimento do seu Laurindo acrescentou dados importantes quanto à questão da organização do trabalho nas salinas e à vida social.

Também utilizamos o depoimento do senhor José Carlos Oliveira, torneiro mecânico, atualmente o único profissional que opera com os moinhos de vento. Aprendeu com o avô português a técnica necessária para o conserto e o fabrico de moinhos. Sua paixão pelos moinhos e pela história do sal de Araruama o fez comprar e armazenar em sua casa diversos moinhos e peças antigas, datadas do início do século XX, para a futura aquisição por parte de algum órgão interessado na preservação da história salineira.

Luiz Guilherme Antunes de Souza é atualmente coordenador da subprefeitura de Praia Seca. Bisneto de um salineiro português pioneiro, já administrou a salina Espírito Santo, pertencente à sua família. Foram utilizados trechos de seu depoimento ao longo do trabalho.

A professora Menésia Maria de Oliveira Moreira dirige a Praça Escola Comandante Sérgio Ribeiro de Vasconcellos, situada em Praia Seca, e desenvolve um trabalho de valorização das tradições locais, como a pescaria e a atividade salineira, através do projeto de visitas realizadas por "guias mirins" formados em sua escola.

Alberti afirma que devemos atentar para "a posição do entrevistado no grupo e o significado de sua experiência" na definição daqueles que serão ouvidos em um projeto de história oral (ALBERTI, 2005, p. 31). Pelo papel que cada entrevistado assume na

[3] Segundo Hermínio de Carvalho, o Tostão, contratante é aquele que faz um contrato com o dono da salina para explorá-la e reparte com o proprietário o resultado da comercialização do sal, geralmente 50% da arrecadação. O dono da salina fornece o terreno da salina, uma casa e fica ainda encarregado da manutenção dos moinhos (Entrevista realizada em 26/06/2011).

comunidade, suas iniciativas e experiência, pudemos ter uma ideia das demandas sociais pela criação de um museu dedicado à atividade salineira e das diferentes memórias que estão em jogo nesse processo.

A perspectiva de construção de um lugar de memória em Araruama pode parecer muito fundamentada no que José Reginaldo dos Santos Gonçalves denomina de *retórica da perda*, quando analisa as políticas de preservação levadas a cabo pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (GONÇALVES, 1996). E não podemos negar que é esse o discurso que mobiliza muitas iniciativas locais, como será possível perceber ao longo do trabalho. O medo do desaparecimento das salinas e do patrimônio cultural salineiro frente ao avanço da especulação mobiliária, ao desenvolvimento do turismo e à decadência econômica do sal da região, faz com que algumas pessoas se lancem em projetos educativos para "salvar" uma paisagem, um estilo de vida. Entendemos que os esforços preservacionistas são um dos caminhos possíveis, um caminho que vem sendo bastante percorrido no contexto de "febre" de memória que caracteriza o nosso tempo.[4] Mas trata-se, não há dúvida, de um movimento legítimo da comunidade que se identifica com a cultura do sal e deseja preservar a memória e os conhecimentos a ela ligados.

Para elaboração do projeto do Museu do Sal, além das entrevistas, realizamos também o levantamento e a análise de fontes de natureza documental encontradas em instituições como o Arquivo Nacional, o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV). Com essa pesquisa, foi possível reunir informações sobre a chegada de portugueses à Araruama, vindos

[4] Entre os autores que discutem a questão da memória na atualidade podemos citar Meneses(2011), Huyssen(2000), Halbwachs (1990), entre outros.

da região de Aveiro e Figueira da Foz, bem como sobre o cultivo do sal na Região dos Lagos fluminense. Dados econômicos sobre a produção do sal na região também foram levantados em órgãos especializados como o Instituto Brasileiro de Economia (IBRE/FGV).

Outras pesquisas documentais foram realizadas no Centro de Memória de Araruama e em acervos particulares de famílias de salineiros, nos ajudando a conhecer a trajetória das salinas da região em profundidade. Parte desses acervos já se encontra disponibilizada para integrar o Museu do Sal.

Constituíram fontes importantes para o nosso trabalho as teses de doutorado de Maria de Freitas Campos "*Entre lembranças e desejos de mudança: transmissão cultural e crise do sal em Praia Seca, RJ*", de 1999, e a de Walter Luiz Pereira, "*Cabo das tormentas e vagas da modernidade: uma história da Companhia Nacional de Álcalis e de seus trabalhadores*", de 2009. Além disso, foram cotejadas também as dissertações de mestrado de João Luiz Domingues Barbosa, "*Naquele tempo, era uma família só: Uma análise sobre a família e mudança social no município de Araruama/RJ"*, de 1996, e a de João Christóvão, "*O Sal e o Turismo em Cabo Frio*", de 2011. Todas abordam, de alguma forma, a questão salineira na Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro, na qual Praia Seca está localizada.

No Museu do Sal, pretendemos trabalhar com o patrimônio material e imaterial da comunidade de Araruama, mais especificamente, de Praia Seca. Embora não façamos uma separação rígida das duas tipologias de patrimônio, é perceptível, na população, a maior valorização dos saberes, dos fazeres e das memórias do que das edificações e dos objetos das salinas. Mas as materialidades desses lugares ganham sentido a partir das relações que a sociedade estabelece com eles, e por isso, constituem dimensão importante do patrimônio local – da mesma maneira que os espaços e paisagens de Zaíra se tornam compreensíveis a partir das histórias de vida neles passadas.

Para pensarmos o patrimônio a ser preservado e divulgado no Museu do Sal, continuamos a refletir com Gonçalves quando afirma:

> O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo constrói, forma as pessoas. (Ibid, p. 27).

Pensando patrimônio nessa direção, o primeiro capítulo aborda a ocupação de Praia Seca e contém uma breve história da produção do sal na região. O levantamento histórico feito até o momento serviu não apenas para a elaboração desse pequeno resumo histórico, mas para indicar as lacunas que deverão merecer atenção no futuro Museu. O levantamento de novas fontes, a elaboração de uma cronologia, a comparação entre a produção nacional e o mercado internacional etc., constituem possíveis desdobramentos das atividades de pesquisa a serem desenvolvidas no âmbito da instituição.

O segundo volta-se para os futuros eixos narrativos do Museu do Sal. Um deles aborda a história local com base nas memórias dos habitantes e nos documentos pesquisados. Os outros se relacionam às diferentes memórias sobre as atividades salineiras, representativas das diferentes posições ocupadas pelos depoentes na comunidade salineira de Praia Seca. Também são abordados os aspectos relativos ao funcionamento de uma salina, como os saberes e fazeres envolvidos.

Por fim, o terceiro capítulo apresenta, propriamente, o projeto do Museu do Sal de Praia Seca. Abordamos as possibilidades de instalação física do museu, discursos museográficos, áreas técnicas, acervos possíveis, etc.

O que desejamos com a realização dessa dissertação de mestrado é estruturar um projeto de museu buscando apoio tanto em reflexões de natureza teórica quanto em levantamentos documentais e registro de memórias. Nosso desejo é que a população tenha finalmente o seu Museu do Sal, de forma a contribuir para a construção de memórias e identidades, para o desenvolvimento social e turístico local, e, sobretudo, para a escrita de novas histórias sobre o sal e a região.

CAPÍTULO 1

PRAIA SECA ONTEM E HOJE – UM RETRATO DAS SALINAS

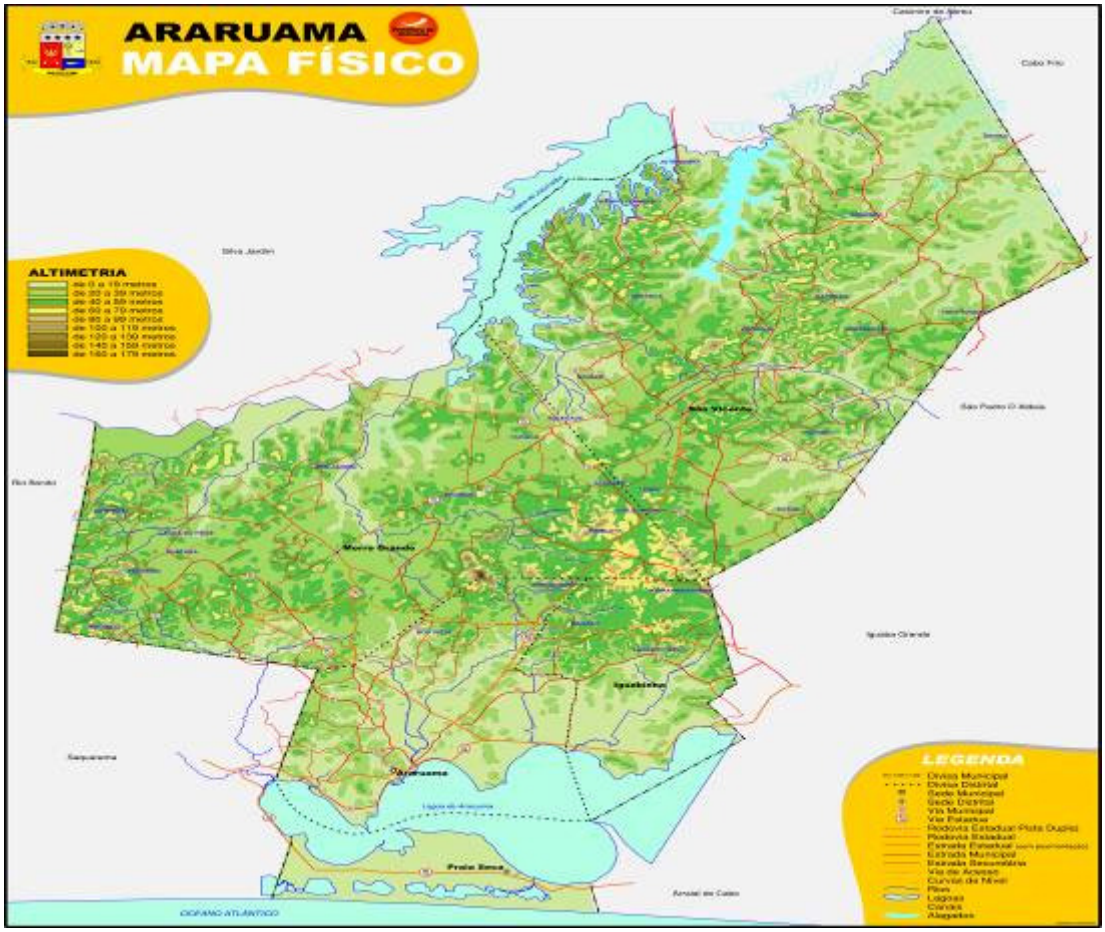
1.1 Um pouco da história de Araruama

O município de Araruama, onde se encontra o distrito de Praia Seca, integra a Baixada Litorânea do estado do Rio de Janeiro, mais conhecida como Região dos Lagos. Considerada uma das mais belas regiões do litoral fluminense, tem sua economia baseada no comércio e no turismo, sendo esta última a principal fonte de riqueza da cidade. Mais intenso no verão, o turismo se desenvolveu, sobretudo, após a inauguração da ponte Presidente Costa e Silva, popularmente chamada de Ponte Rio-Niterói, em 1974.

Araruama é o maior município da região, com uma área de 638.023km² (IBGE, 2010) e com uma população de 112.000 pessoas. Faz fronteira com Arraial do Cabo, Cabo Frio, Iguaba, São Pedro d'Aldeia, Saquarema, Rio Bonito, Silva Jardim e o Oceano Atlântico.

Araruama encontra-se localizada a apenas 110 km da cidade do Rio de Janeiro, capital do estado. O acesso ao município é realizado por dois eixos rodoviários, a Rodovia Amaral Peixoto, RJ- 106, e a RJ-124. Com relação ao acesso para o município, escreveu Ana Claudia Coutinho Viegas:

> Em termos de acesso por estradas à região, detectamos três marcos facilitadores das interações do município de Araruama como um todo com outras regiões: a criação da Estrada de Ferro Maricá, em 1887, com a posterior inauguração da Estação de Araruama, em 1913; a construção da Rodovia Amaral Peixoto, em 1941; e a construção da Ponte Rio-Niterói, em 1974. (SECRETARIA..., 1992c, p. 18).



Mapa físico de Araruama, retirado do site da Prefeitura Municipal de Araruama.
Disponível em www.araruama.rj.gov.br. Acesso em 01.ago.2011.

O território onde se encontra o atual município de Araruama fez parte da capitania de São Vicente, doada em 1534 a Martim Afonso de Souza. Pelas cartas de Sesmarias, o primeiro proprietário de terras compreendidas na atual cidade foi Manoel da Silva Riscado.

Pelo Alvará de 10 de janeiro de 1799, foi criada a Freguesia de São Sebastião de Araruama, que pertencia ao município de Cabo Frio, até que esta foi incorporada ao município de Saquarema, pelo decreto nº 628, de 17 de outubro de 1852. Em 22 de janeiro de 1890, a freguesia foi elevada à categoria de cidade.

A base econômica da região no período colonial era o extrativismo vegetal. Com o passar do tempo, a economia passou a ser basicamente agrícola, com ênfase nas produções de

café, cana de açúcar, milho e mandioca. No final do século XIX, com o declínio da agricultura cafeeira no estado do Rio de Janeiro, a economia de Araruama passou por sensíveis transformações.

Sobre Araruama nesse período, escreve Alberto Ribeiro Lamego:

> Simples aglomerações de pescadores à beira da [lagoa de] Araruama ou testemunhos de antigas fazendas na zona interna de lavouras [...] Em 1894, a sua população era de 9.526 habitantes. De suas lavouras de café já então quase nada resta. O milho e a mandioca são então a base de seu comércio, além da pesca. É que embora com uma retaguarda bem mais promissora para a agricultura que a dos dois outros municípios da laguna, os destinos da Araruama estão também intimamente ligados as suas salinas mais produtivas ali, nos fundos da laguna, pela maior concentração das águas represadas. (LAMEGO, 2007, p. 97).

O litoral de Araruama é banhado pelo Oceano Atlântico, e está situado em uma área marcada por planícies pouco onduladas, com pequenos acidentes geográficos. O morro mais alto é o Itatiquara, com 140m. No território existem vários rios e riachos, destacando-se os rios São João e Bacaxá. Entre as lagoas existem as de pequeno porte, como Juturnaíba, Pernambuca, Vermelha e Pitanguinha, mas a mais importante é a Lagoa de Araruama[5], a segunda em tamanho no estado do Rio de Janeiro, e a terceira em salinidade do país. Na verdade, a Lagoa de Araruama é o pilar da economia do município, sendo de extrema importância para o turismo.

> O que, porém, diferencia a Lagoa de Araruama das outras é a sua permanente ligação ao mar por um estreito canal: o Itajurú. Dele decorre toda a importância econômica da lagoa com suas salinas. Sem o mesmo "a Araruama, com toda a sua

5 A Lagoa de Araruama é caracterizada pela alta taxa de salinidade e pela temperatura agradável. Nos últimos anos, vem sendo recuperada de uma grande poluição e, hoje, suas praias já estão liberadas para o banho e os peixes voltaram às suas águas.

> imensa toalha de evaporação, não seria salgada, não existindo, por conseguinte, toda a sua indústria salineira". Seria como as Lagoas de Saquarema e de Maricá, "um vasto lençol de águas doces ou salobras", e não "um imenso reservatório de água salgada." (VASCONCELLOS, 1998, p. 56).

O município é formado por cinco distritos, dos quais três são urbanos: Araruama, a sede; Praia Seca (objeto do nosso projeto) e Iguabinha. Os outros dois são rurais e ocupam 70% do território, Morro Grande e São Vicente de Paula.

De acordo com sua formação histórica, ocupam uma ordem de importância que coincide com a de criação na organização da área municipal. O primeiro distrito, Araruama, é o mais habitado e onde se concentra a maioria dos serviços do município, como o comércio e instituições de saúde, educação, religiosas e de entretenimento. A maioria das praias da cidade está neste distrito.

O segundo distrito, Morro Grande, é caracterizado pela produção rural. Sua principal fonte de recursos é a citricultura. O terceiro distrito, São Vicente de Paula, também é caracterizado pela produção rural, pecuária, produção de cereais, cultivo de hortaliças e frutas cítricas. Localiza-se neste distrito a lagoa de Juturnaíba, formada pelos rios São João e Bacaxá. A lagoa possui uma barragem artificial, com um reservatório de acumulação que abastece as cidades de Araruama e Saquarema.

Essas duas regiões rurais abrigam sítios arqueológicos que remetem aos seus primeiros habitantes. Doze foram cadastrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN: Sítio Serrano, Sítio do Broca, Sítio Lagoa D'Anta, Sítio Venda Grande ou Três Vendas, Sítio Beira Mar, Sítio Pau Brasil, Sítio de São Vicente de Paula, Sítio

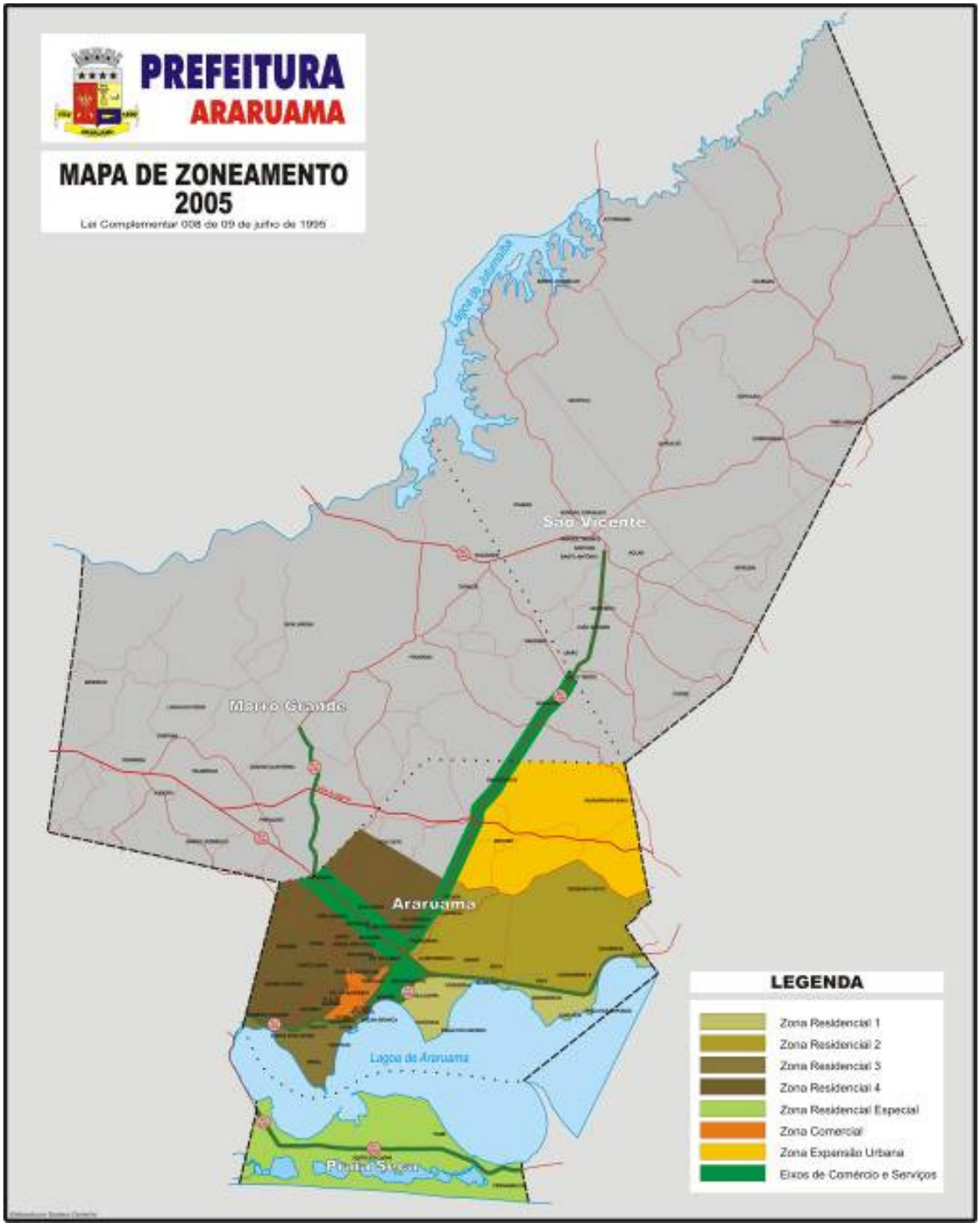
da Igreja, Sítio São José, Sítio A.1 (MHSRJ/CBA), Sítio Novo Horizonte e Sítio Morro Grande.[6]

Praia Seca é o quarto distrito, seguido de Iguabinha, o quinto e mais novo do município. Caracteriza-se por sua beleza natural, plena de potencialidades, mas ainda pouco conhecida e aproveitada. Suas salinas, com imensos espelhos de água salgada, moinhos de vento e armazéns de sal, já foram a principal atividade econômica do município de Araruama e um dos fatores mais importantes no desenvolvimento da região.

O distrito agora tem o turismo como principal atividade econômica. Nele estão praias banhadas tanto pela Lagoa de Araruama como pelo Oceano Atlântico. Situado em uma estreita faixa de terra entre a lagoa, na restinga de Massambaba, e o oceano, possui as lagoas Vermelha, Pitanguinha e Pernambuca. Abriga também a Área de Proteção Ambiental de Massambaba – APA de Massambaba, criada por decreto nº 9.529-c, de 15 de dezembro de 1986, delimitada em função da raridade de espécies vegetais, animais e ambientes ecológicos.

Recentemente, pelo decreto nº 42.929, de 18 de abril de 2011, foi criado o Parque Estadual da Costa do Sol, que abrange áreas dos municípios de Araruama (região de Praia Seca), Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Saquarema e São Pedro d'Aldeia. O parque tem por objetivo oferecer oportunidades de visitação, recreação, educação e pesquisa científica, além de possibilitar o desenvolvimento do turismo no interior do parque, conforme disposto em seu *Plano de manejo e atividades econômicas sustentáveis em seu entorno*.

[6] Fonte: htpp://www.iphan.gov.br. Acesso em 01.ago.2011.



Mapa de zoneamento de Araruama, retirado do site da Prefeitura Municipal de Araruama.

Disponível em www.araruama.rj.gov.br. Acesso em 01. ago.2011.

1.2 Formação das salinas de Praia Seca até os dias de hoje

De acordo com a publicação *Araruama: panorama de uma cidade* (1992c), bem antes dos europeus, os índios Mataruna, primeiros habitantes da terra araruamense, já conheciam e utilizavam o sal das salinas naturais existentes na região. Mais tarde, muitos desses depósitos naturais de sal passaram a ser explorados, como a Salina do Padre, Salina dos Índios, Salina Marnel de Massambaba e Salina do Povo. Sobre a exploração das salinas, encontramos também referências no livro *O homem e a restinga*:

> Prende-se, sem dúvida, ao descobrimento desta região as primeiras colheitas de sal. Devido a condições mesológicas e climatéricas, à densidade das águas da lagoa logo após a formação geológica da restinga, que a separou do oceano, a cristalização do cloreto de sódio fazia-se naturalmente, em qualquer parte, onde a água ficasse exposta ao tempo durante certo período de sol.
>
> Assim, em várias partes litorâneas da região havia salinas naturais, tanto em forma de marnéis perdidos no longo cordão da restinga, como em depressões de pedras onde se acumulavam águas do mar atiradas pelas ressacas.
>
> Esta hipótese se baseia na existência, por longo tempo, de salinas que serviam para o consumo dos indígenas, sendo as mais notáveis: "a salina do povo" de propriedade da Câmara Municipal de Cabo Frio, para distribuição gratuita do sal, na Ponta do Costa que hoje faz parte das salinas Perinas, "Salinas dos Índios", hoje Mossoró, no município de São Pedro d'Aldeia, e o MARNEL da Massambaba, ou "salina do Padre", onde as águas por efeito dos temporais se acumulavam e, passados estes, em lenta evaporação, cristalizavam milhares de quilos de sal. (ALCOFORADO, 1936, p. 98).

Com a colonização portuguesa, a Corte proibiu a extração do sal em terras brasileiras, obrigando a Colônia a consumir o sal vindo de Portugal. Segundo Lamego (2007), as primeiras proibições datam de 1665, mas foi a Carta Régia de 28 de fevereiro de 1690 que

proibiu definitivamente a extração do sal nos trópicos, visando proteger os interesses comerciais lusitanos. O produto era vendido no Brasil vinte e cinco vezes mais caro do que em Portugal, originando diversos protestos populares. Em 1801, o monopólio português sobre a venda de sal ao Brasil foi definitivamente abolido.

Em 1822, nasceu em Cabo Frio no estado do Rio de Janeiro a primeira salina com caráter industrial, pertencente a Luis Lindberg, oficial do exército alemão a serviço de d. Pedro I, que a construiu após obter uma concessão de terras devolutas em área de Marinha, às margens da lagoa de Araruama. Essa é considerada a primeira grande empresa produtora de sal no país. Luis Lindberg introduziu novas técnicas de extração em sua salina, já desenvolvidas na Alemanha, o que impulsionou a produção e o comércio do produto. O processo de cristalização por combustão e evaporação artificial adotado por Lindberg e, mais tarde, por seu filho Luis Bonifácio Lindberg, foi abandonado alguns anos depois por não alcançar o êxito desejado, voltando a ser usada a tecnologia anterior (Ibid, p.172).

Por essa época, o engenheiro francês Léger Palmer construiu a salina Moçoró com tecnologia francesa, em São Pedro d'Aldeia[7], no espaço em que originalmente ficava a salina dos Índios.

Em 1885, o português Luis João Gago construiu a salina Acaíra em Arraial do Cabo[8], nos moldes das salinas portuguesas de Aveiro, de onde vinha. Começaram a chegar outros portugueses, especialmente de Aveiro e Figueira da Foz [9], entre finais do século XIX e princípios do XX, dando grande impulso à atividade salineira na região. Algumas famílias portuguesas que vinham para Cabo Frio acabaram por se fixar em Praia Seca, ali encontrando um local propício para a construção de salinas. Como na terra natal já tinham algum

[7] Cidade da Região dos Lagos no estado do Rio de Janeiro.
[8] Idem
[9] Regiões portuguesas produtoras de sal.

conhecimento dessa atividade, quase todos os imigrantes começaram a trabalhar na produção do sal, construindo ou reformando as salinas mais antigas. Seu Abel Antunes relata a trajetória de sua família vinda de Portugal.

> […] Daí é que os portugueses foram construindo as salinas, foram vendo que a lagoa era salgada, que o grau dava para poder construir as salinas, então eles foram construindo. As primeiras salinas foram em Cabo Frio, daí que meu pai e meus tios foram trabalhar em salinas de Cabo Frio. Depois, como tinham esses terrenos aqui de Praia Seca, eles foram comprando e foram construindo as próprias salinas deles. (SECRETARIA..., 1992b, p.87).

A senhora Diamantina Raposo Mônica relata como sua família se estruturou na região, sendo possível perceber semelhanças com a trajetória contada pelo seu Abel Antunes:

> Meus pais eram portugueses. Papai e mamãe eram da Figueira da Foz. Meu marido era de Aveiros. Meus pais vieram para aqui pequenos. Casaram aqui. Papai veio como empregado. Não tinha nada, não é? Veio trabalhar na Perinas, lá para Cabo Frio, e trouxe o titio Raposo. De Cabo Frio, ele comprou um pedacinho de salina na Praia Seca. Primeiro foi contratante, depois ele comprou um pedacinho de salina e deu um pedaço pro irmão dele. (SECRETARIA..., 1992a, p.48).

Desde então, as salinas passaram de geração em geração, empregando a população local e também de outros lugares do país, em especial do Espírito Santo. Segundo alguns entrevistados, pessoas que trabalhavam com o café, outra atividade sazonal, cujo melhor momento de cultivo era diferente do período de produção salineira, se revezavam entre as duas produções, garantindo trabalho ao longo de todo o ano. Aproveitando a melhor fase dessas duas atividades, ficavam em trânsito entre o Espírito Santo e a Região dos Lagos.[10]

[10] Informação de Hermínio Carvalho em entrevista à autora em 26/06/2011.

A população de Praia Seca, no início do século XX, era basicamente de pescadores e salineiros. Com a queda da produção cafeeira no estado do Rio de Janeiro, o sal tornou-se a principal atividade econômica local. A paisagem de Praia Seca, por muitas décadas, era constituída de imensas salinas, com seus grandes quadros de sal, seus armazéns e moinhos de vento.

A primeira salina construída em Praia Seca foi a Marrecas, de 1898, que pertenceu à família do Sr. Abel Antunes, hoje de propriedade da senhora Hermínia Carvalho.

Segundo Barbosa (1996) os imigrantes portugueses formaram as primeiras famílias de Praia Seca e lá viveram durante muitos anos trabalhando nas salinas e preservando alguns costumes e tradições de Portugal. Hermínio Fernandes de Carvalho ratifica essa afirmação quando comenta em seu depoimento:

> Aqui era uma comunidade mesmo; Praia Seca foi uma comunidade portuguesa. Quase todos oriundos de Portugal. Com raras exceções. [...] Os costumes, as festas, tudo era de Portugal. A matança de porco. A comida que se fazia era brindeira, porco, torta de sangue de porco, a comida toda era de Portugal.

Sobre as iguarias portuguesas que se faziam em Praia Seca, Diamantina Raposo Mônica também comenta:

> Canja, sopa de legumes. A gente fazia muito e hoje continua. Bife de caçarola, hoje a gente não faz tanto, não é? Mas a gente fazia muito bife de caçarola. [...] E a gente quase não fazia batata frita, era mais batata cozida na água e sal, com azeite, vinagre. (SECRETARIA..., 1992a, p. 48)

Segundo Alberto Lamego, a produção salineira fluminense começa a progredir somente em 1895, com a supressão da cabotagem estrangeira e com "a experiência de salineiros portugueses ao colocarem em prática técnicas inovadoras de extração do sal,

desconhecidas pela indústria extrativa local, contribuindo para o aumento dos níveis de produtividade". (PEREIRA, 2009).

A concorrência com o sal importado de Cadiz, na Espanha, mais limpo e curado que o sal brasileiro chegou a ser um grande problema para o comércio do sal fluminense, até metade da década de 1910. Entretanto, foi completamente contornada na década de 1930 em função de uma série de medidas, como a intensificação do protecionismo alfandegário, as melhorias introduzidas com a implantação do porto de Cabo Frio, a Estrada de Ferro Maricá, o implemento das técnicas de produção das salinas portuguesas e a importação dos moinhos de vento. Outro fator que contribuiu para a neutralização da desvantagem do sal de Araruama frente ao sal espanhol foi a dificuldade do transporte internacional por conta da Primeira Guerra Mundial. (PAIXÃO, 2004, p. 100)

Nas primeiras décadas do século XX, a atividade salineira alcançou um alto patamar no quadro econômico do município de Araruama. As salinas foram catalogadas em 1928 pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, e esse catálogo foi publicado no *Boletim nº 52- A Indústria do Sal no Estado do Rio de Janeiro*, de 1930, computando 41 salinas.[11] No quadro a seguir, são identificadas as salinas, seus proprietários, tamanho, índices de produção e exportação. Vale registrar que todos os proprietários dessas salinas são portugueses ou descendentes de portugueses.

11 BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Boletim nº52 - A indústria do Sal no Estado do Rio de Janeiro, 1930.* Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Ref. 661.422(81)(047)/P659.

DENOMINAÇÃO	PROPRIETÀRIO	HEC	PRODUÇÃO EM 1928 (kls)	EXPORTAÇÃO EM 1928 (kls)
Todos os Santos	Augusto de Bragança	8	91.00	34.000
Ponta do Capim	Teixeira, Ferreira e Irmão	7	80.000	27.550
Santa Cruz	João da Silva	6	137.800	135.200
Vista Alegre	Vasconcellos e Leão	12	406.000	356.960
Da Vermelha	José Antunes	-	283.180	-
Nazira	Dr. Norival Soares de Freitas	4	202.320	110.600
Marrecas	Leonardo Antunes e Filhos	18	973.060	629.200
Aurora	José Reveles	18	1.089.800	616.940
Santa Rosa	Antenor Soares de Souza	10	869.140	594.600
Bananeiras	Elysio Antunes	6	255.000	215.400
Pitanguinha	Antonio Marcio Raposo	20	1.353.100	887.160
Penha	Luiz dos Santos Martins	6	350.020	202.800
Silva	Joaquim Silva	22	1.097.700	746.850
Yris	Jorge Bragança Santos	4	36.200	34.800
Julieta	José André Senos	15	560.000	468.560
Santa Maria	Paulino José da Motta	9	455.660	368.800
Conceição	Marcellino Nunes	8	595.000	278.600
Santo Antonio	Augusto Marinho Bragança	12	927.000	459.600
Espírito Santo	José Antunes	18	1.402.300	847.000
Fluminense	Marchon, Sobrinho e Cia	10	654.280	307.980
São José	José Pereira de Carvalho	9	940.700	580.800

Perau Assú	Álvaro Lopes (herdeiros)	12	848.000	473.190
São Sebastião	Antonio Fernandes e Irmãos	8	691.520	434.600
Berenice	Manoel Luiz	12	478.600	378.500
São Manoel	Manoel Fernandes Baptista	25	1.350.740	1.171.000
Josuvina	Josué Carvalho	8	131.960	185.000
Glória	Joaquim Andrade	30	2.520.680	1.070.900
Deolinda	Joaquim Ferreira Fana	15	826.480	668.420
São Joaquim	Joaquim Barboza Azeredo	5	44.100	-
Lagoinhas	Manoel Antunes	29	1.181.050	756.950
Hermínia	Manoel Luiz de Freitas	8	358.300	278.900
Rosalina	José Ferreira	7	302.300	121.980
São João	Manoel Ferreira Palhares	8	166.460	48.000
Norte	José Maria Norte	8	80.910	84.000
Ingá	José Maria Castanho	11	528.900	570.940
Lavoense	Antonio Silva	8	622.400	397.100
São Jorge	José Pinto Fernandes	10	295.720	164.700
Esperança	Manoel Antunes Junior	8	680.620	544.250
Esmeralda	Felix Valladares Junior	2	95.570	129.560
Raposo	José Raposo	10	642.580	367.500
São Thomé	Antonio Castanho	8	596.200	381.400
TOTAL			24.537.850	16.033.290

Salina Fluminense, década de 1970. Fonte: Arquivo pessoal do senhor Aldir Antunes.

Nas décadas de 1950, 1960 e princípio da década de 1970 as salinas de Praia Seca alcançaram uma grande produtividade, enriquecendo os proprietários e contribuindo para o aumento da economia do município. É o "período de ouro", expressão presente em todos os discursos alusivos ao período.

Segundo Pereira (2009), o aumento dos níveis de produtividade do sal proporcionou a instalação de uma infraestrutura mais atraente na Região dos Lagos. A Estrada de Ferro Maricá – EFM, idealizada em 1887 pelo Barão de Inoã e uma comissão de fazendeiros da região para cobrir o trajeto Niterói-Cabo Frio, chegou a Maricá em 1902, alcançou Araruama em 1903 e, um ano depois, Iguaba Grande. Alguns anos se passaram para o trem chegar a Cabo Frio. Este último trecho, Iguaba-Cabo Frio, de 24 quilômetros, foi inaugurado apenas em 1937. Para integrar a cidade à ferrovia era utilizado um sistema de transporte lacustre em

pequenas embarcações que percorriam o interior da lagoa de Araruama, facilitando o escoamento da produção salineira e outros produtos, tais como cal, areia, resíduos de salina como o gesso, além de peixes e frutos do mar.

A Estrada de Ferro Maricá foi incorporada pela Estrada de Ferro Central do Brasil e depois pela Estrada de Ferro Leopoldina, integrante da Rede Ferroviária Federal S/A, sendo uma das primeiras ferrovias a serem extintas no país, desmontada em 1964. Ainda segundo Pereira, a conexão entre os meios de transporte envolvidos no escoamento da produção do sal constituía um marco de modernidade da atividade salineira. (Ibid, p.100).

Paixão (2004), porém, tem outro entendimento do assunto. Esta autora acredita que a estrada de ferro não teve grande participação na expansão do comércio do sal quando diz:

> Apesar de todo esforço para a implantação do trem na região, seu uso ficou emperrado no pequeno número de estações e no pequeno trecho coberto pela estrada. Até 1936 a estrada chegava somente a Iguaba Grande, levando quatro horas e meia para fazer o percurso da estação de Neves, em Maricá, até a estação de Iguaba. Ainda assim, após a extensão da estrada de ferro até Cabo Frio em 1937, a maior parte da produção seguia para o Rio de Janeiro através do transporte marítimo pelo porto de Cabo Frio, por ser este o sistema de escoamento por muito tempo consolidado. O sal era extraído das salinas a beira da lagoa, recolhido nos armazéns dos portos mais próximos e, depois, enviado a Cabo Frio – sendo Saquarema, Araruama, São Pedro d'Aldeia e Cabo Frio o caminho percorrido pelo produto – para depois seguir para o Rio de Janeiro. (PAIXÃO, 2004, p.101).

As embarcações à vela, responsáveis pelo transporte do sal entre as salinas no interior da Lagoa de Araruama e o Porto de Cabo Frio, eram fabricadas em estaleiros nas cidades de Araruama e Cabo Frio e ficaram conhecidas como lanchas de sal. O seu formato, de baixo

calado, era próprio para navegar nos baixios da lagoa e atravessar os canais. Os proprietários das lanchas, geralmente, também eram proprietários de salinas.

> Na década de 40, o total de lanchas distribuídas nos municípios produtores de sal chegava a cerca de 300 unidades. Geralmente estas embarcações, construídas especialmente para navegarem na laguna, pertenciam aos donos das salinas. Eram também conhecidas como lanchões ou, na gíria, "barcos de fundo de prato". [...] Elas traziam o sal dos locais mais longínquos, como por exemplo, do lugar conhecido como Ponta do Capim, situado no final da laguna, em Araruama. (GOMES FILHO, 1993 apud CHRISTÓVÃO, 2011, p. 58).

Essas lanchas de sal, e consequentemente os estaleiros, bem como as locomotivas da estrada de ferro, desapareceram do cenário salineiro. Perderam a utilidade com o incremento do sistema rodoviário, impulsionado com a construção da rodovia Amaral Peixoto na década de 1950, que faz a ligação da Região dos Lagos a Niterói.

Já em meados da década de 1970, as salinas conheceram um processo de decadência. Com o passar dos anos, os filhos dos antigos salineiros perderam o interesse pelos negócios do sal por conta da falta de incentivo financeiro, da impossibilidade de concorrer com a produção industrial das salinas do Rio Grande do Norte, da ausência de perspectivas educacionais na região, entre outros fatores. Assim, muitas salinas viraram loteamentos, com a consequente migração da mão de obra para a construção civil. Das 41 salinas existentes na cidade, na década de 1930, apenas 18 continuam em funcionamento e, segundo depoimento do salineiro Hermínio Carvalho, atualmente, só existem três conservadas.

De acordo com o senhor Aldir Antunes, proprietário das salinas Fluminense, Independência e São José, as salinas em Praia Seca são as seguintes:

NOME DO EMPREENDIMENTO OU DA SALINA	PROPRIETÁRIO
1. Almira	Família Fernandes
2. Aurora	Hermínia Carvalho
3. Empresa Salineira Antunes Ltda.(salinas Fluminense, Independência e São José)	Aldir e José Antunes
4. Issal Indústria e Comércio Ltda. (salinas Lagoinhas e Esperança)	Herdeiros da Família Issa
5. Hidro Sal Ltda.	Herdeiros de Aluisio e Hermínia Ferreira
6. Irmãos Ferreira Indústria e Comércio de Sal Ltda.	Elisio Ferreira
7. Julieta	Família Matias
8. Espírito Santo	Família Antunes Souza
9. Lavos Ltda.	Andrea Silva
10. Construsal Indústria e Comércio Ltda. (Salina Maré)	Neci Macedo
11. Praia Seca	Ademir e Adenir Carvalho
12. Salina Santa Mariana	Herdeiros de José Walter Luiz
13. São Tomé Ltda.	Antonio Castanho
14. São Mendes (Silva e Cia.)	Família Silva
15. Vigilante	Hermínio Carvalho

1.3 As entidades de apoio e desenvolvimento salineiro

Segundo Christóvão, a primeira tentativa de organização e representação dos salineiros ocorreu em 1916, quando os salineiros da região criaram o *Centro de Salineiros de Araruama*. Pouco estruturado e com artigos conflitantes em seu estatuto, o Centro não constituiu uma forte agremiação de trabalhadores. O estatuto permitia, por exemplo, que os associados negociassem a sua produção à revelia do Centro e de acordo com seus interesses particulares. Faltava "unidade entre os produtores". (CHRISTÓVÃO, 2011, p.62).

Logo os salineiros da região encontraram-se nas mãos de atravessadores, negociantes do sal, que na década de 1930 formaram o *Centro de Comércio do Sal Fluminense Ltda,* cujo papel era centralizar a distribuição e o comércio do produto, beneficiando os grandes produtores e capitalistas da região. Os organizadores e controladores deste Centro eram os salineiros Carlos Palmer, José Maria Raposo, Plácido Marchon e José Maria Castanho (PAIXÃO, 2004, p.100). A produção era vendida única e exclusivamente para o Centro, que estabelecia o preço de acordo com a qualidade do sal. A quantidade de compra também era determinada pelo Centro, que ainda se reservava o direito de decidir se comprava ou não a produção de cada salina, dificultando assim a sobrevivência dos pequenos produtores. (LAMEGO, 2007, p.182)

A situação mudou em 1940, quando o governo federal, através do Decreto-Lei nº2.300, de 10 de junho, criou o Instituto Nacional do Sal (INS), passando a existir uma legislação nacional para a atividade. O INS implantou um sistema de cotas que "fixa para cada Estado uma cota de produção, que se distribuirá pelas suas salinas", conforme o Artigo 4º do decreto lei nº 2.300 de 10 de junho de 1940.

Christóvão vê no sistema de cotas um beneficiamento aos pequenos investidores quando diz:

> O sistema de cotas para a produção de sal constituiu-se desde o início num empecilho aos interesses dos grandes salineiros em todo o país. Tanto na região da Lagoa de Araruama, quanto no Rio Grande do Norte (maior produtor de sal do Brasil) os produtores reclamavam com veemência da limitação imposta pelas cotas. Num primeiro momento a imposição das cotas parecia beneficiar os produtores potiguares, uma vez que no Rio Grande do Norte eram muitos os problemas para o transporte do seu produto, o que aumentava consideravelmente o preço final de venda. Dessa forma a limitação imposta pelas cotas obrigaria ao consumo do produto nordestino. (CHRISTÓVÃO, 2011, p. 77)

No governo do presidente Juscelino Kubitschek, o INS foi reorganizado, passando a denominar-se Instituto Brasileiro do Sal (IBS), mediante a Lei nº 3.317, de 13 de maio de 1957. No entanto, as regras não mudaram, permanecendo, inclusive, o sistema de cotas. No ano seguinte, foi colocada em funcionamento a Companhia Nacional de Álcalis[12], criada pelo Decreto-Lei 5.648, de 20 de julho de 1943, com sede em Cabo Frio. Segundo Pereira,

> A Segunda Guerra Mundial ameaçava de paralisação vários setores industriais, face ao colapso no fornecimento de produtos químicos. A decisão do governo Vargas em criar a CNA estava voltada para um esforço na substituição de importações, que deixava patente a necessidade do país ser autossuficiente na fabricação de soda cáustica e barrilha, produtos que necessitavam do sal como matéria prima no seu processo de fabricação". (PEREIRA, 2009, p.105).

[12]A CNA funcionou de 1958 a 2006. Sobre a Companhia Nacional de Álcalis ver PEREIRA, Walter Luiz, *Cabo das tormentas e vagas da modernidade: uma história da Companhia Nacional de Álcalis e de seus trabalhadores*. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2009.

Um dos compromissos da Companhia Nacional de Álcalis (CNA) era a compra de todo sal produzido na região (CAMPOS, 1999, p. 175), o que fomentou a esperança de expansão dos negócios para os produtores locais. A princípio houve um acréscimo na produção de sal, mas era pouco para atender à demanda da CNA. Esta mantinha uma salina própria, a Perinas que, com o apoio do governo, teve o seu processo produtivo modernizado.[13] Além disso, o escoamento da produção da companhia era feito em porto particular, em Arraial do Cabo.

Enquanto a salina Perinas se modernizava para atender aos interesses da CNA, bem ali na vizinhança, em Praia Seca, as salinas não tiveram nenhum sinal de modificação em seu processo produtivo, a não ser a introdução do carrinho de mão com rodas de borracha.[14] Com relação a esse particular, Pereira diz:

> A mudança radical no processo de transformação do sal não encontrou eco nas outras cento e vinte salinas espalhadas ao redor da laguna. Ali, os moinhos de vento e os pés descalços dos trabalhadores do sal ainda davam o tom utilizando-se de formas produtivas arcaicas. (PEREIRA, 2009, p.106).

O outro grande fornecedor de sal para a CNA era o Rio Grande do Norte. O sal proveniente de suas salinas contém uma alta concentração de substâncias para a extração da soda cáustica, muito maior que o produzido na Região dos Lagos. (PAIXÃO, 2004, p.102) Neste caso, o sistema de cotas instituído pelo IBS não se aplicava, uma vez que esse sal não

[13]Segundo Pereira, o processo produtivo das salinas Perinas foi modernizado com a implantação de um novo sistema de produção industrial partindo das salmouras previamente concentradas nas salinas para a evaporação em instalações a vácuo. Com a nova tecnologia, a produção saltou de dezoito para sessenta mil toneladas de sal. PEREIRA, op. cit. p.98.

[14] Comentário de Luiz Guilherme na entrevista concedida à autora em 19.11.2011.

se destinava ao consumo humano ou animal, mas ao uso na indústria de transformação, conforme o Artigo 4º do Decreto-Lei nº2. 300, de 10 de junho de 1940.

Em 1967, o Decreto-Lei n. 57, de 2 de agosto, instituiu a Política Econômica do Sal, estabelecendo regras relativas à produção, estocagem, comercialização e industrialização. Este Decreto-Lei extinguiu o IBS e criou em seu lugar a Comissão Executiva do Sal (CES), cujo regimento foi aprovado pelo Decreto nº 62.067, de 1º de maio de 1968. Com sede na cidade do Rio de Janeiro, a CES tinha Inspetorias Regionais nos estados do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Maranhão, Ceará e Sergipe. Todas as salinas eram obrigadas a se registrar na CES, apresentando para tanto, além de documentos, plantas nas escalas de 1:100 a 1:10.000 assinadas por profissional habilitado do CREA[15]. Além dessa documentação, o registro era obrigatório para os distribuidores, beneficiadores, cooperativas, reembaladores, moageiros e refinarias. [16]

A CES também extinguiu o sistema de cotas, que vigorava desde 1940, através da Resolução nº 3/67. Segundo Christóvão, é o primeiro grande golpe sofrido pelas salinas de toda a Região dos Lagos desde a criação do INS, pois

> [...] aumentava as possibilidades de entrada do produto nordestino dada a maior produção de sal daquele estado. Ao mesmo tempo os produtores potiguares investiam na busca de uma solução para o seu problema [de transporte], que viria a ser a construção de um porto em Areia Branca/RN. (CHRISTÓVÃO, 2011 p. 84).

Este porto foi construído em 1974, em uma ilha artificial, com o nome de Porto Ilha Areia Branca.

---

[15] Conselho Regional de Engenharia e Agronomia.
[16]Cf.: www.lagossaojoao.org.br (Acesso em 12.12.2011).

A Comissão perdurou até 1986, quando foi extinta pelo Decreto nº 93.614 de 11 de dezembro, no governo do presidente José Sarney. Ao longo de sua existência, a CES baixou diversas resoluções, entre as quais um decreto que autorizava a construção do "canal das salinas", na Lagoa de Araruama, obra que não foi executada. O objetivo desse canal era o desvio das águas pluviais que prejudicavam o teor de salinização das águas da lagoa, conforme Decreto nº 63.983 de 13 de janeiro de 1969.

Uma das mais importantes resoluções baixada pela CES foi a 3/71, que oficializou nacionalmente as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que tratavam da classificação técnica do sal e de outros assuntos relacionados à qualidade do produto.

Segundo Paixão (2004), na década de 1970 começa a crise do sal. Ela destaca que os elementos que contribuíram para a crise foram o fracasso do contrato com a Álcalis, a queda do preço do produto e o mercado imobiliário em expansão devido ao crescimento do turismo na região. Concordamos com a autora, quando afirma que a atividade salineira, especificamente em Praia Seca, sofreu muito com as regras do mercado, que impôs uma feroz concorrência com o sal industrial. A conversão das salinas em outros empreendimentos, como o imobiliário, a dureza do trabalho e os dividendos decrescentes dele retirados, tudo isso tem conduzido ao progressivo abandono da atividade.

O jornal de Araruama, *O Salineiro*, publicou em 31 de março de 2000 um desabafo do senhor Carlos Augusto Pires, proprietário das salinas Lagoinhas e Esperança, pecuarista e ex-Secretário de Agricultura de Araruama, com relação à situação das salinas no momento:

> Este ano as minhas salinas, como as demais, poderiam produzir no mínimo o dobro do que estão produzindo, só não acontecendo por falta de consumidor. Veja quanta gente está deixando de trabalhar na região e o quanto de divisas está deixando de nela entrar. Para se ter uma idéia de como seria fácil solucionar este grave problema

> da indústria salineira fluminense, só a Álcalis tem capacidade de consumir todo o sal produzido na Região dos Lagos. (O SALINEIRO, 2000).

Não obstante essa descrição menos otimista, existe um outro lado da questão: o sal ainda é um produto que faz parte da economia local. O produto continua a ser comercializado nas salinas locais, e faz persistir um reduzido grupo de salineiros empenhados em dar continuidade à tradição, preocupados com o desaparecimento da atividade e atentos para novas possibilidades de tirar dividendos do sal.

Salina Vigilante- Armazém de sal. Foto do arquivo da autora, 2009.

CAPÍTULO II

O MUSEU DO SAL: EIXOS NARRATIVOS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Fernando Pessoa

O tão conhecido trecho da poesia de Fernando Pessoa, embora tenha como tema as Grandes Navegações lusitanas dos séculos XV e XVI, pode também ser apropriado pelos portugueses que, buscando melhores condições de vida, atravessaram o Atlântico e migraram para o Brasil, em finais do século XIX e princípios do XX. Alguns se instalaram na atual Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro, trazendo seus saberes e fazeres da Europa e contribuindo fundamentalmente para o desenvolvimento econômico da região, baseado na produção e comércio do sal.

Para compreendermos a situação atual das salinas de Praia Seca é importante tentar desvendar como essa atividade foi organizada e mantida através dos anos. É necessário compreender como foram construídas as relações de trabalho e as relações sociais, assim como conhecer as técnicas de produção, estas praticamente inalteradas desde o início do século passado. Esses três eixos temáticos – as migrações para a região, as relações de trabalho e o funcionamento das salinas – serão desenvolvidos no futuro projeto museológico do Museu do Sal.

Os depoimentos analisados neste trabalho falam do hoje e do ontem. Muitos trechos remetem a tempos não vividos pelas pessoas ouvidas, "vividos por tabela", como diz Pollak (1992), ao se referir às memórias de acontecimentos que não foram vividos por uma pessoa,

mas que passaram a fazer parte de sua própria memória por terem sido ouvidas inúmeras vezes.

> Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (Pollak, 1992, p. 201).

Nos depoimentos que analisamos foi possível a identificação de memórias herdadas, indicando aspectos da memória coletiva referente à atividade salineira. Para o nosso propósito, mais importante do que obter informações precisas sobre esse passado foi perceber as maneiras pelas quais as vivências são recordadas e divulgadas pelos membros da comunidade de Praia Seca. É essa memória que buscamos conhecer e recuperar, pois entendemos que a atenção que dermos a ela, no futuro museu, garantirá a ressonância (Gonçalves, 2005) da iniciativa junto à comunidade.

2.1 Sobre os primeiros tempos...

Nos documentos e livros que falam a respeito de Araruama são citadas as cidades portuguesas de Aveiro, Lavos e Figueira da Foz como locais de origem dos primeiros salineiros da região. Entretanto, em todas as entrevistas realizadas, o único nome que aparece é o de Figueira da Foz. Essa lembrança específica pode apontar para um processo coletivo de construção da memória sobre a localidade de Praia Seca, segundo o qual Aveiro e Lavos caíram no esquecimento. Isso pode ser explicado pelo número menor de imigrantes oriundos daquelas localidades ou por uma menor inserção desses imigrantes na atividade salineira.

Embora os vestígios de sambaquis e artefatos indígenas na região atestem que toda a costa brasileira já tivesse sido habitada por outras populações, segundo os depoimentos orais, foi um grupo de portugueses de Figueira da Foz que possibilitou a formação do primeiro núcleo de moradores na localidade de Praia Seca, a partir do trabalho salineiro, no final no século XIX. A esse respeito, José Carlos de Oliveira, morador de Araruama, neto de português de |Figueira da Foz e, atualmente, o único que maneja os moinhos de vento das salinas, diz o seguinte:

> O centro de Araruama era uma grande fazenda, e os donos das fazendas não deixavam fazer salinas em Araruama. Não tinha salinas do lado de cá. A fazenda era da família Alves Branco. Eram donos da área quase toda e a outra área era de Bento José Martins, a Casa de Caridade que era a casa de Bento José Martins.
> Então não deixavam fazer salinas do lado daqui, então isso, imagino eu, o pessoal chegou aqui e falaram: "Aqui não! vai para o lado de lá". Então foram para o lado de lá, para Praia Seca, acredito que Praia Seca era apelido dos portugueses.[17]

Infelizmente, não foram encontradas informações mais substanciais sobre a Família Alves Branco, nem sobre quem foi Bento José Martins, citados no depoimento do senhor Oliveira. O que se sabe a respeito da família Alves Branco é que seus membros tiveram e ainda têm papel de destaque na sociedade e na política de Araruama. Antonio Joaquim Alves Branco foi prefeito da cidade nas décadas de 1930 e de 1940. Sua neta, Stella Alves Branco Romanos, foi vice-prefeita da gestão de Francisco Ribeiro em seu primeiro mandato (2000-2004).

Já Bento José Martins viveu em Araruama entre finais do século XIX e princípios do XX. De origem portuguesa, é considerado um benfeitor da cidade, doando uma grande

[17]Entrevista concedida à autora por José Carlos Oliveira em 14.11.2011.

propriedade para funcionamento de um hospital. Escreveu em seu testamento que, passados 70 anos de sua morte, caso a propriedade não estivesse sendo utilizada para os fins propostos, deveria ser devolvida à sua família. Depois de ter tido diferentes funções, como centro de encontros políticos e residência provisória de algumas pessoas, no imóvel foi instalado o primeiro hospital de Araruama, em 1961, quase concluído o prazo estipulado em testamento para a sua devolução.

2.2 A formação social de Praia Seca através da atividade salineira

Luiz Guilherme Antunes, empresário e um dos herdeiros da Salina Espírito Santo, neto de Armando Antunes, português pioneiro em Praia Seca, assim explica como compreende o desenvolvimento da produção salineira, a partir da chegada dos portugueses:

> Deveriam ser todos portugueses mesmo. Vieram os que eram donos de salina e vieram outros para trabalhar na salina, que eram amigos. Eu nunca escutei nada sobre os que moravam aqui antes dos portugueses, acho que o que aconteceu foi isso...
>
> Vieram esses [portugueses] que tiveram a capacidade de fazer salina, e depois vieram [outros] portugueses, ou talvez juntos, para ajudar nessas salinas, ninguém veio sozinho, foi em grupo. Talvez uns tivessem uma condição melhor e pudessem bancar essas pessoas... [18]

Seu conhecimento sobre a importância de imigrantes portugueses no início da atividade salineira vai ao encontro de relatos de outras pessoas, que também concordam com

[18] Entrevista concedida à autora em 19.11.2011.

o fato de que a localidade de Praia Seca foi constituída com a vinda dos portugueses, a partir de 1890, para a extração do sal. (Barbosa, 1996)

Os portugueses vieram para Cabo Frio, mas encontraram em Praia Seca um local mais propício para a construção de salinas: a alta salinidade da lagoa, as condições climáticas, com terras expostas ao calor e ao vento, a proximidade relativa de um porto para escoamento da produção, o porto de Cabo Frio e, principalmente, terras sem uso e sem valor. Ao indagar os entrevistados sobre o porquê de Praia Seca ter sido o destino dos seus antepassados, cada um deu uma explicação. Luis Guilherme conta que seu avô relatava para os filhos e netos suas recordações desta época:

> O pai dele veio para cá junto com esse pessoal [portugueses]. Vieram para cá somente sabendo como fazer sal. Não vieram com muito dinheiro, e aqui não tinha nada. Era uma área de pouco valor, então a maioria pegava essa área, hipotecava a própria área... Ai eles começaram a fazer salina, a primeira casa onde o meu bisavô morou foi num barraco dentro da salina.
> O meu avô contava que era muito difícil, faziam sal, mas não tinha comércio, não tinha onde vender... Então eles levavam o sal para Cabo Frio naquelas barcas, pela lagoa. Mas chegavam lá e eles não recebiam pelo sal. Recebiam pelo frete da barca, o sal eles trocavam por gêneros alimentícios.[19]

Muito chama a nossa atenção, na memória familiar de Luís Guilherme, o escambo que marcou o início da economia salineira na região. Em pleno início do século XX, o sal funcionava como moeda de troca para a obtenção de outros gêneros necessários à comunidade.

[19] Entrevista concedida à autora por Luiz Guilherme Antunes em 19.11.2011.

Tudo indica que esses portugueses, formadores da localidade que a princípio se chamava Portugal Pequeno – acreditamos que numa tentativa de reconstrução do espaço familiar anterior – vieram de sua terra natal com poucos recursos financeiros, impulsionados pela pobreza e pelo desejo de uma vida melhor, uma vez que Portugal, no início do século XX, enfrentava uma crise econômica.

Segundo o IBGE, "o ápice do fluxo migratório português para o Brasil ocorreu na primeira metade do século XX, entre 1901 e 1930: a média anual ultrapassou a barreira dos 25 mil", o que pode ser claramente percebido na tabela abaixo.

Estimativas de Imigração Portuguesa no Brasil				
Período	América Portuguesa	Império Colonial	Média anual América Portuguesa	Média anual Império Colonial
1500-1580	100.000	280.000	500	3.500
1581-1640		300.000		5.000
1641-1700		120.000		2.000
1701-1760	600.000		10.000	
1808-1817	24.000		2.666	
1827-1829	2.004		668	
1837-1841	629		125	
1856-1857	16.108		8.054	
1881-1900	316.204		15.810	
1901-1930	754.147		25.138	

1931-1950	148.699		7.434	
1951-1960	235.635		23.563	
1961-1967	54.767		7.823	
1981-1991	4.605		406	

Fonte: *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

Campos (1999) chama atenção, em seu estudo sobre a formação social de Praia Seca, para o fato de que, passados todos esses anos, as histórias contadas unificam o tempo da chegada e a origem do grupo, forjando uma trajetória coletiva para os imigrantes que se dedicaram à produção do sal. O depoimento da senhora Diamantina Raposo Mônica, no livro *Araruama: memória de mulheres*, fortalece essa análise:

> Meus pais eram portugueses. Papai e mamãe eram da Figueira da Foz. (...) Meus pais vieram pra aqui pequenos. Casaram aqui. Papai veio como empregado. Não tinha nada, né? Veio trabalhar na Perinas, lá pra Cabo Frio, e trouxe o titio Raposo. De Cabo Frio, ele comprou um pedacinho de salina e deu um pedaço pro irmão dele, que é o pai de João Raposo. (...) E foi assim o começo da vida deles, né? (SECRETARIA..., 1992a, p.48).

Nessa mesma direção, demonstrando como os portugueses chegaram a Araruama, se instalaram e passaram a desenvolver o cultivo e o comércio do sal, seu Abel Antunes relata no livro *No tempo das histórias*:

> Os meus pais, como muitos outros, vieram de Portugal, construíram salinas. Isso aqui tem o nome de Praia Seca porque era uma praia toda seca, então surgiu o nome de Praia Seca. E os portugueses foram construindo salinas, então ficou sendo isso. Antigamente, como hoje, se chamava 'Portugal Pequeno', né? Pois era dos portugueses e agora são os sucessores deles. (SECRETARIA..., 1992b, p.75).

Salina Espírito Santo. Foto do arquivo da autora, 2009.

A partir da posse de terras na entrada da restinga, alguns portugueses foram construindo salinas e convocando parentes para esse trabalho, constituindo uma rede social baseada na solidariedade, formando uma espécie de "grande família": "Cortavam laços com a terra natal, mas a relação com os núcleos familiares era recuperada através da vinda dos parentes, apoiada pelos que tinham melhores condições e necessitavam de mão de obra qualificada e de confiança." (Campos, 1999).

Esta afirmação de Maria de Freitas Campos encontra eco no depoimento do senhor Francisco Geraldo da Silva:

> E o seu Castanho veio através do serviço de imigração. O meu avô foi ao serviço de imigração dizendo que precisava de um farmacêutico e como havia, na época, muito português vindo pro Brasil, seu Castanho veio, através do pedido do meu avô, e foi morar na casa do meu avô. Depois, o seu Castanho trouxe um irmão, chamava seu Pedrosa. (...) E seu Castanho ainda trouxe muitos outros portugueses. Praia Seca está

> cheia, estava cheia de portugueses, tá entendendo? Trazidos por indicação ou naturalmente escrevendo, indicando pessoas que queriam vir. (SECRETARIA..., 1992b, p.23).

Uma relação positiva se firmou, pois criou-se uma rede de solidariedade que garantia o êxito do empreendimento. Conforme analisa Lená Medeiros de Menezes sobre o trabalho de jovens portugueses imigrantes no século XIX, as redes de informação e de solidariedade foram decisivas nos processos migratórios "tornando os espaços de chegada lugares já conhecidos pelas muitas histórias que sobre eles circulavam. Em última instância, espaços menos amedrontados devidos às redes já tecidas". (MENEZES, 2000, p.166).

Como orienta Menezes, não devemos pensar que todos os imigrantes portugueses tiveram, após uma vida dura de trabalho, a recompensa de uma vida tranquila e afortunada. A autora, que estudou a imigração portuguesa no estado do Rio de Janeiro, especialmente os comerciantes, informa que muitos deles acabaram por cair na marginalidade, ou permaneceram pobres no Brasil.

Entendemos que essa situação se aplica a alguns casos em Praia Seca. Nem todos os imigrantes portugueses que vieram trabalhar com o sal obtiveram o êxito esperado. Alguns vieram como empregados, como contratantes, e assim permaneceram. Outros chegaram na mesma circunstância e após algum tempo conseguiram comprar salinas e acumular riquezas.

Foto do senhor José Reveles. Português de Figueira da Foz, que chegou ao Brasil no início do século XX e se tornou um dos salineiros pioneiros em Praia Seca. Construiu a salina Aurora. A foto original data de 1918, quando o senhor José Reveles tinha em torno dos 30 anos. Fonte: arquivo pessoal da senhora Dea Reveles.

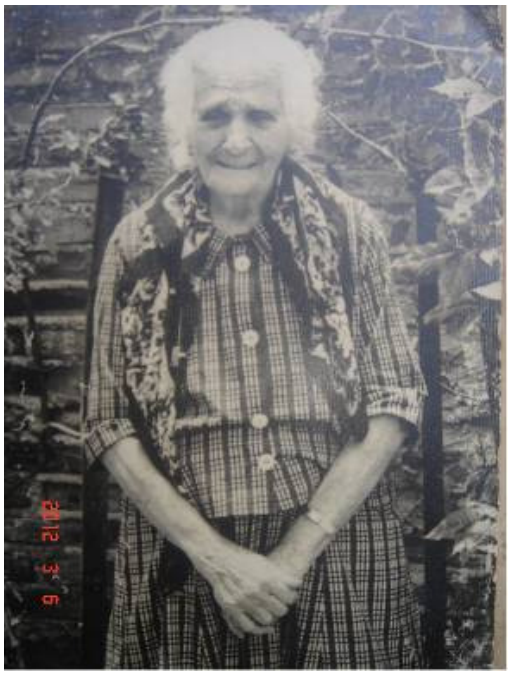


Foto da dona Gracinda Ferreira Reveles, esposa do senhor José Reveles. Portuguesa da mesma localidade do marido. Faleceu em 1977 aos 92 anos. A foto original é datada da década de 1960.
Fonte: arquivo pessoal da senhora Dea Reveles.

Se podemos dizer que a vinda dos portugueses em finais do século XIX se constitui na primeira onda migratória de trabalhadores de salinas, podemos também afirmar que outras ocorreram, talvez em menor escala, já que os próprios portugueses, para estruturar a atividade, convocavam mão de obra de outras partes do município. Além disso, de acordo com relatos, uma importante onda migratória ocorreu na década de 1960, com a chegada de trabalhadores rurais do Espírito Santo e do norte do estado do Rio de Janeiro, da cidade de Campos dos Goytacazes. Muitos deles migraram com grandes núcleos familiares para trabalhar em Praia Seca, nas salinas, promovendo uma nova rede social.

Chamou nossa atenção o fato desses grupos que migraram posteriormente de outras partes do estado e de outras regiões do país não serem muito lembrados nos relatos sobre a atividade salineira. Dá-se muita ênfase às origens portuguesas e pouca atenção aos trabalhadores que contribuíram para o desenvolvimento dessa economia na região nas décadas que se seguiram aos primeiros tempos. Pretendemos que o Museu do Sal possa dar voz aos diversos segmentos sociais, trazendo à tona a memória de outros participantes dessa história, por meio de entrevistas e depoimentos com a aplicação da metodologia da história oral.

É o caso do senhor José Alzemiro da Silva, 63anos, nascido na cidade de São João de Muqui no estado do Espírito Santo. Pessoa muito popular em Praia Seca, conhecido pela alcunha de Coleira. José Alzemiro relatou que trabalhou na lavoura de café até os 17 anos. Em outubro de 1965, procurando outro tipo de ocupação, chegou a Praia Seca e encontrou trabalho na salina Fluminense da Empresa Salineira Antunes Ltda, onde permaneceu por 14

anos. Constituiu família em Praia Seca e nunca retornou à cidade natal. Atualmente trabalha com abertura de poços artesianos.[20]

Foto de seu José Alzemiro da Silva, o Coleira. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2012.

2.3 Sobre o trabalho nas salinas

Segundo os depoimentos, o trabalho nas salinas "naqueles tempos" era uma atividade familiar que envolvia todas as pessoas, inclusive as crianças. Mesmo que o trabalho infantil seja condenável atualmente, todos os entrevistados que viveram nessa condição, qual seja, de ingresso no trabalho com menos de 12 anos, falaram com um certo orgulho dessa experiência.

[20] Em função de grande parte das casas em Praia Seca não possuírem água encanada, este tipo de poço é muito comum na localidade. Essas informações foram prestadas à autora em entrevista concedida em 10/03/2012.

> Todos nós começamos muito cedo, eu, meus primos, todos nós trabalhamos com menos de 10 anos de idade. Todos. Praticamente todo mundo. Vamos botar noventa por cento, sempre tem algumas exceções. Quase todos trabalharam desde pequenos em salinas.
>
> Uma certa época, começa a salgar[21], a gente estudava, era comum no nosso caso lá, a gente acordava mais cedo, ia até a salina, não é? Fazia alguma coisa, voltava para casa e ia para o colégio. Voltava do colégio, almoçava, esperava baixar um pouco o sol e ia para salina. Mas não era um negócio assim... Aquilo era natural.
> Fomos criados daquela forma, não era assim uma coisa absurda não.[22]

Conforme o depoimento de Hermínio de Carvalho, a rotina da criança era dividida entre os estudos e o trabalho nas salinas. Em sua fala, o trabalho infantil não aparece como um malefício, mas como algo naturalizado naquela vivência. É possível que as lembranças deste período tenham caído no esquecimento no processo de construção da memória, que é seletiva. Todas as recordações de infância de Carvalho parecem ter sido positivadas pela passagem do tempo e pela seleção de lembranças do passado. Trata-se de um tempo de que o depoente demonstra sentir saudade.

A maior parte dos trabalhadores não tinha salário fixo e a remuneração era feita por "linha de sal" [23] produzida. Muitas vezes o pagamento era realizado com gêneros alimentícios e moradia para os trabalhadores e suas famílias, que tinham direito a cultivar uma horta ou criar pequenos animais em um pequeno pedaço de terra. As casas, simples, ficavam no mesmo terreno da casa dos donos das salinas, sinalizando um constante controle por parte dos patrões, e uma interpenetração entre as esferas do trabalho e doméstica.

---

[21] Quando a salina começa a produzir sal, na linguagem dos salineiros.
[22] Entrevista concedida à autora por Hermínio Carvalho em 26.06.2011.
[23] Termo utilizado pelos salineiros para definir uma parcela da salina.

Esse tipo de vínculo, comum no interior do Brasil, criava uma rede de lealdade e obrigações conectando o proprietário da salina aos seus empregados. Mario Grynzspan (2002) traça um perfil bem próximo ao comentar sobre o sistema de dominação em Canudos, onde os coronéis tinham uma grande propriedade e aos seus trabalhadores era concedido um pequeno trecho de terra de onde retiravam a sua subsistência. Preso ao seu patrão por uma séria de laços e dívidas, o que ligava o trabalhador a uma propriedade não era um contrato de trabalho, mas uma relação personalizada que supunha uma série de obrigações de ambos os lados.

Na visão de Luiz Guilherme Antunes o fato de estes operários permanecerem morando na propriedade dos donos de salinas, hoje, mostra como os patrões são benevolentes com seus empregados. Ainda mais se levarmos em conta que muitas famílias nem trabalham mais em salinas.

> No caso nosso, todos os trabalhadores tem casa. Era bem comum isso, para os trabalhadores diretos, no nosso caso. Têm mulheres que já ficaram viúvas, mas a casa é dela. Nós não estamos mais preocupados com aquela propriedade; então eles falam como se a casa fosse deles, e é mesmo, só não é no papel.
>
> É o mesmo sistema do trabalho em fazendas, é a mesma coisa. Você tem casa na fazenda para os trabalhadores e na salina é a mesma coisa. Na verdade na nossa salina temos umas 20 casas todas ocupadas. Algumas dessas a pessoa nem trabalha mais em salina...
>
> [...]
>
> Não é troca, eles ganhavam o dinheiro deles e tinham direito a casa, não era nada descontado. Os portugueses já começaram com isso: "vamos dar casa para quem trabalha". Quem vê assim pensa que era uma forma de prender a pessoa, não é? Mas não, não era por aí. Já fazia parte da cultura, quem trabalha em salina tem casa para morar. [24]

[24] Entrevista concedida à autora por Luiz Guilherme Antunes em 19.11.2011.

O senhor Laurindo Saraiva, 71 anos, neto de português, conta que começou a trabalhar aos 8 anos na salina de José Castanho, em 1948, sem remuneração.[25] Sua família inteira trabalhou em salinas. Várias gerações desempenhando os mesmos ofícios. O seu pai, Antonio Saraiva, nascido em Praia Seca, trabalhou como contratante da salina dos Castanho durante toda a vida. Era ele quem recebia pelo trabalho dos filhos em mantimentos fornecidos pela venda de propriedade de donos de salinas. Atualmente, seu Laurindo está aposentado, mas se define como pescador e mora em Praia Seca.

> O velho meu pai é quem recebia, nós não ganhávamos nada. Todo mundo colaborava em casa, mas só recebíamos comida, a roupa, o calçado. Ter comida em casa era a maior alegria. Mas alguns salineiros não eram corretos com os empregados, os empregados estavam sempre devendo.
>
> Cada salina comportava 30 a 40 homens. Esses homens não viam dinheiro, o que eles trabalhavam era para comer. A despesa toda na venda quem assumia era o dono da salina, então ele assumia a dívida desse pessoal todo. Os donos das vendas eram o pai de Neci e Zé Palhares. Então esse pessoal comprava a mês tudinho nessas vendas. Então eles iam lá e traziam sacos de comida, saco de milho, saco de farinha, arroz, tudo em porção.[26]

As falas de Laurindo Saraiva e Luís Guilherme são memórias representativas de dois grupos sociais que formavam as salinas. Laurindo traz em suas recordações a difícil vida dos trabalhadores do sal, enquanto Luis Guilherme procura lembrar a benevolência dos donos de salinas em conceder moradia aos trabalhadores. No caso em questão, estamos falando dos dois grupos sociais predominantes na economia salineira e de suas respectivas representações:

---

[25] Questionado sobre a nacionalidade do seu avô, seu Laurindo explica que não o conheceu, sabe apenas que o seu avô era português de Figueira da Foz e que veio trabalhar em salinas no Brasil ainda jovem.
[26] Entrevista concedida à autora em Praia Seca, no dia 19.12.2011.

de um lado, o patrão benevolente e, de outro, o trabalhador guerreiro e capaz de superar todas as adversidades.

Pretendemos, no Museu do Sal, trabalhar com eixos narrativos onde as relações de trabalho sejam exploradas, incluindo conflitos e visões divergentes sobre o passado e o presente.

2.4 Como se constrói uma salina?

"O projeto de salina é muito bonito. É tudo muito perfeito". É assim que Hermínio Carvalho, que já construiu uma salina, começa a descrever um projeto. No projeto construtivo, tem que haver precisão nas medidas e nos desníveis para ser alcançado o objetivo: cristalizar o sal.

O princípio básico é promover a evaporação natural da água através dos diversos quadros que fazem parte do projeto de uma salina. No final, após o trajeto das águas pelos diversos compartimentos, com graduação diferenciada de níveis, o sal cristaliza.

Pode parecer simples, mas existe todo um conhecimento e um domínio sobre as fases sucessivas dos compartimentos da salina, e não é qualquer pessoa que executa um projeto dessa natureza. Na linguagem simples dos salineiros, "existe toda uma ciência". Essa ciência, esse saber, é transmitida oralmente, sem um ensinamento formal.

Os poucos registros escritos não são acessíveis à grande maioria e todas as informações são adquiridas pela observação e a prática. Assim se procede para construir uma salina, bem como nela trabalhar.

O que determina a implantação de uma salina são as características do espaço geográfico. De acordo com o salineiro Hermínio Carvalho, é fundamental a observância do terreno, que deve ser o mais afastado possível dos locais de água doce e de preferência plano. Além disso, deve-se observar a constituição geológica do terreno, se é argiloso ou arenoso, para tornar estanque o terreno para a impermeabilização. Quando o solo é argiloso, a impermeabilização é natural, formando-se com o tempo uma camada de algas que protege o fundo da salina, conhecida como praia. Quando o solo é arenoso, a vedação é bem mais lenta.

A configuração mais encontrada nas salinas de Praia Seca é a de formato retangular, e a sua implantação nos terrenos - de forma transversal ou longitudinal - tem a ver diretamente com a exposição aos ventos predominantes, no caso os ventos nordeste e sudoeste. A orientação ou disposição dos cristalizadores deve ser feita de modo que os ventos predominantes os atravessem diagonalmente ou, pelo menos, paralelamente ao seu lado maior. Assim o vento cobrirá uma superfície maior, aumentando a evaporação. Como já dissemos, o vento e o sol são os fatores primordiais para a cristalização do sal. Assim, com base nos dados recolhidos em entrevistas e nas fontes escritas consultadas, podemos apresentar o esquema de uma salina.

As salinas compõem-se de diversos reservatórios. Em um plano inclinado, cada reservatório deve ter planos com uma diferença entre eles, para possibilitar a passagem da água por gravidade. É fundamental que os compartimentos sejam todos nivelados, para garantir a evaporação da água do compartimento como um todo. Conforme a água vai passando, até chegar aos quadros finais, o grau de concentração ideal para a cristalização do sal vai sendo atingido. Esses quadros são separados uns dos outros por divisórias de madeira, que possuem um orifício para permitir a passagem da água de um quadro para o outro.

Os compartimentos que compõe uma salina são:

- Marnel

As salinas implantadas próximas de lagoas cercam uma parte da própria lagoa para iniciar o processo de concentração, e este cercado é o marnel.[27]

- Valas de infiltração (ou minação)

Toda salina tem uma vala de infiltração ao redor dela. São os canais que conduzem as águas da lagoa para os moinhos e estes jogam para os tanques de carga ou de condensação. Normalmente usa-se a vala de drenagem como vala de infiltração, mas apenas quando o lençol freático é salgado.

- Tanques de condensação ou de carga

São reservatórios retangulares, com aproximadamente 30 centímetros de profundidade, onde é iniciado o processo de concentração do sal através da evaporação.

- Evaporadores

Geralmente são três linhas. Cada evaporador tem a metade da área do tanque de carga, com aproximadamente 15 cm de profundidade, e neles a densidade da água chega a cerca de 17 ou 18 graus Baumé [28], continuando o processo de concentração e evaporação.

---

[27] Hoje, os marnéis de muitas salinas desativadas servem de abrigo à varias espécies de crustáceos e peixes na sua fase inicial de vida. Alimentam aves, como gaivotas, colheiros rosa, biguás, maçaricos, etc. Fonte: IV Encontro sobre o destino das salinas da Região dos Lagos (FARFALHAR). Dezembro de 2005. Disponível em www.marica.com.br/2005c/2311elisio.htm. Acessado em 18/08/2010.

28 Graus de Baumé é uma escala hidrométrica criada pelo farmacêutico francês Antonine Baumé em 1768 para medição de densidade de líquidos.

- Cabeceira

Geralmente é uma linha onde o processo de evaporação e de depuração continua a ocorrer. Tem a metade da área do evaporador. Quando a água chega a este reservatório, já atingiu uma concentração de 20 graus Baumé, sendo a altura da água de 3 a 5 cm. É onde começa a se formar o sal.

- Cristalizadores

São compartimentos menores, com 1 quarto da cabeceira, de aproximadamente 5cm de profundidade. É a área de cristalização. As divisórias entre os cristalizadores são feitas com sarrafos de madeira. Os cristalizadores se comunicam entre si por meio de furos abertos nos sarrafos chamados de bueiros.

Salina Vigilante. Em primeiro plano, os cristalizadores. Foto da autora, 2012

2.5 O funcionamento da salina

> Essa água da lagoa ela cai aqui [no tanque de carga] com 3 graus e meio, quando ela chegar aqui [nos evaporadores] ela chega com 17, vem vindo,quando chega aqui [na cabeceira] ela está com 21 graus, já é quase sal, aí você já está dependendo do vento e do sol para cristalizar essa água aqui [nos cristalizadores]. Ela vai cristalizar o primeiro quadro, depois, de acordo com o movimento, ela vai cristalizar o segundo, de repente amanhã está um dia de sol, ela vai cristalizar 3, 4. Você puxa a primeira praia, depois puxa mais duas ou três, quando vê está a salina toda. Por ser salina ela não vai fazer sal nela toda não, ela vai fazer sal na primeira, se o tempo estiver bom. Aí de acordo com o sol e o vento, ela vai fazer para a segunda, a água vai cristalizando, vai indo até chegar aqui. Daqui a pouco ela vai estar toda igual, e vai criar sal nesse, quando criar sal nesse, essa água daqui não presta mais, ela está com 25 ou 26 graus, não faz mais sal.[29]

Assim o senhor Laurindo nos explica o processo da cristalização do sal. A água da lagoa tem aproximadamente 3 graus Baumé, os cristais de sal começam a se precipitar quando as águas chegam a 17 graus Baumé e a 20 e 21 graus opera-se a cristalização regular. Puxado com rodos especiais de madeira, o sal é levado ao passeio, entre duas colunas de cristalizadores, formando as eiras, ou montes de sal. De lá é levado em carrinhos de madeira com rodas de borracha para o aterrado ou para o armazém.

Para se medir a densidade da água e saber quando ela atinge o grau necessário para a cristalização, os graus de Baumé, é utilizada uma escala hidrométrica, também conhecida por areômetro. Segundo os depoentes, os portugueses pioneiros trouxeram este equipamento, que é feito de forma artesanal, e começaram a utilizá-lo nas salinas. Contudo, em nossas pesquisas,[30] nos deparamos com a seguinte descrição dos engenheiros Mario da Silva Pinto e Raymundo Ribeiro Filho, em 1930:

---

[29] Entrevista concedida à autora pelo senhor Laurindo Saraiva em 19.12.2011.
[30] Pesquisa realizada no CPDOC/FGV. Ref. 661.422(81) (047)/P659.

> Não desconhecem os salineiros que o maior estado de pureza do chloreto de sódio é obtido quando elle se deposita em águas concentradas entre 24° e 30° Bé, sendo pena, no emtanto, que não subordinem totalmente sua technica a esta circumstancia.(...) A salmoura deve entrar nos crystallisadores com 23°, 24º e a colheita interrompida perto de 30°: por volta de 34°, Ella se torna inaproveitável e isso é expresso, na gyria profissional, dizendo que as águas estão podres. Para acompanhar esta concentração, invariavelmente a pratica substitue o areometro; é o irisado, o cheiro, a viscosidade, a forma acicular dos crystaes do sulfato de magnésio que começa a precipitar, não sei que mundo de coisa mais... Tivemos ocasião de verificar que é absolutamente falha e aleatória essa decantada pratica: em 90% dos casos que a puzemos à prova, os velhos peritos de dezenas de annos erraram de 2°, 3° e até10°. Uma água dita estar a 22°, estava a 12°; outra a 28° estava a 24° e, caso mais grave, uma água mãe que o salineiro nos affiançava estar a 30° Bé, estava realmente a 33° Bé. Quem examinar o quadro X, verá o que significa, para a má qualidade do sal, estes 3° Bé de augmento.
>
> O producto fluminense, devido á esta falta de controle pelo areometro, apresenta-se muitas vezes, como mostrarão as analyses, com porcentagens elevadas de sulfato de cálcio (gesso) e saes magnesianos. (Boletim nº52-A industria do Sal no Estado do Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Industria e Comércio, 1930).

Acreditamos que esse texto explique a experiência nas salinas, ainda hoje, e a forma como os trabalhadores usam essa medição de densidade, aparentemente bastante científica para um saber tradicional, de transmissão oral, ainda mais se levarmos em conta a escolaridade da maioria dos trabalhadores do sal. Mas entendemos que, apesar disso, eles conseguiram, em algum nível, desenvolver uma técnica de aferição com os areômetros. E é essa habilidade que é dominado por poucos, pelos operadores de água.

Operários na salina Fluminense, década de 1970. Fonte: arquivo pessoal do senhor Aldir Antunes.

Luiz Guilherme Antunes simplifica todo o processo de funcionamento de uma salina quando diz:

> Eu gosto muito quando vem uma pessoa estranha e pergunta como é uma salina e eu posso levar lá e mostrar como é. Nos dias de hoje, a pessoa não tem a menor noção de como é feito o sal.
>
> É o processo de evaporação. Tudo na base da natureza. Mas tem todo aquele segredo. Não é nem segredo. Toda aquela técnica. Então o que é? É só evaporação, concentração de água. A água evapora, o sal não. Então você vai diminuindo o tamanho dos tanques, quanto mais concentrado vai ficando... e chega um ponto que há a saturação, nada mais é do que saturação. O sal ficou todo ali. Porque a água evaporou.
>
> Então é uma coisa muito legal é considerada uma indústria. Agora, é uma indústria tocada pela própria natureza, pelo sol e pelo vento, entendeu? Não tem um produto químico, não tem nada, só sol e vento".[31]

[31] Entrevista concedida à autora em 19.11.2011.

Nessa simplificação, o depoente atribui o funcionamento da salina à própria natureza. Na visão de Luiz Guilherme, é "evaporação, concentração de água, sol e vento". Conforme constatamos, porém, essa fabricação não é tão simples e tão espontânea como o entrevistado explicou. Existe toda uma divisão de trabalho e saberes específicos para fazer com que o sal se tornasse um produto que, durante muito tempo, foi a base da economia da região.

2.6 Os saberes e fazeres salineiros

Trabalhando o sal
É amor o suor que me sai
Vou viver cantando
O dia tão quente que faz
Homem ver criança
Buscando conchinhas no mar
Trabalho o dia inteiro pra vida de gente levar
Água vira sal lá na salina
Quem diminuiu água do mar?
Água enfrenta o sol lá na salina
Sol que vai queimando até queimar...
(Milton Nascimento. *Canção do Sal*).

2.6.1 O operador de água

O trabalhador mais importante dentro de uma salina é o "operador de água". Ele é o encarregado geral e quem conhece e controla todo o funcionamento da salina, por isso é considerado "o salineiro". A maioria das pessoas da região que não estão envolvidas com a prática chama indevidamente os proprietários de salina de salineiros. Isso é quase uma ofensa para os operadores de água. Para Luiz Guilherme Antunes "quem é o salineiro é a pessoa que entende de salina, que sabe como colocar a água, como fazer o sal. Os proprietários antigos entendiam de salina, eles eram salineiros".

A função primordial do operador de água é, com observação e perícia, controlar a circulação da água nos diversos compartimentos, atentando para o grau da mesma. Como descrito acima, cada compartimento, cada desnível, tem um grau a alcançar. O operador de água tem que ter o conhecimento do momento certo para fazer a água passar de um compartimento para o outro, até chegar aos cristalizadores para, finalmente, com o grau certo, haver a cristalização do sal. É ele também que controla o funcionamento do moinho, travando ou permitindo o bombeamento da água.

Ser operador envolve uma posição de prestígio e confiança, que muitas vezes se superpõe à posição de contratante (CAMPOS, 1999, p.153).

2.6.2 O contratante

Conforme dito anteriormente, contratante é aquele que faz um contrato com o dono da salina para explorá-la e reparte com o proprietário a comercialização do sal, geralmente ficando com 50% da arrecadação. Fica sob sua responsabilidade a administração da salina desde o controle dos empregados até a comercialização do sal.

Nos primeiros anos de ocupação, muitos portugueses convocaram amigos ou parentes para atuar como contratantes no trabalho salineiro.

A posição de contratante se disseminou já como resultado da necessidade do proprietário de deixar de residir no local, conforme relata Campos em seu trabalho:

> Existem indicações de que dar a salina à meia possibilitava a saída do dono e dos seus sucessores para outras atividades, sem desativar a produção. Em muitos casos o dono "abonava" a produção, mas as despesas eram descontadas, na venda do sal, da parte do contratante. Esta prática permanece e se generaliza na atualidade, quando as

> dificuldades aumentam e os salineiros não se dispõem mais a "abonar" o dinheiro, deixando cada vez mais a salina nas mãos dos contratantes." (1999, p.155).

2.6.3 Os operários

Não existe uma denominação específica para os outros empregados. Ora são chamados de operários, ora de trabalhadores de salina. São os operários que devem executar todas as outras tarefas pertinentes à extração de sal, que requerem pouca qualificação. Estes representam a maioria dos trabalhadores, e seu número aumenta consideravelmente no período da safra.

Operários da salina Fluminense na década de 1970.
Fonte: arquivo pessoal do senhor Aldir Antunes

Como o processo de extração do sal varia conforme as condições climáticas, as tarefas dos trabalhadores da salina variam junto. Nos meses quentes, quando começa a safra, o

fenômeno da evaporação ocorre mais facilmente. Quando o sal se cristaliza, tem início o trabalho do puxador de sal. O empregado puxa o sal dos quadros, tira o sal dos passeios e o transporta para os armazéns com carrinhos de roda de borracha ou cestos. É um trabalho que requer força física, um trabalho pesado. Apesar disso, é executado também por mulheres, muitas delas esposas e filhas dos trabalhadores.

Quando não está no tempo da produção do sal, ao operário é dada a tarefa de preparação da nova safra. Escoam-se as águas e fazem-se os consertos necessários, como reposição do solo, capina, conserto nas divisórias de madeira, reposição dos passeios. Depois, inicia-se a limpeza da salina, utilizando rodos de borracha e escovão, para a certeza de que o sal saia sem impurezas ao final da cristalização. Nesta etapa também se faz a manutenção dos telhados dos armazéns, quando houver.

> Salina é um serviço muito puxado, muito puxado. É um serviço, hoje, que estão largando tudo, porque não tem quem trabalhe. Falta mão de obra. Ó, na salina minha - que nós vendemos – não tinha quem trabalhasse. Nós demos as meias também, ninguém quis. Eu não pude trabalhar, meus irmãos também não. Fiquei cansado. Tempo de quarenta e dois anos não é brincadeira, né? A salina dos meus primos, quando dava uma estiada boa, sabe quantos operários precisava? Quarenta - pra poder dar conta. Hoje ainda tem a salina, mas não arruma nem dez. A maioria do sal perde. E a situação do jeito que ta, tem que colher tudo. Se perder, é prejuízo. Então essas salinas pequenas acabaram tudo. (SECRETARIA...,,1992b, p. 96/97)[32].

[32] Depoimento do senhor Manoel Raposo.

Operários da salina Fluminense na déecada de 1970.
Fonte: arquivo pessoal do senhor Aldir Antunes.

2.6.4 O técnico dos moinhos

Os moinhos de vento fazem parte do imaginário da população de Araruama e de seus visitantes. Mas quando se fala em trabalhadores do sal, uma categoria pouco mencionada nos estudos sobre a atividade salineira é a dos responsáveis pela manutenção dos moinhos. Essa atividade é da maior relevância, haja vista que sem esses profissionais o funcionamento de uma salina fica comprometido.

As salinas dependem da água nos quadros para o seu funcionamento, uma vez que, sem água, o fundo do terreno racha. A presença do moinho de vento nas salinas torna-se então primordial, para dar conta desse processo. Na falta de moinho de vento torna-se necessário o

uso de bombas movidas a óleo diesel, mas como o motor tem que trabalhar o dia inteiro, os custos da produção aumentam e, em muitos casos, inviabilizam o empreendimento.

Detalhe de moinho. Foto de 1980. Fonte: arquivo pessoal do senhor Aldir Antunes.

O uso de moinhos de vento na região começou com a importação de moinhos dos Estados Unidos, no início do século XX, feita pelos donos de salina de Cabo Frio que, nessa época, eram os responsáveis diretos pela sua operação. Os terrenos da região demandam o uso de moinhos em função de serem mais elevados que a lagoa, e de esta ser de água salgada.

Em Praia Seca, hoje, vamos encontrar o técnico de manutenção dos moinhos na pessoa do seu Carlinhos, como é conhecido José Carlos Oliveira, atualmente o único na região - que compreende Praia Seca, Figueira e São Pedro d'Aldeia - que fabrica e conserta moinhos. Interessante saber que ele também é descendente de portugueses da região de Figueira da Foz.

O avô do seu Carlinhos, senhor Petronílio Gonçalves da Costa, imigrou para o Brasil em finais do século XIX, como relata o neto. Era mecânico na cidade de Figueira da Foz e trabalhava com a manutenção de bombas hidráulicas. Quando os salineiros importaram os moinhos de vento, necessitaram de alguém que entendesse de maquinário e pudesse trabalhar com isso. O senhor Petronílio se tornou, assim, um novo personagem do trabalho salineiro.

> E eles (os portugueses) eram uns trabalhadores muito fortes também. Os homens eram muito fortes, acho que o peso que aqueles homens pegavam naquela época hoje os homens não pegam. Porque eles mesmos que montaram aqueles moinhos. Aqueles moinhos que vieram de Chicago vieram dos EUA... E eles começaram as salinas em mil oitocentos e alguma coisa, mil oitocentos e noventa! Esses moinhos têm essa idade, tenho documentos que comprovam essa idade.[33]

Sem saber exatamente como era o processo de funcionamento dos moinhos, mas valendo-se da experiência com outros tipos de maquinário, seu Petronílio começou a trabalhar em Araruama. Trabalhou com seus filhos, e estes com os seus, sempre transmitindo os saberes desta atividade.

Atualmente, o seu Carlinhos é o único profissional no município. Em função de diversos fatores, como a falta de um bom acesso às salinas, precariedade das mesmas, e sua própria idade, ele está fechando a oficina. Seu Carlinhos não vai deixar herdeiros deste saber.

> Não consegui. Não é dizer que eu não quis fazer uma pessoa para o meu lugar, eu não consegui. Por incrível que pareça, eu tentei, teve um rapaz que acertou, mas um dia ele chegou e falou que não queria mais, eu mesmo já tinha caído de um moinho, quebrado a vértebra.[34]

---

[33] Entrevista concedida por José Carlos Oliveira à autora em 14.11.2011.
[34] Idem.

Salina Vigilante. Acervo da autora, 2011.

2.7 Agora, outros tempos...

Identificam-se na área de ocupação mais antiga, que corresponde ao começo da estrada de Praia Seca até o atual quilômetro 12, as maiores referências ao processo salineiro. Nesse território se encontra a maioria das salinas, moagens de sal, moradias dos donos de salina e de seus empregados, bem como a igreja de Nossa Senhora da Conceição, cuja construção foi encomendada, na década de 1930, por Emília Antunes, dona da salina Berenice, hoje desativada. Atualmente a igreja pertence aos seus netos, proprietários da Empresa Salineira Antunes Ltda.

Nesta mesma região podemos observar uma grande área com características bem delineadas pela atividade salineira, mas que atualmente está abandonada e em situação

precária de conservação. Há uma grande salina desativada com o casarão que pertenceu ao seu proprietário, assim como diversas casas menores e uma pequena capela em ruínas. Ali existiu a Salina Raposo sobre a qual o senhor Laurindo Saraiva, 71 anos, pescador e ex-operário de salina, comenta:

> Aquilo lá era um salinão dos Raposo, era a maior salina daqui, acabou tudo. Lá tinha salina, tinha pescaria. Morreu o velho, os filhos não ligaram, acabou tudo. Lugar com muita gente morando, muitos pescadores, trabalhadores de salina, porque ali sim, tinha trabalhador de salina e tinha pescador.
>
> Agora você não vê uma casa. Olha, tinha casa de pescador e trabalhador de salina que parecia avenida, aquilo desapareceu tudo...mais de 20 casas.
> E as casas foram caindo...faz pena. Há poucos dias eu estive lá e dá vontade de chorar. O que fazia quando era garoto? Era a maior alegria para a gente, ia lá buscar peixe. Chegava lá tinha um botequim, tinha um salão de baile muito bom, tinha uma igrejinha, acabou tudo.
> Ali tinha um patrimônio que valia para todo mundo. Não ficou nada. Só tem mato.[35]

É perceptível o tom de melancolia na fala do senhor Laurindo Saraiva. Em suas recordações, o "salinão" parecia uma grande comunidade onde viviam o patrão e seus empregados, a exemplo das antigas comunidades rurais - com as moradias, os locais de trabalho e o espaço de culto religioso, neste caso, a capela. Em seu relato, talvez pela perspectiva nostálgica de suas lembranças, não aparecem conflitos nem momentos tristes, apenas sua alegria dos tempos de infância.

[35] Entrevista concedida à autora pelo senhor Laurindo Saraiva em 19.12.2011.

Salina Espírito Santo, 2012. Fonte: Arquivo pessoal da autora.

CAPÍTULO III

O PROJETO DO MUSEU DO SAL

> Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.[36]

3.1 O Museu do Sal

O Brasil passa por um momento de valorização e revitalização dos espaços museológicos. O próprio conceito de museu apresentado no site institucional do Instituto Brasileiro de Museus (2009) pode ser visto como um indício dessas mudanças no campo museal. Essas instituições, hoje concebidas como casas de sonhos, sentimentos etc. já não são mais consideradas, de forma geral, como lugares de elite, nem mausoléus, nem estão tão distantes da população.

Essa mudança de concepção sobre as instituições museais é analisada como uma das reações a diversas críticas que, nos anos 1970 as identificavam representantes da história oficial, e do autoritarismo das elites (SANTOS, 2004). De acordo com essa perspectiva, caso não houvesse uma mudança radical, os museus estariam fadados à morte ou ao desaparecimento. Segundo Mario Chagas:

> De um lado, essas críticas parecem ter contribuído para a invenção de um novo futuro para os museus clássicos ou tradicionais; de outro, parecem ter posto em

[36]Fonte: www.ibram.gov.br. Acessado em 01/03/2012.

> movimento o desejo de constituição de uma nova imaginação museal, até então não prevista. (CHAGAS, 2008, p.117)

O desejo de constituição de uma nova imaginação museal implicava um trabalho de ressignificação do museu e um esforço de aproximação entre essa instituição e a sociedade, à custa da desconstrução de imagens consolidadas como o do "museu-templo" e do "museu-velharia". É nesse ambiente que nasce o conceito de ecomuseu que, segundo o criador do termo, era tão-somente "uma tentativa, um convite a dar provas de imaginação, de iniciativa e de audácia" (VARINE *apud* CHAGAS, 2008, p. 117).

O ecomuseu visto por Mário Chagas como fruto de uma nova imaginação museal, é considerado por outros intelectuais da memória e do patrimônio como parte do movimento que ficou conhecido como Nova Museologia. Graças a esse movimento, o século XX foi considerado o século da democratização dos museus, com o surgimento de modelos diversificados de instituições e processos museológicos, além da multiplicação de iniciativas no campo da preservação patrimonial.

No Brasil, encontramos princípios da Nova Museologia na Política Nacional de Museus, formalizada em 2003 pelo Ministério da Cultura, base das ações levadas a cabo pelo então Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que deu lugar ao atual Instituto Brasileiro de Museus, criado em 2009.

É nesse contexto de renovação das práticas museais que gostaríamos de inserir a proposta de um Museu do Sal. Seu projeto está em conformidade com a Política Nacional de Museus no que diz respeito a: democratização de acesso aos bens culturais; aprofundamento das relações entre o patrimônio cultural preservado e a sociedade contemporânea; criação de

uma política municipal de pesquisa, aquisição, documentação, conservação e extroversão do patrimônio (IPHAN, 2003, p. 10 e 11).

Não se trata de uma iniciativa de ecomuseu, pois, segundo essa definição, a instituição deve ser criada pela própria comunidade mobilizada. Não é o caso aqui. Mas trata-se de um museu afinado com os princípios da Nova Museologia quanto à sua integração ao meio-ambiente, à participação ativa da comunidade e à valorização do conhecimento sobre o trabalho e o cotidiano nas salinas. A própria ideia de uma instituição nesses moldes parece ser sintomática da "vontade de memória" demonstrada por parte da população local.

> Os grandes museus nacionais, bem como os regionais, locais, sociais, populares e comunitários, convivem com diferenciadas demandas de memória; vontades de memória que se afirmam como direito à memória e que reivindicam dos poderes públicos o cumprimento do dever de memória. Na contemporaneidade, os clássicos monumentos da história nacional são colocados em questão e, muitas vezes, confrontados com a produção de memórias étnicas, locais, setoriais, de grupos sociais e de indivíduos que querem legitimar e garantir o exercício do direito ao acesso aos bens culturais já produzidos e aos meios de produção de memória e bens culturais. As novas práticas no campo da institucionalização museal da memória – os denominados museus de memória, museus de consciência e museus de favela são alguns exemplos – estão a exigir, por parte do Estado, dos diversos setores do poder público, das universidades, dos cientistas, dos artistas, dos setores econômicos e da sociedade civil, o exercício de uma nova imaginação museal, uma imaginação criadora e produtora de transformações e utopias criativas. (CHAGAS, BEZERRA e BENCHETRIT, 2008, p. 11).

O Museu do Sal pode ser incluído entre os exemplos de iniciativas oriundas de uma vontade de memória de grupos que durante muito tempo ficaram à margem da escrita da História e que, na contemporaneidade, reivindicam seu protagonismo nas narrativas a serem construídas sobre o lugar de suas vivências e suas identidades culturais.

Diferentes representantes da população local demonstraram preocupação com o avançado estado de abandono das atividades salineiras e com a ameaça de degradação das salinas, levando a cabo iniciativas isoladas. É o caso da professora Menésia Maria de Oliveira Moreira [37], diretora da Praça Escola Comandante Sergio Ribeiro de Vasconcellos, e de professores da Escola Ponta do Capim, que realizaram uma pesquisa com os alunos das escolas visando avaliar o conhecimento destes com relação ao meio ambiente local. O resultado dessa pesquisa levou os professores a proporem um projeto que formasse os jovens da comunidade para preservar e salvaguardar as riquezas naturais e históricas do local. Em 2003, nasceu, assim, o projeto *Guia Mirim: preservando a restinga viva.* O projeto, que capacita anualmente 10 alunos para exercerem a atividade de guias mirins, tem como objetivo difundir a história local, bem como as atividades predominantes na região: a produção do sal e a pesca**.** O projeto tem dificuldade em se manter uma vez que os alunos são jovens de baixa renda, que devem assumir uma atividade não remunerada no contra turno do horário escolar. Apesar disso, o projeto continua. Essas mesmas professoras tentaram a implantação de um espaço cultural do sal, porém a ideia não foi levada adiante.

Outras iniciativas isoladas visando à preservação do patrimônio cultural do homem da salina que valem ser aqui citadas são o projeto arquitetônico de um museu do sal, desenvolvido no âmbito de uma monografia de conclusão da graduação em Arquitetura e Urbanismo, em 2002[38], bem como as visitas que Hermínio Carvalho, o Tostão, organiza em sua Salina Vigilante.

[37] A diretora é filha de ex-salineiro, não morando mais em Praia Seca, mas atuando na comunidade.
[38]ALMEIDA, Neila Antunes de. *Museu do sal*. Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Metodista Bennett, 2002. Monografia apresentada para obtenção do grau de Arquiteto e Urbanista

Nosso objetivo é articular essas iniciativas isoladas e fomentar parcerias que unam esforços na criação de um espaço dedicado à memória e à cultura salineiras.

3.2 Implantação do Museu do Sal: Plano Museológico

> Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, imprescindível para a identificação da missão da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento. (BRASIL, 2009).

O Plano Museológico é instrumento fundamental e imprescindível para a implantação e organização de qualquer instituição museal. Nessa perspectiva, organizamos assim o documento para viabilização da criação do Museu do Sal em Praia Seca, Araruama.

3.2.1 Definição

O Museu do Sal pode ser definido como uma instituição a serviço da comunidade, integrada ao meio-ambiente, aberta à participação do público em todas as suas atividades.

A instituição museológica a ser criada deverá ficar subordinada à Prefeitura Municipal de Araruama e, a partir da data de sua criação, sua gestão administrativa, financeira e patrimonial deverá a ela estar subordinada.

a) Dispositivos institucionais de organização e gestão:

1. Decreto, lei, portaria, ata ou outro diploma legal que registre a criação do museu;

2. Documento que defina seu estatuto jurídico e sua natureza administrativa;

3. Regimento interno, no qual serão estabelecidos: propósitos, objetivos, política institucional, papel e composição da diretoria, assim como formas de manutenção;

b) Organograma:

Deverá possuir, para sua instalação, um quadro funcional mínimo que permita a execução das atividades necessárias à sua gestão e à realização das atividades a que se propõe.

3.2.2 Missão

Como instituição de memória, o Museu terá como missão preservar o patrimônio representativo da experiência histórica, da cultura e das identidades sociais desse território. Tornar-se-á mais do que referência para a população local, mas um fruto produzido por ela própria que demonstre, por meio de alguns agentes, o desejo de preservação e de divulgação de suas memórias. Atuará também como centro difusor da história local, do conhecimento produzido sobre a cidade e sobre a ocupação deste território.

3.2.3 Justificativa

Além de seu sentido para a população local, como não há outro museu sobre o sal no Brasil, o museu de Praia Seca poderá se constituir em lugar de referência sobre a atividade salineira para o país. Museus com essa temática existem poucos. Os dois exemplos que conhecemos estão em Portugal: o Ecomuseu do Sal de Figueira da Foz e o Ecomuseu Marinha da Troncalhada de Aveiro.

Em julho de 2010, estive na cidade de Aveiro e foi possível perceber *in loco* a realidade de uma instituição museal dedicada ao sal. Fui recebida pelas técnicas Ana Cristina S. Oliveira e Gabriela Motta Marques, da Divisão de Museus e Património Histórico da Câmara Municipal de Aveiro, que me explicaram a origem do museu e a contribuição do museu para a população local.

Aveiro é uma cidade pequena; em 2001 a população era de 55.291.[39] Lá, como em Praia Seca, a atividade salineira é feita de forma artesanal, e a concorrência com o sal industrial estrangeiro é o fator mais grave para o declínio desta atividade secular. A reação para perpetuar a memória desta atividade foi a transformação de uma salina no Ecomuseu Marinha da Troncalhada, gerenciado pela prefeitura local.

Diante desses argumentos, acreditamos ser da maior relevância que a cidade de Araruama, mais especificamente a região de Praia Seca, onde não há um museu ainda, seja contemplada com uma instituição voltada para a história do cotidiano e dos modos de vida de seus trabalhadores do sal.

3.2.4 Objetivos

Pesquisar, valorizar e comunicar as memórias sobre os saberes e fazeres da atividade salineira e a história da formação da localidade de Praia Seca.

[39] Fonte: www.igeo.pt?atlas/Cap2/Cap2d_2.html. Acesso em 21.02.2012.

3.2.5 Objetivos específicos

- Promover a reflexão sobre a participação dos imigrantes portugueses e migrantes brasileiros na história local;

- Proporcionar múltiplas visões do processo de desenvolvimento da comunidade local, por meio de ações educativas e culturais;

- Promover acessibilidade total aos espaços físicos, externo e interno, do Museu do Sal promovendo a integração das salinas ao patrimônio preservado no edifício;

- Implantar uma rede com as diversas instituições afins, públicas e privadas, e de ação social;

- Estabelecer uma política de aquisição de acervo a partir de pesquisa, seleção e coleta, com incentivo às doações e empréstimos, junto aos museus assemelhados, comunidades, particulares e outros;

- Promover a formação de guias mirins, em parceria com a Praça Escola Comandante Sérgio Ribeiro de Vasconcellos;

- Promover projetos de história oral, pesquisas e publicações;

- Inserir o Museu do Sal nos roteiros de visitação turística e de lazer, conectando suas atividades com outras desenvolvidas pelas instituições culturais locais;

- Promover ações de treinamento específico na área da museologia, com vistas à capacitação de profissionais nos campos da conservação, documentação e comunicação;

- Conceber e produzir materiais didáticos que possam ser usados em escolas visando à disseminação das informações e à conscientização das novas gerações.

3.2.6 Implantação física

Espaço físico e instalações

Propõe-se como sede do Museu do Sal a edificação que abrigou uma instituição de ensino, a Escola Municipal Armando Carvalho. Atualmente desativada, possui um único pavimento. Encontra-se em razoáveis condições estruturais, necessitando de melhorias e adaptação em sua planta original para ocupação da nova unidade museológica, atendendo às normas de acessibilidade.

a) Espaços existentes

O pavimento térreo é composto de 1 hall de entrada, 6 salas, 3 banheiros, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 despensa, 1 pátio interno.

b) Plano de ocupação dos espaços:

- Recepção

Função: receber os visitantes e usuários, fornecer informações sobre o museu e acomodar os pertences dos usuários durante a sua permanência.

- 2 salas de exposição de longa duração

Função: para apresentação da exposição permanente da memória do sal e sua importância na constituição do distrito de Praia Seca.

- 1 sala de exposição de curta duração e de ação educativa e cultural

Função: para apresentação de exposições de curta duração, realização de seminários, palestras, reuniões, oficinas, cursos e exibição de vídeos e outras atividades de interesse do Museu do Sal.

- 1 reserva técnica

Função: para acondicionamento do acervo museológico do Museu do Sal, quando não exposto.

- 2 salas para atividades administrativas e técnicas

- 1 laboratório

Função: Para pequenas intervenções de manutenção e higienização de objetos do acervo.

- 1 sala para biblioteca e arquivo

Função: Acondicionamento dos livros e documentos e atendimento ao usuário.

- 1 pátio interno (área descoberta)

Função: espaço destinado à exposição de equipamentos de salinas de grande dimensão, como por exemplo, moinhos.

- 1 cozinha de apoio

Função: Apoio para pequenos serviços de cozinha

- 2 banheiros.

3.2.7 Acervo

Todo o acervo aqui mencionado já foi apresentado à autora pelos seus proprietários, que demonstraram interesse em doar, visando contribuir com a criação do Museu do Sal. É perceptível, em cada um dos colaboradores, o interesse em ter a sua memória pessoal, ou seus suportes de memórias pessoais, presentes na representação dessa memória coletiva salineira. Os itens que formarão o acervo museológico inicial são:

- Documentos em suporte de papel como: três fotografias de imigrantes portugueses que se estabeleceram em Praia Seca como proprietários de salinas, no início do século XX; cerca de 20 fotografias que mostram o trabalho cotidiano das Salinas Independência e Fluminense nas décadas de 1970 e 1980; recibos, contratos e outros documentos relacionados ao comércio do sal.

- Documentos sonoros: quatro entrevistas realizadas com pessoas de diferentes grupos ligados à atividade salineira ou descendentes de alguma pessoa que esteve diretamente envolvido com o trabalho. Duas das quatro entrevistas foram transcritas e estão anexas à dissertação.

- Objetos a serem musealizados: equipamentos de trabalho como ancinho, arado, pá, rodo, vassoura, carrinho de mão, escovão, facão; equipamentos da salina como bombas d'água, moinhos, peças de maquinaria, instrumentos de precisão (bússola, balança, escalas hidrométricas).

Vale lembrar que todos esses acervos tendem a crescer com a implementação da política de aquisição.

3.2.8 Exposições e eixos narrativos

O circuito de longa duração do museu será baseado em dois eixos narrativos. O primeiro, que deverá abrir a exposição, narrará a história local, com ênfase na ocupação do território por diferentes grupos. Em seguida, será enfocado o trabalho nas salinas.

Quando formos tratar da população da região deveremos atentar para uma questão importante. Pudemos observar, ao longo desta pesquisa, que a memória da imigração portuguesa como marco de origem da comunidade é muito forte e se sobrepõe a outras memórias, como a das populações que já se encontravam no território quando os portugueses chegaram e a dos grupos que migraram de outras partes do Brasil, contribuindo também com seus saberes e fazeres para a construção da identidade salineira. Outras narrativas foram eclipsadas e podem emergir a partir do momento em que essas vozes tiverem oportunidade de divulgar suas memórias. Essa é uma das diretrizes políticas levadas a cabo pelo IBRAM, oriunda de práticas que vêm se intensificando a partir da década de 1970, conforme relata Myriam Sepúlveda dos Santos:

> A partir da década de 1970, as novas práticas desenvolvidas nos museus priorizam o respeito à diversidade cultural, a integração dos museus às diversas realidades locais e a defesa do patrimônio cultural de minorias étnicas e povos carentes. Mais do que isso, os museus modificaram a relação cotidiana dos profissionais de museus, exposições e público. A tarefa educativa passou a ser compreendida a partir do diálogo com o publico e de práticas interativas. Objetos, práticas e costumes passaram a estar subordinados a uma resposta mais ativa do público. As narrativas produzidas tornaram-se temas de debate que fazem parte da agenda política contemporânea. (SANTOS, 2004, p.58).

No circuito expositivo, procuraremos dar voz a esses outros grupos, relativizando um pouco a hegemonia portuguesa como formadora do espaço e responsável pelo seu desenvolvimento.

Na exposição, contaremos com recursos didáticos, como textos explicativos e aplicativos multimídia e interativos, maquetes, que não só contribuirão para uma melhor compreensão das histórias representadas, mas também para uma maior participação do público. A museografia poderá ser trabalhada para apresentar soluções inovadoras de exposição, e também disponibilizar recursos de captação de depoimentos dos visitantes que se enxergam como parte da história representada no circuito expositivo, trazendo um pouco de suas vivências e de suas memórias.

Acreditamos que a participação do público é fundamental, não apenas no sentido de promover uma democratização da memória, mas, sobretudo, para viabilizar novas possibilidades de escrita da história local, uma vez que os depoimentos constituirão fontes que serão integradas ao acervo e ficarão disponíveis para serem consultadas por pesquisadores. Nessa perspectiva, teremos dois tipos de fontes orais a integrarem o acervo museológico: aquelas construídas a partir da intenção dos pesquisadores, no formato de entrevistas de história oral, e aquelas captadas a partir do depoimento espontâneo do indivíduo em visita ao museu.

3.2.9 Demais atividades

Após ser requalificada para cumprir as funções de um museu, a edificação onde funcionava a escola integrará um amplo complexo de memória do sal articulando-se às Salinas Fluminense, Independência e Espírito Santo, a menos de dois quilômetros de

distância, habitualmente visitada com fins pedagógicos, com seus armazéns, barracões, residências de trabalhadores e antigos proprietários, e sua igreja Nossa Senhora da Conceição. Também estão previstas visitas à Salina Vigilante, esta um pouco mais afastada, mas que é uma das mais conservadas. Pretende-se que a visitação ao museu já inclua o passeio completo às salinas e suas dependências.

Na imagem é possível perceber a residência de um dono de salina à esquerda, e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição à direita. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2012.

3.2.10 Parcerias

Juntamente com o Museu Arqueológico e com a Casa de Cultura de Araruama, o Museu do Sal poderá integrar uma rede de arte e cultura dentro do município, criando um percurso histórico, paisagístico (ou ecológico) e turístico, promovendo o interesse pela

história diversificada no município e contribuindo para impulsionar a atividade turística cultural.

O museu arqueológico da Araruama foi inaugurado em 2006. Ele resgata e apresenta a cultura indígena tupinambá com objetos encontrados nos sítios arqueológicos do município, como urnas funerárias e peças utilitárias de cerâmica. Já a Casa de Cultura abriga o Centro de Memória Municipal, Pinacoteca Municipal e espaços de arte. Ambas as instituições pertencem a outros distritos de Araruama. O Museu Arqueológico se encontra em Morro Grande e a Casa de Cultura no centro da cidade.

Este circuito museológico teria um papel pedagógico diferenciado na rede de ensino, além de contribuir para a preservação da memória e do patrimônio local em suas mais diferentes manifestações e para a construção de identidade. Prestar um serviço social e público útil através da disponibilização de informação e possibilidades de construção conjunta de conhecimentos, bem como de interpretações da memória representada no espaço museal seria a sua função. Cumpririam, assim, seu papel.

A fase de implantação da instituição deve ser realizada com apoio e patrocínio de instituições parceiras. A Prefeitura Municipal de Araruama já realizou várias parcerias nessa direção e, certamente, continuará a colaborar na implantação do projeto do Museu do Sal. O BNDES, por exemplo, pode dar apoio financeiro para a implantação física do Museu, patrocinando a reforma e adaptação da escola para a sua instalação. Já o Ministério da Cultura, via Lei Rouanet, poderá facilitar a captação de recursos por patrocínio para a realização das atividades fim do museu, como exposições de longa, média e curta duração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Numa abordagem multidisciplinária e transcultural, mais do que uma coleção de objetos, é um museu de cultura viva; mais do que um museu de história, é um espaço de reconstrução de histórias e memórias. O visitante desfrutará de uma série de experiências baseadas em expressões da cultura e suas paisagens, que fortalecerão seu sentido de pertença, autoestima e valorização do patrimônio, num lugar de inspiração e reflexão, de educação e celebração.

O trecho citado foi retirado da apresentação do Museu do Caribe de Barranquilla, primeiro museu regional da Colômbia, criado em 2009[40]. Suas palavras estão em total sintonia com o que pensamos para o Museu do Sal em Praia Seca, Araruama. Um lugar onde a escrita da história e a construção de memórias estarão sempre em movimento, não só pela contribuição do público com suas diferentes possibilidades de participação, mas também pelo exercício da pesquisa e da reflexão, que será estimulado entre os pesquisadores locais e interessados nas singularidades da cultura salineira.

Entendemos que são muitos os desafios a serem enfrentados, entretanto compreendemos também que um passo importante, o primeiro passo, pode estar sendo dado com a finalização deste trabalho de mestrado. Afinal, estamos apresentando um projeto para implementação do Museu do Sal através de um mestrado profissional voltado para questões ligadas à história e aos bens culturais.

Enfim, a intenção deste projeto é que o Museu do Sal engrosse a fileira dos lugares de memória que estão "subordinados a uma resposta mais ativa do público", contribuindo para a valorização das memórias locais, mas também, para o desenvolvimento e dinamismo do lugar.

[40] Fonte: www.colombia.travel/po/.../museu-do-caribe-em-barranquilla . Acesso em 16.08. 2011.

Eu, como araruamense, quero ver meu filho e tantos outros filhos, de Praia Seca ou não, compartilhando as experiências da gente trabalhadora do sal, num espaço de "reconstrução de histórias e memórias".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ALCOFORADO, Pedro Guedes. *O sal fluminense*. Cabo Frio: Serviço Técnico de Publicidade da Secretaria dos Negócios do Trabalho, 1936.

ALMEIDA, Neila Antunes de. *Museu do sal*. Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Metodista Bennett, 2002. Monografia apresentada para obtenção do grau de Arquiteto e Urbanista.

ANTUNES, Aldir. Entrevista concedida a Cristiane Ramos Vianna João. Araruama, 19 de novembro de 2011.

ANTUNES, Luiz Guilherme. Entrevista concedida a Cristiane Ramos Vianna João. Araruama, 19 de novembro de 2011.

BARBOSA, João Luiz Domingues. *Naquele tempo, era uma família só*: uma análise sobre a família e mudança social no município de Araruama/RJ. 1996. 126 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BIZERRIL, Carlos; BIDEGAIN, Paulo. *Lagoa de Araruama:* Perfil Ambiental do Maior Ecossistema Lagunar Hipersalino do Mundo. Rio de Janeiro: Semads, 2002.

BRAGA, Wagner. *Praia Seca aos dias de hoje*. Araruama: Prefeitura Municipal/Secretaria Municipal de Cultura, 2002.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Boletim nº52 - A indústria do Sal no Estado do Rio de Janeiro, 1930.* Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Ref. 661.422(81) (047)/P659.

_____. Decreto nº 62.067, de 5 de janeiro de 1968. Disponível em: < http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62067-5-janeiro-1968-403329-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 ago. 2011.

_____. Decreto-lei nº 257, de 28 de fevereiro de 1967. Disponível em: < http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-257-28-fevereiro-1967-376069-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 ago. 2011.

_____. Decreto-lei nº 2.300, de 10 de junho de 1940. Disponível em: < http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=35109>. Acesso em: 18 ago.2011.

_____. Lei nº 3.317, de 13 de maio de 1957. Disponível em < http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=111579>. Acesso em: 20 ago. 2011.

_____. Decreto-lei 5.684, de 20 de julho de 1943. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5684-20-julho-1943-415717-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 ago.2011.

_____. Decreto nº 42.929, de 18 de abril de 2011. Disponível em: <http://master.inweb.adm.br/revistacidade/decretocostadosol.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2011.

_____. Decreto nº 93.614, de 21 de novembro de 1986. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-93614-21-novembro-1986-444225-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 ago. 2011.

_____. Decreto nº 63.983, de 13 de janeiro de 1969. Disponível em: < http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-63983-13-janeiro-1969-405593-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 ago. 2011.

_____. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 12 jun. 2011.

CHAGAS, Mário de Souza. A radiosa aventura dos museus. IN: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina (org). *E o patrimônio?*. Rio de Janeiro: Contra Capa/PPG-Memória Social/UNIRIO, 2008.

_____; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa. Sobre o Seminário Internacional e sua proposta no ano de 2008. A democratização da memória: a função social dos museus ibero-americanos. IN: _____ (orgs.). *A democratização da memória: a função social dos museus ibero-americanos.* Rio de Janeiro: MHN, 2008.

CHRISTÓVÃO, João Henrique de Oliveira. *Cabo Frio do Sal ao Sol*: a construção social da imagem do turismo. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. Dissertação de Mestrado (História Social).

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Maria de Freitas. *Entre lembranças e desejo de mudança*: transmissão e crise do sal em Praia Seca. Rio de Janeiro, UFRRJ/ICHS/CPDA, 1999. Tese (doutorado).

CARVALHO, Hermínio Fernandes de. Entrevista concedida a Cristiane Ramos Vianna João. Araruama, 26 de junho de 2011.

DETALHE de moinho, 1980 [fotografia]. Arquivo pessoal do Sr. Aldir Antunes.

ENTREVISTA com Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, concedida a Luciana Quillet Heymann e Aline Lopes de Lacerda. IN: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2011. vol. 24, nº48.

FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios*: história da imigração. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da perda*: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; IPHAN, 1996.

_____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. IN: *Horizontes antropológicos* (UFRGS. Impresso). Porto Alegre, v. 11, n. 23, p. 15-36, 2005.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social?*. Rio de Janeiro: PPG-Memória Social/UNIRIO, 2005.

GRACINDA Ferreira Reveles, década de 60 [fotografia]. Arquivo pessoal de Dea Reveles.

GRYNSZPAN, Mário. Da barbárie à terra prometida: o campo e as lutas sociais na história da república. IN: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (orgs.). *A república no Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva.* São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HEYMANN, Luciana Quillet. O devoir de mémoire na França contemporânea: entre memória e história, legislação e direitos. IN: GOMES, Angela de Castro (coord.). *Direitos e cidadania:* memória política e cultura. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho:* novos estudos sobre história operária*.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HUYSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória:* arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBGE. *Brasil:* 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/brasil500/portugueses.html>. Acesso em 11 set. 2011.

_____. *Indicadores Sociais Municipais:* uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/

populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/default_indicadores_sociais_municipais.shtm>. Acesso em: 22 nov. 2011.

INSTITUTO Geográfico Português. Disponível em: <www.igeo.pt?atlas/Cap2/

Cap2d_2.html>. Acesso em: 13 jul.2011.

IPHAN. *Política Nacional de Museus,* 2003. Disponível em: <www.iphan.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2011.

IV ENCONTRO sobre o destino das salinas da Região dos Lagos (FARFALHAR). Dezembro de 2005. Disponível em: <www.marica.com.br/2005c/2311elisio.htm>. Acesso em: 18 ago. 2010.

JOSÉ Alzemiro da Silva, "o Coleira", 2012 [fotografia]. Arquivo pessoal da autora.

JOSÉ Reveles, 1918 [fotografia]. Arquivo pessoal de Dea Reveles.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a restinga*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Edição fac-similar.

MAPA de zoneamento de Araruama, 2005. Disponível em < http://www.araruama.rj.gov.br/images/stories/pdf/gustavo1/Mapas/zon95.jpg>. Acesso em: 01 ago. 2011.

MAPA físico de Araruama. Disponível em: < http://www.araruama.rj.gov.br/images/

stories/pdf/gustavo1/Mapas/mfis.jpg>. Acesso em: 01 ago. 2011.

MENEZES, Lená Medeiros de. Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos. IN: GOMES, Angela de Castro (org.). *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MUSEU do Caribe em Barranquilla (apresentação). Disponível em: <www.colombia.travel

/po/.../museu-do-caribe-em-barranquilla>. Acesso em: 16 ago. 2011.

NASCIMENTO, José; CHAGAS, Mário de Souza. *Caderno de Diretrizes Museológicas I* – Brasília: Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Históricos, BH: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006 .

NASCIMENTO, Milton. *Canção do sal*. Disponível em: < http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/1160872/>. Acesso em: 23 ago. 2011.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. IN: *Projeto história*. São Paulo: UNICAMP, V.10, p.37-44, Dez/1993.

OLIVEIRA, José Carlos de. Entrevista concedida a Cristiane Ramos Vianna João. Araruama, 14 de novembro de 2011.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio - um guia.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

OPERÁRIOS da salina Fluminense na década de 1970 [fotografia]. Arquivo pessoal de Aldir Antunes.

OPERÁRIOS da salina Fluminense na década de 1970 [fotografia]. Arquivo pessoal de Aldir Antunes.

OPERÁRIOS na salina Fluminense [fotografia]. Arquivo pessoal de Aldir Antunes.

O QUE É MUSEUS? IBRAM. Disponível em: <www.museus.gov.br>. Acesso em: 03 jul. 2011.

O SALINEIRO [jornal]. Araruama: 31 de março de 2000. Documento depositado no Centro de Memória de Araruama.

PAIXÃO, Cláudia. Os caminhos do sal no território fluminense. In: *Pesquisa histórica e banco de dados - ouro, café, açúcar e sal*. Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis – Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro. SEBRAE, 2004. Disponível em: <http://www.sebraerj.com.br/custom/pdf/cam/pesq/

00_PesquisaHistorica_FULL.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2011.

PEREIRA, Walter Luiz. *Cabo das tormentas e vagas da modernidade:* uma história da Companhia Nacional de Álcalis e de seus trabalhadores, Cabo Frio (1943 – 1964) Arraial do Cabo. Niterói: UFF/PPGH, 2009. Tese (doutorado em História).

PESSOA, Fernando. *Mar português*. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/

ODM2OTU/>. Acesso em: 11 set. 2011.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. IN: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1992. vol. 5, nº10, p. 200-212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. IN: *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989. vol.2, nº3, p.3-15.

RIO DE JANEIRO (Estado). Decreto nº 9.529-c, de 15 de dezembro de 1986. Disponível em: < http://www.inea.rj.gov.br/legislacao/docs/9529.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2011.

_____. Decreto nº 42.929, de 18 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.inea.rj.gov.br/unidades/costadosol_decreto.pdf>. Acesso em> 02 ago. 2011.

SALINA Espírito Santo, 2012 [fotografia]. Arquivo pessoal da autora.

SALINA Fluminense, década de 1970 [fotografia]. Arquivo pessoal de Aldir Antunes.

SALINA Vigilante - Armazém de sal, 2012 [fotografia]. Arquivo pessoal da autora.

SALINA Vigilante [fotografia]. Arquivo pessoal da autora.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. Memória Cidadã: História e Patrimônio Cultural. IN: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1997. vol. 29, p.1-13.

_____. Entre a distribuição e a preservação, notas para o debate. In: SCHIAVO, Cleia e ZETTEL, Jayme (orgs). *Memória, Cidade e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/IPHAN, 1997. p.15-27.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. *História, tempo e memória:* um estudo sobre os museus a partir da observação feita no Museu Imperial e no Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1989. Dissetação de Mestrado.

_____. Museus Brasileiros e Política Cultural. IN: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 53-72, 2004.

_____; CHAGAS, Mário. Ecomuseu Ilha Grande (mimeo.) 2001.

SARAIVA, Laurindo. Entrevista concedida a Cristiane Ramos Vianna João. Araruama, 19 de dezembro de 2011.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SECRETARIA Municipal de Cultura. *Araruama: memória de mulheres.* Araruama: Prefeitura Municipal de Araruama / Secretaria Municipal de Cultura, 1992a.

_____. *ARARUAMA: no tempo das histórias*. Araruama: Prefeitura Municipal de Araruama / Secretaria Municipal de Cultura, 1992b.

_____. *ARARUAMA: panorama de uma cidade*. Araruama: Prefeitura Municipal de Araruama / Secretaria Municipal de Cultura, 1992c.

SENNET, Richard. *O artífice.* Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, José Alzemiro de. Entrevista concedida a Cristiane Ramos Vianna João. Araruama, 10 de março de 2012.

VARINE, Hugues de. O Ecomuseu In: *Revista da Faculdade Portoalegrense de Educação, Ciências e Letras*, nº 27 p.61 -90, 2000.

VASCONCELLOS, Sylvio Lamas de. *Apontamentos sobre Araruama*. Araruama: [s.e], 1998.

ANEXO I – Entrevista concedida à autora pelo senhor Hermínio Fernandes de Carvalho

Tipo de entrevista: temática

Entrevistado: Hermínio Fernandes de Carvalho

Entrevistadora: Cristiane Ramos Vianna João

Data de nascimento: 24 de novembro de 1948

Profissão: salineiro

Escolaridade: ensino superior completo (Estatística)

Local: Casa do entrevistado, em Praia Seca - Araruama

Data: 26.06.2011

Duração: 1h36min

C- Estamos em Praia Seca, na casa de Hermínio.

Esse meu trabalho pretende estudar a história das salinas de Araruama, Praia Seca, pelo que percebo...

T- Isso está indo embora.

C- Então, estou em busca de depoimentos de pessoas ligadas intimamente com a atividade salineira e conforme conversamos anteriormente, você é uma pessoa importante neste contexto. Podemos começar?

T- Sim.

C- Seu nome é Hermínio...

T- Hermínio Fernandes de Carvalho, mas sou conhecido por Tostão.

C- A data de seu nascimento é?

T- 24 de novembro de 1948.

C-E a sua profissão?

T- Salineiro.

C- Qual a sua escolaridade, Tostão?

T- Cursei o 3º grau, fiz Estatística.

C- Como você ingressou na atividade salineira?

T- Bom, meu pai era salineiro e desde os 6 anos eu comecei a trabalhar na salina. Eu nasci em Praia Seca mesmo, na lagoa Vermelha, hoje é mais Ponta do Capim [sub-bairro de Praia Seca], aquela região todinha..., mas é lagoa Vermelha, nas margens da lagoa Vermelha aonde era a salina do meu pai. Então aos 6 anos eu comecei a trabalhar na salina. Eu trabalhei até o tempo em que eu fiquei aqui, até os 13 anos por aí, direto. Depois fui para o colégio em Niterói, ser interno no Instituto Abel. Aí eu fiquei trabalhando esporadicamente, trabalhava nos finais de semana, nas férias, porque produção mesmo era nas férias.

C- Mas você com 6 anos, fazia o que?

T- Distribuía água nas salinas. Essa divisão de águas comecei fazendo, e quebrava espelho. Espelho é aquela camadinha que forma de sal sobre a água, a flor do sal. Esse é um trabalho mais leve, eu comecei fazendo isso. Quebrava aquele espelho e comecei dividindo água.

C- Isso até os treze anos?

T- Não, depois eu puxava sal, meu pai depois fez um rodinho menor para mim. Aí eu puxava sal. Basicamente a minha atividade era puxar sal e dividir as águas. E quebrar espelhos, essa era a minha atividade. E depois já nessa época começava com o rechego, que é puxar o sal para dentro do armazém, colocava o sal no carrinho e ia até o alto. Então esse era o trabalho que fazia quando era criança.

C- Sei...

T- Ah, mas isso não era nada complicado não, não era nada de excessivo.

C- E essas salinas foram construídas pelo seu avô?

T- Não, não, essas salinas já existiam lá. Já foram construídas por outra pessoa que vendeu para a família Antunes e a família Antunes vendeu para o meu pai. Então quem construiu não foi meu pai.

C- Sei.

T- Meu pai recuperou salina, porque quando ele comprou a salina, tinha uma parte que chama "perder salina", porque quando seca, você perde tudinho, ela pára de vedar. Então tem que fazer todo um trabalho de reconstrução, então essa reconstrução ele fez. Fez aumento de área de evaporação, são uns tanques grandes que chamam de arruelas. Então ele ampliou a salina, ele fez depois um pedaço de salina, pequena na beirada de lagoa, mas construir salina mesmo, não, ela foi feita no século XIX.

C- Sei, final do século XIX?

T- Não, não foi muito final do XIX, claro, na segunda metade do XIX. Aquelas salinas lá. Aquelas salinas são ruins, elas estão no limite da área salínica, daí para lá nenhuma salina conseguiu sobreviver. Tem limites, tem região salínica e tem região que não é mais salínica.

C- E o que é uma região salínica?

T- Bom, região salínica é o seguinte: o subsolo é mais ou menos salgado. Se for um subsolo de água doce, complica.

C- Tem que estar mais próximo da lagoa?

T- É, próximo da lagoa. Ali é lagoa Vermelha, um pouco distante da lagoa de Araruama. Mas é o seguinte, é... o subsolo, basicamente de água salgada e região de menos chuvas. Quando chega dali em diante..., agora que há uma mutaçãozinha, mas ali era um lugar que começava a chover mais.

C- Aí não presta...

T- Não presta, claro. Porque quando vinha chuva... Chovia em todo lugar, claro, mas existia uma constância, que ali naquela região da divisão de Araruama e Saquarema , ali passava mais chuva do que dali pra cá. É o inicio da restinga de Massambaba quase. Da lagoa Vermelha pra cá... É onde começa a chover menos.

C- Entendi.

T- Então, dali pra lá já tinha Jaconé pequeno, lagoa de água doce, depois Jacarepiá, lagoa de água doce [lagoas do município de Saquarema, que faz divisa com Araruama], sabe, então dali em diante já cessa isso, o subsolo já fica com água doce, muda tudo.

C- Entendi.

T- É uma região que chove mais.

C- Então é por isso que existem regiões meio demarcadas para as salinas?

T- Meio demarcadas para as salinas. Não é a toa que você vem na America do Sul que começa lá em baixo, Argentina, Brasil, e só vem a ter salina aqui, a primeira salina é aqui e depois pára também e só vai ter salina lá..., antigamente tinha na Bahia, hoje não tem mais. Hoje é criação de camarão, então hoje só tem no Rio Grande do Norte. Macau, Mossoró e Areia Branca.

C- Por conta do solo?

T- Solo, e as condições favoráveis, as outras foram parando, deixando de ser viável.

C- Ok e o seu pai, Seu Armando, não é?

T- Sim.

C- Então ele recuperou estas salinas, ele foi o primeiro que começou com o negócio de salina, não foi nem o seu avô que veio de Portugal?

T- Olha só, meu avô tinha salina, mas não era essa. Ele veio de Portugal e já comprou salina.

C- Ah, sim, ele veio e comprou uma salina. E ele tinha salina em Portugal?

T- Olha só, ele não tinha salina lá, mas veio de uma região que tinha salinas. Que é Figueira da Foz.

C- Certo.

T- Figueira da Foz. Então ele veio pra cá, junto com uma leva, vários portugueses daquela região vieram pra cá.

C- E você sabe por que eles vieram?

T- Ah, por falta de dinheiro, não tinham nada para fazer lá. A Europa estava ruim, aumentou muito a população, Portugal não tinha o que fazer. Foi por pobreza, vieram para cá não era por turismo não, procurando um novo mundo mesmo. Lá era horrível.

C- Hum, hum.

T- E vinham de qualquer jeito. Meu avô veio, não é, com uma família. Depois a mulher dele, que não era a minha avó, faleceu. Ele ficou um tempo aqui, juntou um dinheiro e foi à Portugal arrumar outra mulher. Voltou de lá, um tempo depois que eu não sei quanto tempo, chegou a mulher que ele arrumou lá.

C- Era a sua avó?

T- É, era a minha avó. Com dezesseis anos ela veio para o Brasil. Olha só, para viver com uma pessoa de bem mais idade, que já tinha, parece, cinco filhos. Porque a situação lá era horrível, vinha por condições mesmo de necessidade. Saía de lá para arrumar alguma coisa.

C- E como o seu avô tinha esse conhecimento de salina, você sabe o que ele fazia lá?

T- Não, não sei. O que ele tinha lá eu não sei, mas veio para cá, chegando aqui já tinha essa cultura da salina, tinha em Cabo Frio e foi vindo ao longo da lagoa de Araruama.

C- Por Figueira?[41]

[41] - Figueira é uma localidade do município de Arraial do Cabo, que faz divisa com Araruama (Praia Seca). Na época citada fazia parte do município de Cabo Frio.

T- Figueira ali existia uma interrupção. Vinha por Cabo Frio até ali aonde hoje é Arraial do Cabo, lá no início de Arraial do Cabo e parava por ali, não vinha pra cá. Aí vinha pelo outro lado. São Pedro d'Aldeia, Araruama, Praia Seca. Figueira foi muito tempo depois. Quando fizeram salinas em Figueira eu já era nascido. Eu lembro quando foram feitas as salinas em Figueira.

C- Entendi.

T- Porque o acesso à Figueira era mais difícil, não tinha assim uma coisa... Porque Praia Seca tinha certa distância, mas tinha Araruama na frente, então tinha essa comunicação de barco, era mais fácil. Eu lembro quando fizeram salinas em Figueira. Fizeram, mas também estão acabando.

C- Então as salinas chegaram pela sede?

T- Pela sede, aqui a comunicação era pela sede.

C- E você sabe mais ou menos a época que o seu avô chegou aqui?

T- Finalzinho do século XIX. O meu pai já é o... , meu avô teve dezesseis filhos, o meu pai já deve ter sido aí o décimo, nascido em 1915. O meu avô deve ter chegado em finais do século XIX.

C- E todos os filhos do seu avô trabalharam nas salinas?

T- Todos. Todo mundo, no início. Alguns dos mais velhos, do primeiro casamento...

C- Sim?

T- Saíram daqui e foram embora. Não ficaram nas salinas... não tinha aquela opção de salina, tinha pouca salina, não dava pra ficar todo mundo. Vários saíram daqui e foram para Nova

Iguaçu, porque lá, Nova Iguaçu está no subúrbio do Rio antigo, não é? Então eles foram pra lá e ficaram por lá.[42]

Os outros não. Do segundo matrimônio praticamente todos ficaram aqui e trabalharam em salinas. Quase todos.

C- Sim, você disse que seu avô veio em busca de um novo mundo?

T- É.

C- Por intermédio de quem, amigos?

T- Provavelmente pessoas de relacionamento lá, na origem, estavam vindo pessoas e tinha um certo intercâmbio em Portugal.

C- E por que Praia Seca? Como chegaram aqui, você tem conhecimento disso?

T- Por Cabo Frio.

C- O destino era Cabo Frio?

T- A ideia era Cabo Frio. A ligação era com Cabo Frio. Inclusive tinham parentes próximos uns dos outros aqui que eram de Cabo Frio. Praia Seca foi meio por acaso.

C- Isso é interessante. Percebo que as famílias de salineiros de uma certa formaram uma comunidade.

T- Aqui era uma comunidade mesmo, Praia Seca foi uma comunidade portuguesa. Quase todos oriundos de Portugal. Com raras exceções. Isso já quando eu nasci. Qualquer coisa que eu possa falar é, de vivência, de 1960, sou de 1948. De sessenta para cá. Mas antes, vamos botar assim, no inicio do século, era basicamente portugueses, basicamente tudo. Os costumes, a festas, tudo era de Portugal. A matança de porco. A comida que se fazia era brindeira, porco, torta de sangue de porco, a comida toda era de Portugal.

C- Só não tinha o bacalhau, não é?

---

[42] Nova Iguaçu é um município da Baixada Fluminense.

T- Tinha. Vinha de Portugal direto.

C- Vinha de Portugal direto para Praia Seca?

T- Vinha de Portugal. E tinha vinho, chamavam o quinto. Quinto era um barril de madeira, vinha para Cabo Frio e traziam aqui para Praia Seca. A bebida consumida era o vinho. Quinto de vinho e bacalhau.

C- E porco...

T- E porco. Tinha que subsistir daqui. Então todos criavam o seu porco, galinha. Porco e galinha todo mundo tinha. E alguns faziam uma horta e tal. Tinham isso aí.

C- E eles mantiveram aqui as tradições culinárias, as festas religiosas?

T- Claro, claro. Isso, lógico. A culinária era portuguesa até bem pouco tempo, agora é que está se perdendo tudo...

C- E o seu avô, você sabe em que condições ele chegou aqui?

T- Provavelmente legalmente, porque ele foi e voltou, se ele estivesse ilegal não daria para fazer isso. E existe um detalhe que é o seguinte: o tipo de ocupação aqui era de pessoas legalizadas, todas as terras aqui têm título legal de escritura, tudinho. A escritura da salina que papai comprou consta lá a escritura de quem ele comprou, e de quem ele comprou consta a do anterior. Todas as terras aqui eram terras legalizadas direitinho, não tinha invasão não. Então isso denota que eram pessoas que de alguma forma estavam legais.

C – E você tem documentação dos seus avós, fotos?

T- Bom, escritura eu tenho. Escritura, alguma foto, isso eu tenho alguma coisa.

E quem também tem alguma coisa é o Neci do Sal Maré, ele é meu primo, ele tem algumas coisas disso aí.

C- Bem, você falou que começou a trabalhar muito criança, não é?

T- Todos nós começamos muito cedo, eu, meus primos, todos nós trabalhamos com menos de 10 anos de idade. Todos. Praticamente todo mundo. Vamos botar noventa por cento, sempre tem algumas exceções. Quase todos trabalharam desde pequenos em salinas.

C- E o como era o dia a dia na salina?

T- Uma certa época, começa a salgar, a gente estudava, era comum no nosso caso lá, a gente acordava mais cedo, ia até a salina, não é, fazia alguma coisa, voltava para casa e ia para o colégio. Voltava do colégio, almoçava, esperava baixar um pouco o sol e ia para salina. Mas não era um negócio assim... aquilo era natural.

C- Era comum, não é?

T- Comum. Fomos criados daquela forma, não era assim uma coisa absurda não. Até a minha irmã trabalhou muito tempo em salinas também.

C- Essa é uma questão, existiam mulheres nas salinas?

T- Mas muito pouco. Existem casos raros aqui de mulheres em salinas. Por exemplo, a minha mãe nunca trabalhou em salinas, nunca, não era comum. Minha irmã por acaso trabalhava junto com o meu irmão, os dois mais velhos. Um ajudava o outro. Ela, sim, trabalhava em salinas.

C- Qual o nome dela?

T- Hermínia. Ela trabalhava na salina e o meu irmão também. Basicamente em distribuição de água. Mas agora, na sociedade inicial portuguesa, que eu lembre, não tinha mulheres trabalhando em salinas não.

C- E hoje existem?

T- Hoje, têm, mas é um outro tipo de mão de obra. Hoje em dia têm pessoas que tomam conta de salinas, pessoas contratantes que empregam mulheres, filhos. É um trabalho mais assim, quase que noturno dessas pessoas. Finalzinho da tarde.

C- Por causa do sol?

T- Sol tem que se livrar do sol. Porque o trabalho em salina, ele é um trabalho..., é um trabalho arejado, trabalho que não tem, vamos dizer assim, o que prejudica num trabalho, sabe, ruído ele não tem, não tem gases tóxicos, ele não tem... um monte de coisas que ele não tem, riscos de acidente. Acidente de que em salinas? Então não tem.

Agora o que tem: a insolação. O sol é complicado. Quando ele tira o sol, o trabalho não é cansativo, porque o que esgota na salina é a perda de água no corpo. O suor vai embora. Aí debilita. Mas se trabalha à noite não cansa muito. É um trabalho de ritmo. Pegou aquele ritmo, vai embora. Não é estressante. Um trabalho bom de fazer. O que cansa e o torna bruto é o sol. O sol de 40 e tantos graus, aí é complicado.

C-Eu vejo muitas pessoas trabalhando durante o dia...

T- Pois é, é porque é difícil você criar esse costume nas pessoas. Elas querem ter o mesmo horário de trabalho que o normal. Só um ou outro tem esse costume. Vai cedo para a salina, fica no máximo até 9 e meia, 10 horas, e vai embora. Só volta depois de três e meia da tarde. Ele parou no período que o sol estava bravo. Bem até ali, começou cedinho, depois volta depois das três, ainda tá quentinho, mas a partir daí já vai melhorando.

E outra, lá na minha salina, o trabalho temporário tem várias mulheres que vão trabalhar. Várias.

C- No horário noturno?

T- Não. Não querem. Só durante o dia.

C- Qual o nome da sua salina?

T- Vigilante. Hoje eu tomo conta das salinas Vigilante e Almira. A Almira era do meu avô materno.

C- Que é o senhor...

T- João Fernandes. Já faleceu há muito tempo.

C- Português também, não é?

T- Português, do mesmo caso, Figueira da Foz.

C- Esse avô construiu salinas?

T- Não, comprou também. Junto com o meu outro avô.

C- Eram amigos?

T- Sim, amigos, naquela época... depois não. Mas esse negócio de família é complicado. Meu pai foi casado com uma filha de João Fernandes, o nome do meu pai era Armando Carvalho casou com uma Fernandes. Um filho do meu avô, que era Armando também, casou com uma irmã de papai. Então meu pai casou com Hermínia irmã de Armando Fernandes, e Armando Fernandes casou com Silvia Carvalho, irmã de papai. E depois ficaram inimigos por causa disso.

C- Olha só...

T- Eles não admitiam que os filhos casassem entre si e eram amigos, hem? Ficaram inimigos pro resto da vida.

C- É mesmo?

T- Morreram inimigos. Ele falou: “se tu casar com ele nunca mais fala comigo”. Pronto. Passaram aí uns 50, 60 anos e não teve jeito.

C- Voltando a falar da salina, como é o processo de construção de uma salina?

T- Construção da salina é básico duas coisas, você tem que ter, bom, evaporação. O básico em salina é a evaporação. Então tem dois tipos de evaporação básica aqui, uma que está antes da bomba eólica, que são os cata-ventos, este está no nível da lagoa, que você não precisa de máquina para colocar água ali, normalmente são chamados marnéis. É um pedaço da lagoa

que você separa, então ali você coloca água a hora que quiser e tira a hora que quiser, só com o nível da lagoa, antes das bombas eólicas.

C – É uma barragem?

T- Isso, uma barragem. Barragem. Então você consegue secar, botar água a hora que quiser. E tem a evaporação que é posterior a essa bomba que é elevada, esses cata-ventos são elevatórias. Então eleva e joga em cima de tanques maiores e desses tanques vai passando para outro que vai evaporando e concentrando, evaporando e concentrando. Quando chega uma época que chove pouco, está ventando e tem sol a evaporação aumenta e começa a produzir o sal. Lá embaixo nos cristalizadores. Então basicamente você tem ali os marnéis, chegando na captação que é a elevatória, elevatórias são os cata-ventos. Quase todas salinas aqui têm, várias tem também uma bomba tocada por motor a diesel, mas não é quase usada. Só em caso de muita calmaria, também é caro, complicado, então não vale a pena. O cata-vento é mais barato. Bota lá e não paga essa energia. Só leva a manutenção. Então dessa elevatória, botou nos tanques de carga, que se chama, vai distribuindo nos tanques intermediários e depois para os tanques evaporadores. Na verdade tudo isso é evaporação.

C- Entendi.

T- Depois chamam-se as cabeceiras. As cabeceiras são o que? É onde nasce o sal. Dali em diante são os cristalizadores. A água sai ali para baixo para cristalizar. Então esses cristalizadores são uns compartimentos menores que tem que ser limpos antes de começar uma safra. Agora no final de julho princípio de agosto, o empregado vai lá, passa o rodo de borracha naquilo tudo, limpa, em algum lugar passa até escovão, para deixar limpinho, para quando cristalizar o sal poder retirar o sal limpo.

C- Então tem trabalho na salina o ano todo?

T- Ah, o ano todo. Para dar manutenção. Tem que ter. Primeiro, nasce mato. Então você tem que ter um jeito de manutenção, para capinar o mato. A chuva bate e leva o solo. Você tem que repor, puxar o solo de novo, para fazer aqueles passeiozinhos. As divisões com madeira, a madeira também é corroída pelo sal. Se a madeira ficar dentro da água salgada, o sal não corrói não. Ela fica mantida por muito tempo, mas a parte que fica, que molha e seca, fica em contato com o ar, a madeira vai deteriorando, tem um ponto que tem que trocar. O armazém, o vento bate, arranca telhado, quebra madeira, então tem que dar manutenção no armazém. Então, hoje em dia, a maioria, 80% das salinas não tem mais armazém, está acabando tudo porque é preciso muito dinheiro. E como caiu o preço do sal, o salineiro não encontra... Não consegue reinvestir.

C- E com isso as salinas estão acabando...

T- Estão acabando. Eu não sei por quanto tempo mais, porque é muito resistente aquilo ali. Algumas, não é?

As salinas que estão à margem da lagoa de Araruama são mais resistentes, as salinas que estão do outro lado, no combro do oceano, porque aqui tem dois combros, o combro do oceano e o combro daqui. As salinas que estão do lado do oceano, essas salinas são muito frágeis. Se diminuir o cuidado com ela você a perde. Porque botou em seco... Por exemplo, as salinas da lagoa Vermelha, se você deixar em seco dois, três dias, para recuperar é uma luta. Ela fica rota, acaba com tudo. Então tem que ter cuidado sempre. São salinas mais trabalhosas. Do lado de cá, praticamente já acabaram todas já. Só tem a nossa lá. A dos Luiz acabou, a do Gomes virou Balneário Praia Seca, aí depois tinha a dos Raposo, perdeu tudo. As maiores salinas de Praia Seca, as dos Raposo acabaram todas. Depois tinha a do Nunes, do Aurace, do Silva, foi acabando tudo. Aqui ó, aqui atrás dessa lagoa, tinha as salinas do Fausto, acabou tudo.

C- Esse lado daqui [lado oposto da lagoa de Araruama] é mais frágil, tem que ter mais investimentos.

T- É, mais cuidado, mais manutenção. Agora, a maioria das salinas funciona da seguinte forma, o empregado ou contratante só vai à salina para produzir, parou de produzir ele não vai mais lá. Vai fazer outra coisa, trabalha em manutenção de lotes, construindo alguma coisa, trabalhando em outro lugar. Quando vem a produção ele vai lá trabalhar. Então ele tira aquilo ali, mas não dá manutenção. Não agrega força de trabalho. Por isso há uma tendência a acabar, não há investimento nenhum...

C- E por falar em investimento, essas associações de salineiros...

T- Ih, não tem efeito nenhum.

C- E a prefeitura oferece algum subsídio?

T- Não, nada.

C- Nem isenção de impostos?

T- Não, não tem nada disso. Quando baixou o imposto do sal, baixou pra 2%, mas normalmente não é utilizado isso porque esse é só um imposto, o IPI passou pra 2%. Não, o ICMS baixou pra 2%. Só que quem pode fazer uso desse ICMS é a empresa que não usa o simples nacional. O simples nacional engloba todos os impostos, que normalmente as salinas aqui, pelo porte delas, juntando todos os impostos chega a 4 e pouco, não chega a 5, entendeu? Então foi uma medida que não tem nenhuma validade, porque não uso aquela isenção, de 18 para 2%, porque eu tenho que pagar INSS, IPI, um monte de coisas aí que ultrapassam os 4 e meio por cento do simples nacional. Então não é utilizado. Então na realidade essa é uma medida que só valeu para o caso da Cisne.

C- Para grandes empresas?

T- Lógico, para elas foi bom. Mas que não afeta em nada o nosso mercado de sal aqui. A Cisne dificilmente compra sal aqui. E quando compra, compra barato. O sal dela estava vindo da Salinor, lá de Macau, Mossoró. Ela conseguiu preço melhor agora do sal de mina do Chile, que vem do deserto de Atacama. Aí vem de lá, descarrega em Arraial do Cabo, ela mói, dilui, não é? Bota na turbina de novo para virar o sal refinado. Então não tem grande efeito isso aí.

C- E o sal de Praia Seca é comercializado para quem?

T- Bom, vamos colocar assim. In natura, retirado dali e mandado para fora, é para salga de peixe, para couro, que é a maior quantidade, para salgar couro. Para triparia, mas agora está pouco e em muito menos escala, para fazer gelo grande, ainda se usa um pouquinho, mas muito pouco. O outro, já é o sal moído. Vem para a moagem aqui, quando sai moído, já vai para a fábrica de ração, para outros tipos de uso assim, para uso humano basicamente não. Não sai para isso. Só quando vende para a Cisne. Para uso humano..., por exemplo, a Nobre, compra sal aqui, a Perdigão, então vai salgar alguma coisa lá e vai para consumo humano dessa forma, direto não. Mas hoje as salinas comercializam mais in natura. Aqui só tem uma moagem, na verdade duas.

C- Aqui em Praia Seca?

T- Sim, aqui. Existe a moagem de sal Maré, que é do Neci, e a outra é a Issal, que era do Rene Issa, que faleceu. Só tem essas duas funcionando. Mas a do Neci basicamente só mói o sal que ele produz, bem pouquinho. A outra é em pouca escala. Então a maioria do sal que sai é in natura. São ensacadas direto nas salinas. Tem umas três pessoas que vendem sal grosso aqui, intermediário, compra e revende. Agora, estão querendo reativar uma moagem antiga aqui, mas eu não sei se vão conseguir não! O negócio é meio complicado!

C- Nós falamos da construção das salinas, existe projeto de salinas?

T- Olha só. Projetos sim. Projetos muito bonitos. Agora, se está escrito em algum lugar, aonde está essa documentação, isso eu não sei.

C- Então esse conhecimento é passado de pessoa para pessoa?

T- É, de pessoa para pessoa. E o projeto que será executado depende do terreno. Por exemplo, em 2001 eu fiz uma salina lá na lagoa Vermelha, pequena, mas eu fiz. A minha salina lá tem duas elevatórias de água por que o terreno só dava salina dessa forma. Então tem uma elevatória, faz a evaporação, aí desce muito, tem que ter uma outra elevatória para poder jogar para os cristalizadores. E aqui já existiu uma salina assim. Uma salina antiga, a dos Silva, era uma salina desse tipo, com duas elevatórias. Só essas também que eu conheço. E basicamente tem dois tipos de salina aqui, uma é comum, chamada salina portuguesa, essa que eu descrevi. O esquema é quase todo igual. Só que a forma de quase toda salina é retangular, começa na parte alta..., na verdade é um plano inclinado, toda salina é um plano inclinado. Começa na parte alta, vai descendo, descendo, para os cristalizadores. E no mesmo sentido que dá a inclinação, lá em baixo, tem os passeios, onde é colocado o sal que dali é retirado para os armazéns, ok? Essa é a salina portuguesa. Tem outro tipo de salina aqui chamada salina francesa. O que acontece? A água vem descendo nesse sentido pelo plano inclinado, os passeios são perpendiculares a isso, então o sal sai de lado. Porque essa diferença, eu não sei, talvez porque toda a produção fosse escoada pelas valas, não tinha saída por outro lugar. Saía por bateras, aqueles barcos baixinhos, e tinha um barco maior esperando no meio da lagoa. O empregado retirava o sal do passeio, colocava na batera, depois passava para o barco maior, até encher. Depois este barco seguia para Cabo Frio. Todo o sal saía por Cabo Frio.

C- E sempre foi assim?

T- Sim, depois começou a sair por Araruama de trem. O trem vinha até ali aonde hoje tem o banco Santander.

C- Isso na década de 1950?

T- Não, antes. Existia um cais na frente do hospital São Silvestre. Não tem a estação no centro de Araruama? Ali tinha um ramal que ia até esse cais, o trem pegava o sal ali. Mas a maioria da produção saía mesmo por Cabo Frio. Muitas vezes trocado por mercadoria. O salineiro levava o sal e trazia alimentos, roupas, havia troca.

C- O sal já ocupou o primeiro lugar na economia de Araruama, não é?

T- Sim, o top de linha. Era chamado ouro branco. Eu diria dos anos 1940 a 1960. Até os anos 1964, 1965, a partir daí foi caindo. Em 1960, um caminhão de sal comprava um carro. Foi a época áurea das salinas. Por exemplo, lá em casa tinha época de ter seis carros, meu pai tinha uma camionete nova, eu tinha um jipe para a gente andar por aí, meu irmão tinha dois carros. Tinha muito dinheiro, meu pai comprou fazenda, montou loja de tecidos, fez moagem de sal, dinheiro entrava a rodo.

C- E a que você atribui essa queda?

T- Foi o advento da indústria do nordeste, porque houve a industrialização. São Paulo era o centro consumidor de sal, então o sal daqui saía todo. Era direto, com isso o sal daqui não conseguia atender a demanda. Deslumbraram a possibilidade de trazer sal do nordeste. Aí foram feitas as salinas no nordeste. Quando entrou no mercado o sal do nordeste, o sal daqui começou a perder peso, aí começou a complicar. Basicamente as grandes indústrias começaram a comercializar o sal do nordeste.

Houve uma queda grande, épocas assim que passavam alguns anos quase sem produzir, aí faltava o sal para atender a indústria, que não podia parar, então você pega um outro fornecedor, para retornar para o primeiro é difícil.

C- As rodovias substituíram as ferrovias, você acha que isso também influenciou para essa queda?

T- Muito pouco. Mesmo quando tinha estrada de ferro a produção saía pela rodovia. O sal saía muito para Paraná, de caminhão direto. Pessoal de Londrina, Cascavel, eu lembro muito dos caminhões sujos de barro do Paraná, até o dinheiro que eles traziam era cor de barro. O cara trazia sacos de dinheiro, era pago em dinheiro, depois que passaram a financiar, mas antes não, o cara vinha com dinheiro. Aqui formavam filas de caminhões. O sal aqui era garantido de vender.

E aí aconteceu que, a pessoa se adaptar ao bom é fácil, mas se adaptar ao ruim é difícil, então o que aconteceu? No "boom" todos criaram um padrão de vida lá em cima, quando começou a cair, ninguém achou que ia cair, que podia manter o padrão de vida, quando foram ver já era tarde, muitos tiveram que vender as salinas, criaram dívidas, vender, aí complicou. O ganho com as vendas aumentou em 100%, se eles aumentassem o padrão de vida em 10%, dava para ficar o resto da vida. Mas não.

C- Então as salinas deixaram de dar lucro?

T- Isso, e para completar a maioria dos salineiros botavam os filhos para estudar fora, para não depender das salinas. Em Praia Seca, quase todos os filhos de salineiros têm curso superior.

C- E eles voltaram para as salinas?

T- Pouquíssimos. Hoje, que eu sei, filhos de salineiros que voltaram foi o Neci, eu e o Aurace também. Então dessa faixa etária, vamos dizer a segunda geração, depois dos que vieram de Portugal, teve a primeira geração, a segunda geração toda praticamente foi educada para não ficar em salinas.

C- Por quê?

T- Porque quando chegaram aqui, a vida na salina era muito dura, então eles não queriam isso para os filhos. Não estavam pensando na lucratividade, estavam pensando na atividade com um trabalho bravo.

C- Então esse conhecimento do processo de salina, que é passado de pai para filho, fica comprometido.

T- Pois é, as salinas vão acabar também por falta da passagem desse conhecimento. Isso não está sendo passado de jeito nenhum. Não tem quase ninguém hoje que saiba de salina. Se alguém for construir uma salina não vai encontrar quem faça, pois ninguém mais sabe este ofício.

Veja bem, a maioria dos moinhos vieram dos Estados Unidos, de Chicago, mas alguns eram feitos por aqui. Os cata-ventos das salinas do meu avô materno, por exemplo, que ainda existem, foram feitos por um tio meu. Isso não existe mais. Até para consertar o moinho está difícil, atualmente só tem uma pessoa em Araruama que faz isso, o Carlinhos , que é filho do cara que consertava antigamente, o seu Zé Pequeno. Então, só tem o Carlinhos. E é ele quem está aí.

C- E na falta dele...

T- Ah, os filhos não querem nem passar perto disso.

C- E aí como ficará o conserto dos moinhos?

T- Tem que recorrer a outras cidades, Arraial do Cabo, procurar quem faça. Isso tudo contribui para acabar com as salinas, o conhecimento não é repassado, inclusive nas atividades paralelas.

C- Sei.

T- Quando dá sol e vento, tem sal de qualquer jeito, se jogar água vai dar sal de qualquer jeito, agora, a qualidade do sal caiu muito, porque tem o trabalho com a limpeza. Tem

salineiro que não faz, então ele pensa “vou vender no final pelo mesmo preço quase”. Agora mesmo, chega a época de colocar o sal para o tapete de Corpus Christi, qualquer sal serve, vai botar tinta em cima, então...

C- Esse sal é vendido para a prefeitura?

T- É. Então tem cuidados com o sal. As eiras têm que ser tipo pirâmide. Corte piramidal. Para que? Para a água bater e escorrer. No início o que se fazia? Tinham cotas do sal. O cara produzia e só podia vender aquela cota. Quando ele ia fazer uma salina, ele tinha que comprar a cota.

C- Por que isso?

T- Também não sei. Determinação do Instituto Brasileiro do Sal que controlava isso aí. E outra, quando o cara produzia o sal, vinha um fiscal e botava uma plaquinha lá de quando foi produzido aquele sal, e ele só podia vender dois anos depois. Que era para curar o sal. Por conta do magnésio, porque o magnésio fazia mal a saúde, abortivo, para retirar o magnésio e ficar só o cloreto de sódio. Então o que eles faziam? Alinhavam o sal, botavam ele certinho, passavam o rodo para ficar bem lisinho, iam no combro da praia cortavam folhas de guriri, esperavam o guriri secar, jogavam em cima dos montes de sal, cobriam tudo e ateavam fogo, o que acontecia? Formava uma crosta e ficava lá parado até dar o tempo da venda.

C- E hoje não é mais assim?

T- O cara joga lá de qualquer jeito. Aí vem a chuva e como está tudo irregular, a água vem e empossa dentro do sal, faz um monte de buracos... quase ninguém tem o cuidado de fazer a eira direito, são poucos os que fazem. O resto faz à moda, nem vai mais lá.

C- Essa mão de obra vem de onde?

T- Uma parte é daqui de Praia Seca mesmo.

C- E é difícil encontrar mão de obra?

T- Está difícil, por exemplo, agora, ninguém trabalha em salina, quando chegar em final de julho, você encontra mais pessoas. Na manutenção ninguém quer saber de salina não. Quando chegar na produção, aí não falta gente aqui. Os contratantes gostam de fazer um tipo de trabalho que é assim: ficam limpando quintal, tomando conta de casa, quando vem a produção eles vão para lá. E grande parte vem de São Vicente.

C- Então não se emprega quase pessoas de Praia Seca?

T- Pouco. A maioria vem de fora, eu chego a ficar com dezesseis pessoas na safra, dessas umas 2 ou 3 são de Praia Seca.

C- Você contrata por temporada?

T- Não, não é por tempo não. O cara aparece lá e diz: "tem algum sal para puxar hoje?" No outro dia ele vai procurar outra salina, se lá tiver uma empreitada maior ele vai. Então é assim: "posso puxar um sal aí hoje?" É assim, não tem muito compromisso, não. Porque é assim, choveu, parou. Então não tem contrato, não tem nada.

C- Então o serviço é por tarefa?

T- Por tarefa. Tudo tarefa, por empreitada. Não tem como trabalhar por contrato. É assim: "Você quer quanto pelos quadros de cristalizadores? Tanto". Ou então é por linha, duas linhas de quadros formam um passeio, porque é uma de cada lado. "Você quer quanto para trabalhar esse passeio? Tanto." Aí vai lá e faz isso, pronto, acabou. Ou às vezes junta e paga depois, depende. Mas sempre por empreitada.

C- E os capixabas, teve uma emigração grande, não foi?

T- Veio uma leva, na década de 1980, vieram para as obras e salinas. Hoje tem vários capixabas que são contratantes de salinas.

C- Contratante é como se fosse o gerente?

T- Não, não é assim. Tem o proprietário da salina, o cara não tem interesse em trabalhar na salina, os filhos não querem, então ele faz negócio com o contratante para tomar conta da salina. A maioria fracionada, não é a salina inteira, não. È assim: "quer ficar com vinte linhas de salina minhas, eu te dou 80% da produção, você me dá os 20%". Hoje é assim que funciona, de 70 a 80%. E o seguinte: é tudo por conta do contratante, tudo o que se gasta na salina é por conta dessa pessoa. A parte baixa dos cata-ventos é por conta do contratante e a parte de cima, a máquina, é por conta do proprietário. Normalmente, o armazém é por conta do dono.

C- E isso é por contrato assinado?

T- Ah, não tem nenhum praticamente, é tudo apalavrado. O cara tira o sal, daquele sal que ele fez, separa 20% para o salineiro, e leva o restante, ou às vezes dá em dinheiro. Ou tem donos de salinas que pegam a parte dele em sal e vende.

C- E tudo na palavra?

T- Sim, tem algum caso raro que o dono da salina assina carteira do contratante, paga o INSS, mas isso é caso raro. Que eu saiba aqui é um ou dois no máximo. Mas também isso está parando, por que o funcionário trabalha pouco, não rende muito, no final o dono vai ficar com 20% da produção, para dar manutenção no moinho, ainda pagar o INSS do cara, no final não sobra nada. Por isso estão desistindo de fazer, deixam secar a salina. Porque, olha só, naquela época, o dono tinha a salina, trabalhava com os filhos, eventualmente pagava alguém na produção. Agora, o dono tem a salina, subcontrata alguém, esse alguém vai contratar outras pessoas para trabalhar, então o custo disso aí aumenta muito. Dilui esse negócio todo. Como a salina não é do contratante, o dono que tem que conservar. O contratante não está ligando para aquilo, ele quer a produção. O que interessa para ele são os 80% da venda. A salina em

si... Isso é meio um contra-senso, o cara está vivendo daquilo tinha que preservar, mas não existe essa cultura. Eles falam assim: “ah, o dono é quem tem que cuidar disso”.

C- Quantas salinas ainda restam?

T- Hoje, aqui em Araruama, não chega a trinta. Mas todo ano some alguma.

C- Mas todas estão produzindo?

T- Estão. Por exemplo, a parte dos Antunes, existem vários pedaços de salinas com donos distintos, antigamente era uma empresa só. Mas aí ele dividiu para os filhos e ficaram salinas distintas. Mas todo ano vai uma embora. E a tendência é essa mesmo, não sei quantas vão sobrar.

C- E como você vê esse processo?

T- É uma queda, mas não vejo que seja um negócio que vai acabar em dois, três anos, não. Nem em dez anos. Vai ter alguma coisa, por exemplo, eu vejo, as salinas minhas lá na lagoa Vermelha, o tempo de duração dela é o meu tempo de duração. Enquanto eu durar ela vai durar, quando eu morrer ela vai morrer. Porque meus filhos não querem saber, meus irmãos também não, estão em outras atividades. Então não tem mais ninguém para dar continuidade. Olha só, hoje, na minha atividade, eu vivo, poderia até viver só da produção, mas viveria com um padrão de vida muito baixo, teria que trabalhar mais, como produtor de sal. Eu comercializo o sal. Das trinta salinas mais ou menos que tem aí, tem 3 ou 4 pessoas que têm empresas que podem comercializar o sal. O resto não. E tem que ir atrás do mercado, então não tem isso, não tem essa cultura, nada. Hoje o preço do sal do nordeste subiu, não é, o frete de lá é muito barato ainda porque quem viaja para lá, viaja com frete bom, aí ele vem com o sal só para cobrir praticamente a despesa do óleo. E outro fator, para lá quase não tem balanças nas rodovias, então ele vem com excesso de peso. Quando começar a botar balanças nas rodovias vai melhorar um pouco o comércio de sal daqui. Porque o frete daqui já é um

frete real, porque não se pode transportar com excesso, porque tem os pedágios, então ele trabalha com o valor do frete mais real. O frete do nordeste para cá é irreal ainda, porque quando começar a entrar o pedágio, balanças que vai inibir o excesso de peso, o frete vai ter que chegar a outro patamar. Porque aqui, enquanto eu pago cem reais, vamos botar assim, para andar mil quilômetros, do nordeste ele vem com três mil quilômetros por 110 reais, algo assim, então o de lá está irreal.

C- E Tostão, fale um pouco sobre as aves migratórias nas salinas.

T- Têm muitas, como em todo o entorno da lagoa, não é? Os flamingos, os coleiros, as garças, tudo isso aí, biguás, vivem em torno das lagoas. Os biguás não vão nas salinas, agora as gaivotas fazem dormitório, adoram dormir nas salinas. É o dormitório delas, a razão, eu não sei. Inclusive na minha lá é uma chateação, porque tem as passagem de água, de um compartimento de salina para outro, é vedado com panos. Abre e fecha com panos. Não sei por que razão elas gostam de tirar os panos. Aí a gente chega lá de manhã e está um monte de coisas abertas, são as gaivotas. Inicialmente a gente não sabia quem fazia aquilo, depois a gente descobriu, são as gaivotas que metem o bico e tiram aquilo. Muitas.

C- E existem outras formas de vidas nas salinas?

T- Não, por causa da salinidade. Mas na minha época de criança, nas salinas da lagoa Vermelha, por conta do subsolo um pouco doce, tinha perereca, tinha rã. Mas aquela área foi ocupada com água salgada, então praticamente isso lá foi eliminado. Vida lá é artêmia, que não existia na lagoa.

C- O que é artêmia?

T- É um crustáceo pequeninho, usado para alimentação de peixe de aquário. E, bichos de salina, têm os pássaros, temos piruinhas, passarinho que tem sempre por ali, os quero-queros que fazem muitos ninhos lá, eles adoram fazer ninhos em salinas.

C- Terminando as salinas esse animais vão sofrer, não é?

T- Mas olha só, elas ficam ali porque tem aquilo ali. Elas vão para uma ponta de lagoa mais seca, não acho que isso vai alterar o ciclo deles não. Elas gostam daquilo, mas não ficam só ali não.

C- Como você vê o trabalho de preservação da história das salinas?

T- Acho que é um trabalho viável, mas com poucos lugares hoje para realizar isso. Pelo nível de preservação que as salinas têm. Porque a maioria das salinas hoje está no esqueleto.

C- Esqueleto que você fala é porque não tem armazéns, nem moinhos?

T – É, porque é assim: a divisão dos quadros, não tem madeirinha, a terra vai invadindo, os armazéns caindo, as estradas que dão acesso, esburacadas. Então hoje você tem salinas preservadas, a minha, da minha irmã, do Neci, acho que só. Três ou quatro salinas. O resto está indo embora. Eu acho que hoje tem chance nisso aí na minha salina, no caso. Hoje na minha salina tem o estudo dos estromatólitos, a lagoa Vermelha é um dos poucos sítios que existem no mundo... Lá tem, com se diz, a primeira vida microscópica na terra, é o estromatólito. Continua a existir na lagoa Vermelha, na Austrália e num outro lugar que não me recordo, nesses três lugares. Então ali tem visita de pessoal da Petrobras, pelo menos duas vezes por mês, com cientistas. Para estudar aquilo ali, da importância daquilo. Se descobriu, com o estudo do pré-sal, que aonde o petróleo está depositado, abaixo da camada de sal, as estruturas são exatamente formadas pelos estromatólitos, que é uma pedra porosa, que ficou lá embaixo do sal, e aquilo ficou cheio de petróleo. Então estudando aquilo ali, estão estudando o que ocorreu... daí a importância daquilo ali.

Inclusive, o pessoal da DRM[43] já me falou também em formar um tipo de associação a isso, não é? Visitação, tudinho... Tem todo um interesse em preservação.

C- Então há esse interesse de sua parte?

T- Claro, pode vir, de repente, a ter algum tipo de associação de preservação. Olha só, uma vez por ano, pelo menos, eu recebo escolas ali. Eu converso com a criançada toda, explico tudo, todo ano eu faço isso.

C- Esse trabalho que você faz já pode ser considerado o embrião para o museu.

T- Exato.

Praia Seca não tem mais identidade. Praia Seca só tem identidade até chegar no DPO [44]. Do DPO para cá não é Praia Seca, como identidade não é. As salinas que formam, então dali para cá já é outra coisa, digamos assim Praia Seca moderna. Praia Seca original só até o DPO.

[43] Departamento de Recursos Minerais do Serviço Geológico do Estado do Rio de Janeiro.
[44] DPO- Departamento Policial. Fica localizado no centro de Praia Seca. Constitui um ponto de referência. O comércio local desenvolve-se a partir deste marco.

ANEXO II – Entrevista concedida à autora pelo senhor José Carlos de Oliveira

Tipo de entrevista: temática

Entrevistado: José Carlos de Oliveira

Entrevistadora: Cristiane Ramos Vianna João

Data de nascimento: 21.04.1947

Profissão: torneiro mecânico

Escolaridade: 2º grau incompleto

Local: casa do entrevistado, em Araruama

Data: 14 de novembro de 2011

Duração: 1h 33 min

C- Seu Carlinhos, o senhor é descendente dos primeiros portugueses que habitaram esta região?

JC- O meu avô foi contemporâneo desses homens aí. O meu avô veio na imigração junto com eles. Sou de família portuguesa, meu avô era português, de parte de pai.

C- Ele era de onde, Sr. José Carlos?

JC- Olha, eu não sei exatamente, eu tenho escrito isso aí, ele era de Portugal, veio muita gente de..

C- Figueira da Foz?

JC- Figueira da Foz, justamente.

JC- Eu até acho interessante, vinham os parentes, e eles casavam entre si, mas eles brigavam pela posse da terra.

JC- Quando os portugueses vieram para aqui, eu imagino, não sou historiador, mas tem historiador falando o contrário aqui nesta região. O centro de Araruama era uma grande fazenda, e os donos das fazendas não deixavam fazer salinas em Araruama, não tinha salinas do lado de cá. A fazenda era de Stela Romanos, da família Alves Branco. Eram donos da área quase todos e a outra área era de Bento José Martins, a Casa de Caridade que era casa de Bento José Martins.

Então não deixavam fazer salinas do lado daqui, então isso, imagino eu, o pessoal chegou aqui e falaram, aqui não vai para o lado de lá. Então foram para o lado de lá, para Praia Seca, acredito que Praia Seca era apelido primeiro dos portugueses.

Eu alcancei todo o transporte por barca. Eles levavam alimento, material de construção para fazer a casa, fazer as salinas e eles eram muito bons nisso. Porque aquelas salinas eram de umas medidas tão certinhas, muito direitinho, em matéria de nível a água vem descendo por nível, sabe? E eles eram uns trabalhadores muito fortes também, os homens eram muito fortes, acho que o peso que aqueles homens pegavam naquela época hoje os homens não pegam.

Porque eles mesmos que montaram aqueles moinhos, aqueles moinhos que vieram de Chicago vieram dos EUA. E eles começaram as salinas em mil oitocentos e alguma coisa, mil oitocentos e noventa. A idade desses moinhos tem essa idade, tenho documentos que comprovam essa idade. E o que eu acho interessante, é que eles foram tomando posse das praias, e foram construindo.

Até hoje eles não tem documento daquilo era posse mesmo e acabou. Alguns têm documentos outros não.

C- O seu avô que veio com esses outros portugueses, ele não veio para trabalhar na salina?

JC- Olha que coisa interessante, ele na época era formado em mecânico industrial que pelo trabalho, eu não alcancei não conheci, mas pelo trabalho dele... O trabalho dele era maravilhoso, ele já usava torno, esse torno de tornear, naquela época. Com uma pessoa tocando a manivela, não tinha luz, não é? Ele era danado, ele fazia tudo, fazia as peças naquela época, aí o meu pai passou a fazer isso.

C- E seu avô começou a trabalhar com esses moinhos importados?

JC- O meu avô já sabia trabalhar com moinhos porque do lugar da onde ele veio, já tinha salina, igual a daqui. Não sei se o clima era igual. Aí o meu avô depois colocou o meu pai para fazer esse serviço, ele se especializou mesmo nisso. A função dele era moinho. E veja só, não era cata-vento, não. Era moinho. Então nós estamos com esses moinhos na região desde 1890,1900. Então o meu pai trabalhou até 91 anos, ele trabalhou até morrer atropelado, tinha uma saúde que eu nunca vi.

C- Ele morava em Praia Seca?

JC- Não, ele morava em Araruama. O nome do meu era Petronilho, mas era conhecido como Pequeno, ele também trabalhou numa época muito boa, e esses portugueses eram muito sérios, pagavam muito bem, e teve uma época de ouro aqui em Araruama, em 1964 a 1968 mais ou menos teve um problema no nordeste e os salineiros daqui ficaram ricos.

Essa época foi de ouro realmente, o sal dava para comprar uma propriedade, hoje não, hoje é o contrário, hoje é capaz de valer como aterro, o caminhão de sal hoje deve valer uns R$500,00, R$600,00 por aí, não vale a pena tanto trabalho fazer 10 toneladas de sal e ganhar R$600,00. Estão lutando lá, você vê, os moinhos são os mesmos, esses portugueses antes do meu pai e de mim, eles eram tão caprichosos, tão inteligentes, cuidadosos, eles tinham mais cuidado com os moinhos do que com as mulheres, eu tenho a impressão que se as mulheres deles ficassem doentes eles iam levar 2 dias para atravessar de barca, não existia estrada, o

moinho era tudo para eles, eles tinham o cuidado de ir lá travar, trancar, amarrar. Então não tinha...

Eles tinham um cuidado danado, era um motor ao tempo, então eles tinham medo que eles quebrassem, se quebrasse ia conseguir peça aonde? Hoje eu faço essas peças com certa dificuldade, hoje é tudo tão moderno, ninguém quer perder tempo em fazer um molde de madeira, depois mandar fundir e preparar essa peça, e é muito difícil de trabalhar. Mas voltando aos portugueses, eles eram muito caprichosos, eu alcancei eles descarregando sal aqui na frente da rodoviária em Araruama.

Teve um historiador aqui que fez um trabalho a meu ver errado, ele disse que o trem descarregava concha, não isso nunca aconteceu, o trem passava no centro de Araruama, [rua] Getulio Vargas hoje, e ia pegava sal, ele ia até a beira da lagoa, tinha um cais ali descarregava sal nos cestos, uma dificuldade danada.A estrada de ferro acabou, a estrada para Praia Seca foi feita na época da guerra, muito ruim a estrada, depois que abriram estrada para caminhão, e tem uma coisa muito interessante ali, quem chegou primeiro de Portugal e fez a salina perto da lagoa, não queria dar passagem para a lagoa para quem fez salina depois, quando veio a estrada a coisa se inverteu. Quem estava perto da estrada não queria dar passagem para quem fez a salina depois dele. Quando veio a estrada a coisa se inverteu, quem estava perto da estrada não queria dar passagem para quem não deu para ele, essa briga é muito engraçada, e eles eram todos parentes, ou passavam a ser parentes através de casamentos. E eu alcancei isso, quando eu precisava passar de uma salina para outra, diziam que tinha que ter autorização para passar para a outra salina, falavam autorização para trabalhar, um atraso muito grande, bom, foram castigados com isso no final da vida, o sal perdeu o valor, eles foram morrendo, foram ficando doentes e os filhos não quiseram tocar a

difícil atividade braçal, não é? Já começa com o conserto desses moinhos altamente técnico, peças não existem, precisa mandar fazer.

C- Hum, hum.

JC- No final tem que usinar, parece simples, mas se perde muito tempo. Numa indústria em São Paulo, por exemplo, vão cobrar R$1.000,00, aqui o serviço não vale nem R$100,00, então não tem como mais concorrer, então eles estão acabando com a terceira fase, quarta fase, estão entregando a salina para os empregados.

C- Para os contratantes, não é?

JC- É, até isso é errado, o cara é contratado, o dono que é o contratante, não é?

Tinha muito analfabeto, mas para trabalhar eram inteligentíssimos. Então, ficaram com problema trabalhisco, ficaram com o problema de dar casas para funcionário, funcionário teve filho, teve neto, e ninguém sai mais de lá, então fica muito difícil, e também não existe dinheiro para...

C- Indenizar.

JC- Indenizar. O que aconteceu? Entregaram as salina para os empregados, os empregados ficam com uma parte mais de 50%, e eles tomam conta da propriedade. Eles estão conseguindo acabar com que já estava acabando, mais um pouquinho de carinho dava para continuar. Eles estão deixando quebrar os moinhos todos, não tem cuidado com nada.

Aí depois ficaram nessa situação difícil que se encontram as salinas agora, tem uma família tradicional, a família Pedrosa que fecharam a salina e ficaram com um prejuízo grande.

Então na hora de tirar do bolso ninguém quer, não é?

C- É.

JC- Vamos ratear, cada um vai tirar R$20.000,00 do bolso, ninguém quer. Ficou difícil vender a propriedade, o governo não deu incentivo algum para tocar a salina, embarreirou isso com o

Meio Ambiente, é bom que fique bem gravado aí, não ajudou em nada. O governo não ajudou em nada. Não saía um caminhão de sal sem nota fiscal, queria implantar mais um imposto, depois o Meio Ambiente quis implantar mais um imposto então não dão condições ao dono da terra de fazer alguma coisa.

Outra coisa, cada salina faz uma parte de quatro mil, cinco mil toneladas de sal, por causa da poluição da lagoa caiu a mais da metade a produção, mas também o Brasil quando precisa importa sal do Chile, o nordeste põe sal aqui mais barato do que o nosso, então vai acabar de vez.

Então acabando com o salineiro, acaba com a gente que presta manutenção, e prestar manutenção está muito difícil, porque é um trabalho muito pesado. As salinas não têm estradas, permanece como foi feito naquele tempo, eles colocaram o moinho perto daquele valão, e vinha de barco, fizeram estradas pelo meio, não fizeram estradas para dentro das salinas, então tem que entrar com carrinho de mão, muito trabalhoso, eles também não melhoraram nada, não tem uma salina dentro de Praia Seca que tem luz, não tem uma salina que tenha água, a água tem que carregar em tambor, a luz se quiser trabalhar tem que ter um gerador, ficou tudo muito atrasado, eles tiram o sal ainda na mão, no rodo, você olha a mão dos homens tudo com calo só, e por serem puxadores de sal eles não têm conhecimento de moinho, o moinho quebra eles deixam para lá.

C- E como está a situação hoje?

JC- Hoje existem umas dez salinas funcionando, se tiver.

C- E todas têm moinho?

JC- Todas têm, quebrados, em mau uso, mas todas têm. Se não tiver isso aí o prejuízo é maior, porque é de graça, a energia eólica é de graça, e as bombas mesmo que não consertem

são de madeira, do mesmo jeito que os portugueses fizeram e não tiveram recursos de fazer de outra maneira, aquela coisa quadrada, que puxa a água precariamente, se é para puxar 20 litros puxa 10. Então hoje existem as 10 salinas e eles falam da seguinte maneira não se sabe se na próxima safra vai ter lucro ou prejuízo. Existe um problema muito sério na nossa região, quando tem muito sal eles barateiam mais ainda, e eles precisam vender, eles não podem aguentar aquele sal para esperar um preço maior. Então está no final realmente.

E é com muita tristeza que eu falo isso, eu guardei alguns para o museu, e o que acontece, todo museu quer as peças doadas, e eu não consegui as peças doadas, eu comprei, e não comprei barato não, comprava e ia guardando, e ficaram essas peças todas aí que comprei para museu sem conseguir colocar em um museu. Apareceu um rapaz de Cabo Frio aqui que queria de doação, mas não custava nada a secretaria de cultura me procurar, dar um apoio nisso aí, quero que me pague o preço justo, para eu deixar a história pronta e dizendo isso aqui é de 1888, esse é 1900, esse 1904, está funcionando até hoje nas salinas, esse é dos anos 40, dos anos 60. Eu tenho aí um Gigante, a máquina dele pesa 1000 quilos, quando eu o comprei foi uma bagatela, foi uma bagatela, mas para mim custou mil reais.

C- Sr. Carlinhos, hoje o senhor é o único que trabalha com moinhos, não é?

JC- É, as pessoas que trabalhavam com isso aqui foram adoecendo, morrendo, como é natural. Tinham dois lá na Figueira que morreram na mesma época. Até já veio uma pessoa aqui me pedindo para ir lá, mas eu não quis porque lá já é Arraial do Cabo, já pertence à outra prefeitura. Então estou só, eu aí para fazer isso tudo. Como não está valendo a pena, não tenho condições de continuar.

C- Sr. Carlinhos, o seu avô veio para cá porque, o senhor sabe?

JC- Não sei. Só sei que ele veio junto com os outros portugueses que vieram para trabalhar em salinas.

Ele veio morar aqui para dentro Araruama e os da salina vieram e buscaram ele para trabalhar. Meu avô fazia coisas que ninguém fazia, soldava sem luz, sem esses aparelhos de oxigênio para solda, fazia tudo na forja, naquele carvão.

C – E seu avô passou esse conhecimento para o seu pai?

JC- É.

C- E seu pai passou para o senhor?

JC- Meu pai passou para mim e para meus irmãos. Só um, além de mim que quis continuar com isso.

C- E só a sua família trabalhava com moinhos aqui?

JC- Não, tinha um rapaz chamado Francisco Maquinista, mas ele trabalhava muito diferente da gente.

C- Sei.

JC- Você sabia logo quando o serviço era dele. Existiam umas peças especiais, que tínhamos que encomendar e ele adaptava outro tipo parecido e tal, ele era trabalhador, mas não era bom nisso aí não. Em Araruama tinha mais quem? Tinham poucos, o meu irmão que trabalhou pouco e parou, eu fiquei no lugar dele. O meu irmão preferiu ficar com oficina que tinha muito movimento na época que tinha extração de conchas, grandes moagens, aquelas barcas de tirar conchas então tinha muito serviço de torno e de solda.

Nós tínhamos tanto serviço que nós tínhamos que fugir aos sábados. Senão tínhamos que trabalhar sábado e domingo também para atender na manutenção das salinas, nas moagens de sal que não queriam parar durante a semana para consertar.

Hoje eu não tenho quase serviço nenhum, as moagens de ostras foram fechadas pelo IBAMA, a extração de conchas da lagoa foi proibida, era para a Companhia Nacional de Álcalis, e não

foi a extração de conchas que poluiu a lagoa. Então esses serviços acabaram. Ficaram os serviços das salinas e das moagens de sal. As moagens também foram fechando...

C- Tem poucas hoje?

JC- Devem ter umas duas, as moagens não resistiram também ao preço barato do sal e toda a modificação que teve.

No meu ramo, só ficou o moinho mesmo.

C- E o senhor passou para alguém esse conhecimento?

JC- Não consegui. Não é dizer que eu não quis fazer uma pessoa para o meu lugar, eu não consegui. Por incrível que pareça, eu tentei, teve um rapaz que acertou, mas um dia ele chegou e falou que não queria mais, eu mesmo já tinha caído de um moinho, quebrado a vértebra.

Então é o seguinte, trabalhar no alto é complicado, você tem que usar cinto, só que a coisa é tão suja de óleo, suja o cinto todo, então tem a cegonha lá em cima, que você tem que trabalhar dentro dela, e todos que eu levei lá para cima e deram uma tremedeira e a parte técnica é muito interessante, mas poucos são os que conseguem entender. Tento explicar um monte de coisas, mas eles não entendem. Tentei colocar mais pessoas porque seria mais cômodo para mim se eu tivesse uma equipe de montagem, mas eu não consegui. Os meus filhos não vão fazer o que faço de jeito nenhum. Botar um macacão todo sujo de graxa e subir numa coisa escorregadia, com risco de cair, até arrisca a subir e cair tudo no chão. O que aconteceu comigo? Os moinhos estão sucateados, a tábua de sustentação tinha quase cem anos, e eu não sabia, cai lá de cima com tudo.

C- Como o senhor vê a continuidade das salinas sem, por exemplo, o seu trabalho?

JC- Eu não vejo jeito... Ela vai acabar. Tem até salina com bomba movida a diesel tocando a salina, mas gasta muito combustível, o motor tem que trabalhar o dia todo e acaba...

C- Onerando.

JC- É. Uma despesa grande e o sal não dá lucro, só dá prejuízo. Então eu acho que quando eu parar, já até anunciei que vou parar, por vários motivos, pelo desgosto que eles deixaram acabar uma relíquia que mantiveram até agora, pela remuneração que não está sendo correta, e pela dificuldade de ajuda que estou encontrando da parte dos próprios salineiros que saíram fora, deixaram na mão dos empregados, eles não querem ajudar, só que tem que ter ajuda, a estrada, por exemplo, gostaria de ir com caminhão munck, mas não tem acesso, não tem estrada.

C- Pelo contrato que os salineiros fazem com os contratantes o conserto do moinho é da responsabilidade dos salineiros, não é isso?

JC- É. O salineiro fez um péssimo negócio, ele passou a salina para o empregado, ele fica com 30% e o empregado fica com 70%. Como o sal não tem valor está difícil de vender, os 30% que ele recebe não tem como pagar imposto e pagar conserto de moinho. E o empregado não tem cuidado com o moinho, porque se quebrar é o patrão que paga. O que está acontecendo agora é falta de cuidado.

C- Tostão é um salineiro que me surpreendeu. Ele tem uma forma de trabalhar, não tem empregado trabalhando fora.

JC- O meu pai era o Pequeno e o meu avô Petronilio Gonçalves da Costa. O meu pai era Petrônio Gonçalves de Oliveira.

C- O senhor começou trabalhando com o seu avô.

JC- Aos quinze anos eu tive que largar os estudos, e tive que trabalhar, e como os salineiros na época estavam ganhando muito dinheiro, mais ou menos em 1962, eu fui aprender a lidar com moinho. Não tive curso de nada. Mas para trabalhar com o torno a pessoa precisa no

mínimo do segundo grau, senão não consegue fazer aquelas contas de graus, é muita matemática.

C- E esse material que o senhor guarda?

JC- Eu tenho um moinho de 1888, tenho um de 1900, pesando mil quilos só a máquina, eu achei interessante comprar ele porque ele é muito grande, precisa de muitos homens para pegar aquilo e como naquela época montaram aquilo? Eu montei, mas usei um caminhão munk, tenho uns que rodam ao contrário, a data deles vem gravada na carcaça, então eu acho que tem que resgatar isso aí. Tenho documento que fala da fabricação deles desde 1888.

C- E os moinhos das salinas que estão sendo desativas?

JC- Sou eu mesmo quem desmonta. Na salina dos Pedrosa, eles estão pagando para desmontar. E é com a mesma dificuldade, sem lugar para entrar o munk, sem lugar para botar nada, desmonta, coloca no chão, transporta em carrinho de mão sem ninguém para ajudar.

C- Seu Carlinhos, muito obrigada pela sua entrevista.

JC- De nada, quando precisar, eu acho que o desfecho final que vou passar para você, eu pensei que fosse morrer sem contar essas histórias para alguém, pelo menos essa história é interessante. Esses portugueses são tão danados, construíram barcos, construíram barcaças, construíram salinas sem trator sem nada, só na mão mesmo, fizeram uma coisa que você olha assim, aquelas linhas certinhas, niveladas, quer dizer, nivelada e desnivelada para a água correr, enfim.